

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TECNOLOGIAS, COMUNICAÇÃO E
EDUCAÇÃO

SÍLVIA BEATRIZ DOS SANTOS

A IDENTIDADE DO VELHO NA CIBERCULTURA:
ANÁLISE CULTURAL DA EXPERIÊNCIA DO GRUPO OS MAIS VIVIDOS DE
UBERLÂNDIA

UBERLÂNDIA - MG

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TECNOLOGIAS, COMUNICAÇÃO E
EDUCAÇÃO

SÍLVIA BEATRIZ DOS SANTOS

A IDENTIDADE DO VELHO NA CIBERCULTURA:
ANÁLISE CULTURAL DA EXPERIÊNCIA DO GRUPO OS MAIS VIVIDOS DE
UBERLÂNDIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, na linha de Tecnologias e Interfaces da Comunicação, orientada pelo professor Dr. Gerson de Sousa.

UBERLÂNDIA-MG

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

S237i Santos, Sílvia Beatriz dos, 1978-
2019 A identidade do velho na cibercultura [recurso eletrônico] : análise cultural da experiência do grupo os mais vividos de Uberlândia / Sílvia Beatriz dos Santos. - 2019.

Orientador: Gerson de Sousa.

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2019.955>

Inclui bibliografia.

Inclui ilustrações.

1. Educação. 2. Comunicação. 3. Cibercultura. 4. Memória. I. Sousa, Gerson de, (Orient.) II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação. III. Título.

CDU: 37

SÍLVIA BEATRIZ DOS SANTOS

**A IDENTIDADE DO VELHO NA CIBERCULTURA:
ANÁLISE CULTURAL DA EXPERIÊNCIA DO GRUPO OS MAIS VIVIDOS DE
UBERLÂNDIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, na linha de Tecnologias e Interfaces da Comunicação, orientada pelo professor Dr. Gerson de Sousa.

Uberlândia-MG, 28 de fevereiro de 2019.

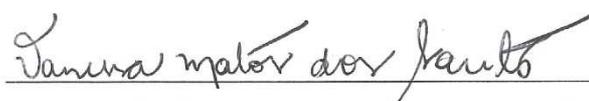
BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Gerson de Sousa
Universidade Federal de Uberlândia - UFU

Participou por meio de webconferência

Prof. (a) Dr. (a) Lucilene Cury
Universidade de São Paulo - USP



Prof (a) Dr (a). Vanessa Matos dos Santos
Universidade Federal de Uberlândia - UFU

Dedico este trabalho à minha mãe, Joana Lúcia, que foi a minha grande inspiração, e ao meu pai, José, por continuar me motivando e me orientando acerca do caminho a seguir.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me concedido o privilégio de estar aprimorando meus conhecimentos e desenvolvendo enquanto ser humano.

A Maria Inez, Dejamir, Eunice, Lázaro, Lurdinete e Venildes, por terem me confiado memórias tão ricas de suas vidas. A vocês, todo meu carinho e minha gratidão pela fundamental participação em mais uma etapa que se realiza em minha vida.

Ao meu orientador Prof. Dr. Gerson de Sousa, pela sensibilidade, paciência e disponibilidade durante todo o processo que me permitiu a compreensão muito além da ideia inicialmente proposta.

A Luciana Santos, secretária do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação pela gentileza e por me atender, sempre, de maneira tão atenciosa e interessada.

Ao Rafael Tannús, gerente regional do SESC, por ter aberto as portas do SESC Uberlândia e acolhido minha pesquisa dentro da Instituição.

A Fernanda Reis, analista de negócios do SESC Uberlândia, sempre tão disponível e delicada nos diversos encontros que tivemos e, inclusive, pela boa vontade no repasse de informações fundamentais para o desenvolvimento de minha pesquisa.

A todos os amigos que, de algum modo, participaram da construção deste estudo, em especial, a Angélica Pinho, Carla Novais e Fillipe Alves.

RESUMO

Esta dissertação tem por finalidade avaliar como o sujeito velho, aqui compreendido como um grupo marginalizado da sociedade, é capaz de transpor suas experiências de vida no estabelecimento de um processo comunicativo com significado e promoção de conhecimento para sua vida e o relacionamento com o outro. A questão norteadora desta pesquisa é: pode-se afirmar que, na velhice, o sujeito está sendo capaz de relacionar e problematizar suas histórias de vida e sua identidade por meio do uso comunicativo da cibercultura? Para tanto, a metodologia utilizada no desenvolvimento da pesquisa será a análise cultural, como método de investigação dos processos comunicativos, e com base na centralidade do sujeito nas práticas sociais. A partir desse método, busca-se realizar a análise da conjuntura cultural, social e política em que o velho se encontra inserido, ressaltando a importância de seus momentos vividos, suas experiências, suas escolhas e ações praticadas ao longo de sua vida. Na cibercultura, a dinâmica das relações sociais adquire um novo corpo que coloca o sujeito em conflito com a estrutura e diante de outras perspectivas. Por esse motivo, buscou-se refletir, ao longo do trabalho, se o velho consegue materializar seus conhecimentos, sua memória e sua identidade dentro desse novo espaço real e, ao mesmo tempo, virtual de características novas, desconhecidas e em constante transformação.

Palavras-chave: Comunicação. Cibercultura. Estudos Culturais. Memória. Velhice.

ABSTRACT

This dissertation aims to evaluate how the old subject, here understood as a marginalized group of society, is able to transpose his life experiences in the establishment of a communicative process with meaning and promotion of knowledge for his life and the relationship with the other. The guiding question of this research is: could somebody affirm that, in a old age, the subject is being able to relate and problematize his life stories and his identity through the communicative use of cyberculture? Therefore, the methodology used in the development of the research will be the cultural analysis as a method of investigation of the communicative processes and based on the centrality of the subject in social practices. From this method, it has sought to carry out the analysis of the cultural, social and political conjuncture in which the old man is inserted, emphasizing the importance of his lived moments, his experiences, his choices and actions practiced throughout his life. In cyberculture, the dynamics of social relations acquires a new body that places the subject in conflict with the structure and before other perspectives. For this reason, sought to understand, throughout the work, if the old man can materialize his knowledge, his memory and his identity within this new real space and at the same time virtual, of new features, unknown and constant transformation.

Keywords: Communication. Cyberculture. Cultural Studies. Memory. Old-age.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
1.1 Materialidade e Elementos de análise da pesquisa	14
2. EMBASAMENTO TEÓRICO: A COMPREENSÃO DO SUJEITO A PARTIR DO MÉTODO DE ANÁLISE CULTURAL	17
2.1. A Cultura como valor de transformação social	17
2.2. A importância da Identidade Cultural na formação do sujeito	23
2.3. O (Re) trabalho da memória para a construção da identidade	27
3. CONCEPÇÕES SOBRE A VELHICE	31
3.1 A concepção da velhice segundo o Serviço Social do Comércio	31
3.1.1. Contextualização Histórica do SESC	31
3.1.2 Os Mais Vividos do SESC: A fonte da pesquisa	33
3.2. A velhice do ponto de vista histórico-conceitual	36
3.3. Os Mais Vividos e suas concepções sobre velhice	44
4. A SOCIABILIDADE DO VELHO NA ERA DA INTERNET	57
4.1. A cibercultura propiciadora de uma nova dinâmica social	57
4.2. A velhice e as novas perspectivas da sociabilidade na cibercultura	61
4.3. Perspectivas da velhice na cibercultura: A experiência dos integrantes do Grupo Os Mais Vividos dos Sesc Uberlândia	64
5. A VELHICE NA CIBERCULTURA	73
5.1. O refazer da experiência	73
5.2. Dilemas da velhice na cibercultura	76
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
7. BIBLIOGRAFIA	89
8. APÊNDICE	93
9. ANEXO	140

1. INTRODUÇÃO

A população brasileira está envelhecendo. Esta frase resume bem a notícia que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou em julho de 2017¹. De acordo com o Instituto, o número de habitantes do país deve parar de crescer em 2047. E vai além ao projetar que, no ano de 2060, mais de um quarto da população brasileira terá mais que 65 anos de idade. Sem dúvida, o conhecimento da estatística que demonstra um processo de envelhecimento da população brasileira é um estudo relevante que deve fornecer importantes elementos para a criação de políticas públicas que visem à garantia de direitos fundamentais deste público em específico. Entretanto, compreender o velho como parte integrante da população econômica e socialmente ativa é premissa básica e necessária para essa análise.

Nesse entendimento, pensar a velhice e as novas possibilidades que essa população vivencia em seu cotidiano requer um olhar mais aprofundado dos pontos de vista histórico, social e cultural. Sabe-se que em um mundo globalizado como o vivenciado na atualidade, os novos meios de comunicação expandiram o leque de possibilidades e sugerem, a todo instante, novas formas para promoção da interação social com o objetivo de estreitar distâncias e facilitar o convívio entre crianças, jovens, adultos e velhos. Todavia, em decorrência das particularidades que definem a velhice, é viável analisar até que ponto os sujeitos que fazem parte desse núcleo social chamado velhice participam, de forma efetiva, desse desenvolvimento tecnológico e científico vivenciado na atualidade.

Embora o processo biológico e universal que consiste em nascer, crescer e morrer seja condição natural da existência humana, o sentido da velhice se modifica dependendo da cultura, sociedade e história de um povo. No Brasil, existem diversas formas de se reconhecer o velho, que se alteram na medida em que a construção histórica e social da velhice é percebida na sociedade. Dentre essas formas, estão as expressões: aposentado, terceira idade, melhor idade e idoso. Essas formas de tratamento são algumas das representações sociais da velhice e estão relacionadas à garantia de direitos sociais e ao novo estilo de vida dessa população. Por outro lado, podem também estar relacionadas ao preconceito e à negação da velhice.

¹ Dados disponíveis em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/21837-projecao-da-populacao-2018-numero-de-habitantes-do-pais-deve-parar-de-crescer-em-2047>>. Acesso em: 19 ago. 2018.

Deve-se considerar que, mesmo com a idade avançada e as limitações físicas decorrentes do desgaste natural do corpo, o velho ainda é considerado um ator político no contexto social. A chegada da aposentadoria possibilita uma etapa diferente na vida desses sujeitos que, livre das obrigações relacionadas ao trabalho e ao cuidado com filhos, podem, ainda que na teoria, experimentar novas identidades, criar novos sentidos e repensar suas vidas.

No entanto, apesar de todas as possibilidades que essa fase da vida proporciona, para o velho, manter-se ativo e participante na sociedade atual não é tarefa fácil. Em um cenário de exclusão social, no qual parte da sociedade reduz a participação do velho no mundo contemporâneo a uma condição de incapacidade e incompetência para assimilar novos conhecimentos, inclusive, relacionados ao acesso, compreensão e compartilhamento de informação, tem sido cada vez mais perceptível a presença desse grupo em atividades do cotidiano, tanto pelo aumento do quantitativo populacional quanto pelo apelo tecnológico das ferramentas disponíveis no atual contexto social, como por exemplo, a internet.

Assim, a problemática desta pesquisa tem a proposta de avaliar como os sujeitos velhos, aqui compreendidos como uma classe marginalizada da sociedade, são capazes de transpor suas experiências de vida e estabelecer um processo comunicativo com significado e promoção de conhecimento para suas vidas e no relacionamento com o outro.

Do mesmo modo, pretende-se abordar, como questão norteadora do trabalho, a seguinte indagação: pode-se afirmar que o velho está sendo capaz de relacionar e problematizar suas histórias de vida e sua identidade por meio do uso comunicativo da cibercultura?

Nesse universo novo, gerado pelos avanços tecnológicos, pelas novas relações de trabalho e pelas demandas econômicas e sociais, é primordial que esses atores da terceira idade manifestem seu interesse e resistência para vivenciar, de forma participativa, as novas relações que terão de estabelecer com a sociedade de modo geral. Por esse motivo, é essencial tratar, nesta pesquisa, dos conceitos de velhice, memória e identidade no mundo contemporâneo, a fim de compreender como as representações sociais da velhice, criadas a partir da necessidade de reinvenção de um novo estilo de vida desse público, são necessárias para a inclusão do velho no contexto social vivenciado na atualidade.

O interesse de abordar o tema é explicado, sobretudo, a partir de três perspectivas. A primeira, a partir da necessidade de compreender um pouco mais de um momento da vida que, inevitavelmente, todos vão ter que vivenciar: a velhice. Segunda, de maneira especial, a partir de uma importante referência: minha mãe, que aos 60 anos, após passar por uma experiência

difícil em sua vida, superou um momento de perda e conseguiu se reerguer vislumbrando, a partir dessa experiência negativa, um mundo até então desconhecido, com perspectivas diferentes que trouxe novos sentidos para a sua vida por meio da participação em grupos específicos da terceira idade. E, terceira, e não menos importante, pela vontade de privilegiar um grupo que nem sempre é objeto de pesquisa e que, como destaca Ecléa Bosi (1994) na obra *Memória e Sociedade*, é sempre deixado para trás nas representações dominantes da sociedade: o velho.

A partir destas três perspectivas, portanto, acredita-se que seja possível analisar como o conhecimento, independente de idade, pode ser capaz de mudar as pessoas e criar novas perspectivas e formas de interação social que são extremamente necessárias para a convivência saudável nos tempos atuais, onde cada vez mais percebe-se a tendência ao isolamento das pessoas.

Nesse contexto, a comunicação pode ser tratada como único meio capaz de promover interações e melhorar o convívio entre os diferentes atores sociais. O ato de se comunicar é algo transformador na vida das pessoas. Especialmente nesse universo novo, gerado pelos avanços tecnológicos, pelas novas relações de trabalho e pelas demandas econômicas e sociais, é primordial que a sociedade compreenda e considere que cada sujeito é singular e não pode estar reduzido apenas à condição de usuário de uma determinada tecnologia. Mais primordial, ainda, é poder considerar que as novas possibilidades advindas deste avanço tecnológico devem permitir ao velho, a participação efetiva no contexto social, não somente pelo simples acesso ao chamado mundo virtual, mas, sobretudo, pela possibilidade de produção e propagação de um conhecimento que exteriorize sentido das suas vidas.

A metodologia proposta é a análise cultural, ancorada na perspectiva dos Estudos Culturais como método de investigação dos processos comunicativos e baseada na centralidade do sujeito nas práticas sociais a fim de criar significado e movimento ao cotidiano social dos velhos que fizeram parte desta pesquisa.

Moraes (2016) compreende que o método de análise cultural pressupõe uma análise de dados colhidos de forma qualitativa, a partir de uma visão que aborda aspectos de natureza política, conjuntural, estruturas de sentimento e articulação entre produção e consumo de um determinado fenômeno.

Por meio desse protocolo metodológico é possível verificar as diferentes

interfaces e interações entre os eixos dos circuitos e seus possíveis desdobramentos, em particulares categorias analíticas trazidas por pesquisadores que façam uso dos circuitos de cultura, no intuito de prover uma visão ampliada da complexidade inerente a pesquisas que trazem em seu bojo temáticas próprias da cultura midiática contemporânea. (MORAES, 2016, p. 35)

Por meio dessa abordagem qualitativa de caráter explicativa dos sujeitos da pesquisa, busca-se realizar uma análise da conjuntura cultural, social e política em que o velho se encontra inserido, ressaltando a importância de seus momentos vividos, suas experiências, suas escolhas e ações praticadas ao longo de sua vida. Desse modo, o intuito do estudo é considerar, muito além de dados meramente estatísticos, outros elementos que possibilitem a discussão de valores e sentimentos que compõem, culturalmente, esses sujeitos na sociedade para que seja possível contextualizar e interpretar a realidade destes atores sociais.

As informações que subsidiaram a pesquisa foram coletadas por meio da contextualização histórica do grupo Os Mais Vividos do Serviço Social do Comércio (SESC) da cidade de Uberlândia-MG, da identificação dos participantes e da realização de entrevistas com os selecionados, a fim de privilegiar relatos de experiências e memórias desses sujeitos com o propósito de possibilitar a compreensão e reflexão dos dilemas de vida dos entrevistados, as características dessa participação na cibercultura e, ainda, como este grupo se percebe no contexto social em que vive.

O trabalho fundamenta-se, epistemologicamente, no materialismo histórico dialético de Karl Marx, uma vez que essa vertente teórica compreende que as relações humanas e sociais estão marcadas pela materialidade, envolvendo as relações de convívio e produção de conhecimento dos sujeitos.

É importante enfatizar que a dialética, para ser materialista e histórica, não pode constituir-se numa “doutrina” ou numa espécie de suma teológica. Para ser materialista e histórica tem de dar conta da totalidade, do específico, do singular e do particular. Isto implica dizer que as categorias totalidade, contradição, mediação, alienação não são apriorísticas, mas construídas historicamente. (FRIGOTTO, 2010, p. 79)

Neste contexto, pode-se afirmar que não há, em um mundo dialético onde as coisas se movimentam e são contraditórias, um modelo completo de coisas acabadas. As relações humanas se constituem em um processo de mudança contínua que trazem consigo todas as suas

contradições, conflitos e transformações vivenciadas pelos sujeitos que, inevitavelmente, refletem no ambiente em que estão inseridos.

O presente trabalho não tem a pretensão de solucionar todos os problemas e dificuldades vivenciados pelo público idoso, mas pretende contribuir para uma reflexão no que diz respeito à inclusão, participação e melhor convívio entre o sujeito velho e as demais categorias sociais, bem como sua relação com as facilidades advindas dos novos meios de comunicação disponíveis na atualidade, estando estruturado em cinco capítulos.

Após a Introdução, no capítulo II, busca-se refletir sobre a compreensão do sujeito a partir do método de análise cultural e, portanto, das contribuições apresentadas pelos Estudos Culturais. No capítulo III, pretende-se problematizar os conceitos de velhice do ponto de vista conceitual-teórico e da visão dos sujeitos que subsidiaram a pesquisa. Já no Capítulo IV, o objeto de discussão concentra-se na análise do nível e qualidade da sociabilidade que se estabelece entre os sujeitos por meio da participação na cibercultura e acesso ao ciberespaço. Dessa forma, compreender o significado da tecnologia adotado pelos sujeitos da pesquisa é essencial para que se tenha clareza do sentido de sua utilização, de modo a permitir um posicionamento acerca do potencial comunicativo estabelecido nas relações entre os sujeitos selecionados neste estudo. No capítulo V, pretende-se analisar a relação entre a memória e a experiência de vida do velho, sujeito da pesquisa, a fim de compreender se essa experiência de vida está sendo valorizada no tempo presente.

Por último, serão apresentadas as Considerações Finais da pesquisa.

1.1 Materialidade e Elementos de análise da pesquisa

Na cidade de Uberlândia, encontramos, pelo menos, três grandes projetos que buscam, por meio de ações diversas, evidenciar a questão da promoção social do velho a fim de que esse público possa ser capaz de acompanhar as mudanças do mundo contemporâneo de forma saudável e interativa. Destaca-se dentre estas entidades, o Serviço Social do Comércio - SESC, a Prefeitura Municipal de Uberlândia e a Universidade Federal de Uberlândia.

Uma vez que o presente estudo está relacionado à participação do velho na nova dinâmica social que se estabelece na chamada cibercultura, como fonte da pesquisa, foram consideradas informações referentes ao curso de informática oferecido, especificamente, aos

componentes do grupo Os Mais Vividos do SESC Uberlândia.

Conforme dados disponibilizados pelo SESC, em Uberlândia, o grupo Os Mais Vividos foi criado na década de 1970 e conta, atualmente, com a participação de aproximadamente 250 pessoas com mais de 60 anos matriculadas em atividades diversas, tais como oficinas de canto/coral, memória ativa, palestras, dança, ballet e intercâmbio de grupos. Estas atividades são oferecidas com o propósito de promover a interação social e melhoria da qualidade de vida desse grupo, por meio de um conjunto de ações socioeducativas que ressaltam o potencial participativo do velho bem como o exercício de sua cidadania.

As oficinas de informática foram oferecidas aos componentes desse grupo entre os anos de 2014 a 2017. Para fomentar a pesquisa, foram realizados levantamentos anuais dos referidos anos, com informações detalhadas do conteúdo programático do curso disponibilizado aos participantes, tais como, quantitativo de matrículas, carga horária, número de turmas e planos de aulas, conforme consta na Tabela 1 e Anexo B deste trabalho.

O período a ser considerado para a coleta das informações referentes ao projeto coincidiu com o período em que a oficina de informática esteve disponível aos participantes do grupo Os Mais Vividos, ou seja, entre os anos de 2014 a 2017.

Na unidade de Uberlândia, o curso foi disponibilizado ao longo do ano de 2014 até o mês de abril do ano de 2017. Seu objetivo era promover o desenvolvimento de habilidades e competências ligadas à área de tecnologia de nível básico, desenvolver no aluno o interesse pela informática, promover o estudo e a discussão de temas e tendências atuais relacionados à área de tecnologia e, sobretudo, oportunizar aos alunos, os conhecimentos básicos do sistema operacional Windows e pacote Office, visando a inserção no mercado de trabalho, bem como, a inclusão social digital dos alunos. (SESC, 2016).

Em Uberlândia, o curso de informática foi dividido entre Informática Básica e Informática Básica para a Terceira idade. Ambos os cursos apresentavam semelhantes objetivos e propostas conceituais e tinham duração aproximada de dois meses e meio, com aulas distribuídas três vezes por semana, totalizando a carga horária de 60 horas. O que diferenciava os módulos era, portanto, a faixa etária dos participantes. No caso do curso de informática voltado para a terceira idade, eram matriculados alunos com idade superior a 60 anos.

Para que seja possível uma visão ampla do projeto desenvolvido nas oficinas de informática, na Tabela 1, foram realizados levantamentos anuais dos cursos abrangendo o número de turmas e total de participantes atendidos no curso de informática básica para o

público da terceira idade. A partir do conhecimento dessas informações, foi possível ter acesso às fichas cadastrais e a outras informações relevantes para a seleção dos sujeitos da pesquisa e elaboração do roteiro das entrevistas.

Tabela 1 – Registros de matrículas no curso de informática para a terceira idade do SESC Uberlândia:

Ano	Período do Curso	Número de aulas semanais	Horário das aulas	Número de participantes
2014	14/04/14 a 18/06/14	03	13h50 às 15h30	13
	21/07/14 a 24/09/14	03	13h50 às 15h30	16
	29/09/14 a 29/12/14	03	13h às 15h	13
2015	02/02/15 a 15/04/15	03	13h às 15h	15
	22/04/15 a 30/06/15	03	13h às 15h	12
	20/07/15 a 28/09/15	03	13h às 15h	12
	05/10/15 a 16/12/15	03	13h às 15h	16
2016	15/02/16 a 20/04/16	03	13h às 15h	14
	02/05/16 a 06/07/16	03	13h às 15h	16
	25/07/16 a 28/09/16	03	13h às 15h	16
2017	13/02/17 a 26/04/17	03	13h às 15h	15

Fonte: SESC – Uberlândia – Elaborado pela autora, com base em dados fornecidos pela Instituição.

Simultaneamente, a pesquisa histórica do SESC teve como objetivo a compreensão dos fundamentos da instituição e de seus projetos desenvolvidos, tanto em âmbito estadual quanto municipal. Nessa pesquisa, teve-se acesso a informações que retratam a relevância da instituição na prestação de serviços à população, evidenciando que o SESC desenvolve um relevante papel social.

É importante ressaltar que grande parte das informações sobre os participantes do grupo foram, gentilmente, repassadas pela Analista de Serviços Sociais do SESC Uberlândia-MG, Sr.^a Fernanda Altima Reis. Essas informações tiveram fundamental peso na definição dos critérios de escolha para a definição do universo daqueles que foram os sujeitos da pesquisa e, portanto, entrevistados em profundidade, pois diziam respeito ao grau de participação e engajamento desses participantes nos diversos cursos e oficinas promovidos pela instituição.

Por fim, para subsidiar a pesquisa, foram selecionados seis participantes do SESC Uberlândia, tomando por base duas principais características: 1. Participantes do grupo Os Mais Vividos e 2. Participantes do curso de informática para idosos do SESC Uberlândia. Pelo critério de seleção, foram selecionados idosos que permanecem desenvolvendo atividades no SESC Uberlândia, sendo elas: Lurdinete, Dejamir e Venildes e idosos que se desligaram da instituição, sendo eles: Eunice, Lázaro e Maria Inez.

2. EMBASAMENTO TEÓRICO: A COMPREENSÃO DO SUJEITO A PARTIR DO MÉTODO DE ANÁLISE CULTURAL

2.1. A Cultura como valor de transformação social

A partir de um olhar crítico sobre as diversas expressões culturais que compõem o tecido social da atualidade é possível identificar a importância e o caráter multidisciplinar assumido pelos Estudos Culturais e, portanto, da cultura. Pode-se identificar sua relação entre diversos campos tais como: economia, política, conjuntura social, história e artes. São grandezas consideradas neste trabalho, interligadas e de diferentes proporções que se alteram e modificam conforme a intensidade de participação de cada uma delas no movimento vivenciado pelos sujeitos que aqui têm fundamental participação nas transformações que ocorrem no contexto social.

Cevasco (2003) esclarece que os Estudos Culturais tiveram seu surgimento no *Center for Contemporary Cultural Studies (CCCS)*, localizado na Universidade de Birmingham, Inglaterra, nas décadas de 1950 e 1960. Seus principais criadores foram os professores Richard Hoggart (1918-2014), Edward Palmer Thompson (1924-1993), Raymond Williams (1921-1988) e Stuart Hall (1932-2014). O início de seus projetos de estudo ocorreu no período de Pós-Segunda Guerra Mundial, concomitantemente, com um momento de revoluções comportamentais e de ordem tecnológica possibilitadas pela Terceira Revolução Industrial que teve, como desdobramento, o chamado processo de globalização com reflexos importantes na sociedade inglesa e mundial.

De acordo com Cunha (2010), “apesar dos Estudos Culturais terem um nome, não estão institucionalizados, mas estão no campo da Comunicação, propondo um debate original sobre cultura, pensando-a como instrumento de reorganização social” (CUNHA, 2010, p. 13). Nessa perspectiva, uma proposta que seja capaz de dialogar com diferentes áreas do conhecimento talvez seja o melhor – senão o único – caminho capaz de favorecer e ampliar o sentido e o entendimento de inúmeras questões relacionadas a temas cada vez mais recorrentes na sociedade atual, merecendo destaque questões que envolvem o processo comunicativo.

As mudanças e reorganizações ocorridas do ponto de vista social, econômico e político são prerrogativas importantes para ressignificar o sentido da sociedade. Segundo Williams (2011):

Cinco palavras são os pontos-chave a partir dos quais esse mapa pode ser desenhado. São elas indústria, democracia, classe, arte e cultura. A importância dessas palavras, na nossa estrutura moderna de significados, é óbvia. As mudanças em seu uso, naquele período crítico, revelam uma mudança geral nas nossas maneiras características de pensar sobre nossa vida em comum: sobre nossas instituições sociais, políticas e econômicas, sobre os objetivos que essas instituições são destinadas a representar; e sobre as relações com essas instituições e os objetivos de nossas atividades no aprendizado, na educação e nas artes. (WILLIAMS, 2011, p. 15)

De todas as palavras acima, a que Williams atribui maior ênfase de mudança e a que no estudo será considerada, de maneira especial, é a cultura. O conceito de cultura no período que antecedeu a Segunda Guerra Mundial tinha sentido de cultura hegemônica e artística. O primeiro sentido, Williams (1958), ironicamente, conta que conheceu nos salões de chás em Cambridge, quando a cultura tinha um caráter erudito ou canônico, com uma ideia de superioridade social não pelo nível escolar ou posição social, mas pela característica do gosto refinado ou comportamento social das pessoas. Já o segundo sentido, que era defendido pelo autor, trazia uma ideia de cultura popular ou cultura artística, manifestada por meio do conhecimento de poemas, romances, artes plásticas, música, teatro, dentre outras formas de expressão cultural da época. Nesse entendimento, o sentido de cultura apontado pelo autor contraria o sentido estático e de teor erudito, em que somente as classes sociais mais abastadas da época tinham acesso. (WILLIAMS, 1958)

Por meio do aporte teórico dos estudos culturais, a cultura se apresenta como elemento decisivo e central para analisar a construção da produção de sentido a partir da experiência de vida dos sujeitos e, por conseguinte, para compreender as transformações que ocorreram e ocorrem, constantemente, nos âmbitos econômico e político da sociedade. Trata-se de um “sistema de significações mediante o qual necessariamente uma dada ordem social é comunicada, reproduzida e estudada”, constituindo, portanto, um campo de estudo extenso e complexo. (WILLIAMS, 1992, p. 13)

Canclini (2015) sugere que “a própria pluralidade da cultura contribui para a diversidade de paradigmas científicos ao condicionar a produção do saber e apresentar objetos de conhecimento com configurações muito variadas”. (CANCLINI, 2015, p. 36) A cultura, possui, portanto, um caráter híbrido, uma vez que sua definição parte do princípio de que “não é o que o povo tem e, sim, tudo aquilo a que ele pode ter acesso, que chama sua atenção e quer ou pode usar, não podendo ser tratada como algo imposto”. (CANCLINI, 1998, p. 261)

Nessa perspectiva, Williams completa que “a cultura é algo comum a todos. Trata-se de um processo social relacionado aos nossos modos de pensar e relacionar-se dentro de um determinado núcleo social”, que possui caráter pluralista, mutável de criação e recriação de sentidos, sendo, em outras palavras, algo que se entrelaça a todas as práticas sociais. (WILLIAMS, 1958, p. 01)

Pela ótica de Antônio Gramsci² (1891-1937), de hegemonia em contraponto com a noção de base e superestrutura promovida pela teoria marxista, não há uma cultura erudita estática que dita regras e modelos a serem seguidos, pelo contrário, a cultura possui caráter extremamente heterogêneo. Ela não pode, portanto, ser considerada algo posto pelo Estado ou por um grupo social dominante. Assim é algo dinâmico e ativo, que tende a se modificar conforme o conflito existente em um determinado contexto social e a realidade ou interesse dos sujeitos que fazem parte desse meio.

A grande contribuição de Gramsci foi ter enfatizado a hegemonia, bem como tê-la compreendido com uma profundidade que creio ser rara. Pois a hegemonia supõe a existência de algo verdadeiramente total, não apenas secundário ou superestrutural, como no sentido fraco de ideologia, mas que é vivido em tal profundidade, que satura a sociedade a tal ponto e que, como Gramsci o coloca, constitui mesmo a substância e o limite do senso comum para muitas pessoas sob sua influência, de maneira que corresponde à realidade da experiência social muito mais nitidamente do que qualquer noção derivada da forma de base e superestrutura. (WILLIAMS, 2011, p. 51-52)

Williams (2011) afirma que ao defender uma cultura onde a coletividade participa e se beneficia sem distinção ou limitação de acesso, há, nesse meio social, a superação de mecanismos de imposição de valores da classe dominante ou do Estado. Assim, os Estudos Culturais promovem a construção de um novo pensamento crítico centrado em questões que envolvem a importância do conceito de identidade do sujeito e no combate às formas de dominação cultural pautada, sobretudo, na crítica ao sistema capitalista que, na concepção de Williams (2011), conduziria a população a um processo de subordinação e alienação em relação ao progresso tecnológico.

Na mesma perspectiva, Hoggart (1970), um dos pais dos Estudos Culturais, afirma que

² Antônio Gramsci foi um ativista político, jornalista e intelectual italiano. Um dos fundadores do Partido Comunista da Itália. Lutou contra o fascismo e acabou sendo condenado a passar o resto da vida na prisão. Em 1934, três anos antes de sua morte, recebeu liberdade condicional. (LAJOLO, 1982)

não se deve considerar que o sujeito não seja capaz de fazer suas escolhas ou emitir sua interpretação frente a uma determinada realidade. Por analogia, as facilidades advindas do desenvolvimento tecnológico e científico devem, portanto, ser utilizadas em favor de todos e não apenas para ressaltar uma forma de hegemonia do processo produtivo.

Fico surpreso sempre que vejo alguns autores descreverem a aspiração popular ao bem-estar material com uma forma de materialismo ou alienação. As pessoas do povo procuram certos bens, não porque sejam ávidas por adquirir e consumir os produtos maravilhosos de uma sociedade de consumo, mas porque elas desejam sair de uma condição na qual é preciso lutar constantemente para manter a cabeça acima da água. (HOGGART, 1970, p. 225 apud DALMONTE, 2002, p. 79)

Assim, é preciso considerar que “a realidade do processo cultural deve incluir sempre os esforços e contribuições daqueles que estão, de uma forma ou de outra, fora, ou às margens dos termos da hegemonia específica”, incluindo e reforçando a ideia de constante reelaboração de espaço social, onde é possível criar e recriar novos e antigos padrões por meio da participação de todos os sujeitos constituintes da sociedade. (WILLIAMS, 1979, p. 116)

Williams (2011) considera a teoria marxista para elucidar o fato de que, no materialismo histórico e dialético, o modo de produção é fator determinante para a classificação da posição social de sujeito. Daí a ideia de classes sociais que são definidas a partir das características que envolvem o processo produtivo que, obrigatoriamente, acontece por meio da participação da classe produtiva (operários) e da detentora dos meios de produção (burguesia). Entretanto, para o autor, afirmar que a “natureza”, que, em sua concepção diz respeito a “tudo que não é homem” tenha prioridade sobre a “mente”, que seria o próprio homem, é uma decisão perigosa em razão das constantes transformações vivenciadas na sociedade em que as relações sociais são capazes de alterar padrões de consciência e comportamentos individuais. (WILLIAMS, 2011, p. 147). Para o autor:

De fato, é tentador limitar o marxismo a esse trabalho substancial, no qual nossas lutas políticas e econômicas centrais podem ser alicerçadas de forma bastante firme, embora sempre controversa e aberta. No entanto, logo fica claro que não podemos impor esse limite, não apenas por conta do orgulho, o orgulho herdado, de um desafio sem limites. Boa parte da prática social e cultural é, necessariamente, dirigida para além da história humana, a matérias que simultaneamente a precedem e persistem. Negligenciar ou renunciar a essas direções seria uma grande derrota cultural. (WILLIAMS, 2011, p. 164-165)

É dentro dessa base marxista que Williams (2007) se apropria de parte do fundamento proposto por Karl Marx, propondo uma revisão do conceito inicial, inserindo-o em outra abordagem, o Materialismo Cultural, onde passa a dar ênfase na centralidade da cultura e do sujeito nas relações sociais. Neste contexto, Moraes (2018) compreende que:

O materialismo cultural de Williams reivindica a ação humana em sobreposição à ideologia e a forças determinantes. Sua centralidade está na cultura, pensada como força produtiva a partir do foco no que é efetivamente vivido pelos sujeitos, estes considerados a partir de suas ações, gerando as determinações no interior das condições e especificidades de classe. (MORAES, 2018, p. 172)

No mundo contemporâneo há uma intrínseca relação entre cultura e comunicação, na medida em que o surgimento das chamadas novas tecnologias ligadas à comunicação, de modo especial a internet, compõem uma nova estrutura social de características e posicionamentos diferentes.

Essa modernidade globalizada não deixa de ser modernidade nem abandona o capitalismo – ao contrário, exacerba-o. Mas hoje atuamos em outra paisagem, que é como a explosão da anterior. Muros e portas caíram, embora continue a haver quem gire por entre suas ruínas. Nessa explosiva explosão tecnológica e econômica, de repertórios culturais e ofertas de consumo, nessa crepitação de mercados e cidades, perderam-se projetos e espaços públicos, mas restam lascas e fragmentos disseminados pela explosão, retomados por movimentos sociais e culturais. (CANCLINI, 2015, p. 160)

A partir da ideia de que a cultura é um elemento central e norteador das transformações sociais, Canclini (2015), afirma que “os meios de comunicação só se decifram a partir das práticas culturais”. (CANCLINI, 2015, p. 153). Fundamentado nessa afirmação, fica claro que as transformações culturais que conduziram a humanidade a este novo momento da modernidade redefinem, sobremaneira, as modificações do processo comunicativo.

Numa expressa crítica a esse modelo de ideologia hegemônica, ditado pelo sistema capitalista, Martin-Barbero (1997), assim como os demais defensores dos Estudos Culturais, também coloca em xeque a ideia de que o processo comunicativo ocorre, de forma massiva, onde o emissor dita as regras, cabendo ao receptor, apenas, o papel de receber e retransmitir, passivamente, a mensagem.

A ideologização impediu que se interrogasse qualquer outra coisa nos processos além dos rastros do dominador. Nunca os do dominado, e muito menos os do conflito. Uma concepção teológica do poder – uma vez que este era considerado onipotente e onipresente – levou à crença de que bastava analisar os objetivos econômicos e ideológicos dos meios massivos para se descobrirem as necessidades que provocavam e como submetiam os consumidores. Entre emissores-dominantes e receptores-dominados, nenhuma sedução, nem resistência, só a passividade do consumo e alienação decifrada na imanência de uma mensagem-texto nunca atravessada por conflitos e contradições, muito menos por lutas. (MARTIN-BARBERO, 1997, p. 279)

O mesmo entendimento é compartilhado por Williams (2011), ao apresentar semelhante argumentação em que reafirma, dentro do campo da comunicação, sua crítica ao fenômeno da comunicação de massa. O processo comunicativo, que tem como base a linguagem em seus diversos formatos para definição do sujeito não deve considerar apenas a transmissão e remessa de determinada mensagem em um único sentido. Existem várias situações do contexto social e cultural que podem e vão influenciar na direção, dimensão ou resposta a uma mensagem.

Uma transmissão é sempre uma oferenda e esse fato deve determinar seu espírito: ela [a transmissão] não é uma tentativa de dominar e sim de comunicar, de conseguir recepção e resposta. A recepção ativa e a resposta viva dependem, por sua vez, de uma comunidade de experiência eficiente e sua qualidade, também certamente, depende de um reconhecimento da igualdade prática (WILLIAMS, 2011, p. 341).

Logo, o receptor da mensagem não somente se intitula como um sujeito que recebe as mensagens, mas um sujeito capaz de participar, efetivamente, da construção do processo comunicativo. O sujeito, portanto, não pode ser visto como indivíduo alheio a todo esse movimento, pelo contrário, seu papel ativo pode manter, selecionar ou alterar todo um conteúdo de característica massiva. Ziviani (2017) argumenta que “as mediações e interações sociais são decisivas para determinar como se realiza o processo comunicacional em cada contexto e sociedade”, bem como redefinir as relações pessoais e sociais entre os sujeitos. (ZIVIANI, 2017, p. 26). Dessa forma, fica claro que tanto o emissor quanto o receptor dialogam dentro do processo comunicativo e esse movimento possibilita uma produção capaz de trazer sentido e significado na relação que se consolida a partir dessa interação, reafirmando o que os estudos-culturalistas propuseram de que não há um processo comunicativo fixo e imutável, onde apenas

o emissor tem voz.

É nesse panorama que a análise cultural como método de procedimento, permite uma visão de mundo que possibilita a compreensão do sujeito dentro do amplo contexto social que se forma e se altera a partir de suas convicções e posicionamentos, ou seja, de sua vivência. Ao longo de sua trajetória de vida do sujeito, novos padrões são estabelecidos a cada momento da história. E, para isso, é primordial que se leve em conta a experiência do sujeito para a construção de sua identidade.

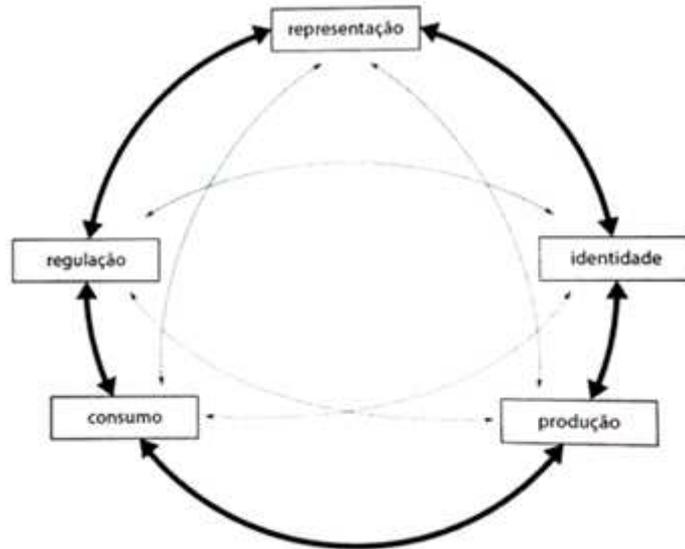
2.2. A importância da Identidade Cultural na formação do sujeito

O impacto provocado pelas transformações tecnológicas altera a história de vida do sujeito. Nesse novo cenário vislumbrado, de modo especial, pela presença dos novos meios de comunicação e informação, não é possível se manter estático na condição de mero expectador frente às mudanças da sociedade.

Na obra “Da diáspora: identidade e mediações culturais”, Hall (2003), reforça a transformação de sentido da identidade no mundo contemporâneo ao utilizar o termo diáspora com significado de dispersão, algo que vive ou que está fora de seu lugar de origem. A globalização reestrutura de maneira importante a visão de mundo dos sujeitos e sua maneira de viver em sociedade. A partir do processo de desterritorialização geográfica, onde as fronteiras físicas deixaram de existir trazendo a sensação de acesso global à informação, o termo utilizado pelo autor é perfeitamente admissível para tentar elucidar o emaranhado de sentidos que podem compor a construção da identidade na sociedade contemporânea.

Hall (2016) defende que há uma relação de proximidade muito forte entre a cultura e a conjuntura política da sociedade. Com base no que o autor denomina de circuito da cultura, apresentado na Figura 1, a representação social que se consolida no âmbito social é fundamentada na compreensão de mundo e nas referências reguladas pela ideologia capitalista de consumo e produção. É, portanto, apoiado nesses dois suportes que a identidade do sujeito é constituída. Trata-se de um processo semelhante a um circuito interligado que compõe todo o tecido conjuntural de uma sociedade.

Figura 1 – O circuito da cultura



Fonte: Hall (2016).

De acordo com esse circuito, a ideia de representação pode ser explicada a partir do intenso movimento de transformação social e cultural da identidade do sujeito em que se percebe a modificação rápida, permanente e fragmentada da imagem criada num determinado contexto. O sujeito se adapta e se modifica a todo instante pelas suas experiências, ideais ou pelas influências do mundo externo, criando representações diferentes ao longo de sua existência capazes de alterar não somente a sua própria identidade, mas também todo o cotidiano social em que vive.

Assim sendo, pode-se considerar que a construção da identidade se efetiva por meio das relações sociais e culturais estabelecidas entre os sujeitos e pelas experiências vivenciadas nessas relações ao longo de suas vidas. Pollak (1990) defende este ponto de vista ao afirmar que:

Ninguém pode construir uma auto-imagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade e que se faz por meio da negociação direta com os outros. (POLLAK, 1992, p. 204)

Posto isso, apesar da existência de movimentos de ideologia dominante ou hegemônica que impõem modelos de representações sociais ao sujeito, o mesmo tem autonomia para construir, reconstruir e, até mesmo, desconstruir sua identidade conforme a produção de sentido

de sua realidade. Ainda que a sociedade esteja inserida em um processo de diversidade cultural com predomínio da “massificação”, que é característico do processo de globalização vivenciado na atualidade, é preciso que essa identidade seja construída em pilares baseados na experiência de vida e na visão de mundo do sujeito. Retondar (2008), nesse entendimento, aponta que:

Se a crítica ao desenvolvimento dos sistemas e processos de massificação e estandardização social produzida por parte da teoria social contemporânea em relação à dissolução da individualidade faz sentido, ela, no entanto, equivocase ao pressupor a existência de um ente singular, real, que estaria sendo ultrapassado por esses sistemas e processos. Ao fazer isso, ela reifica a própria noção de indivíduo como algo absoluto, como um dado da realidade social. Parece-nos, ao contrário, que o que está realmente em jogo seriam, antes de tudo, forças sociais em combate, valores em combate. Exatamente por isso é plausível pensarmos que, mesmo no interior da esfera do consumo, atreladas diretamente ao mercado, possam submergir expressões de subjetividade, mediadas pela atividade consumista. (RETONDAR, 2008, p. 147)

Como já discutido anteriormente, ao considerar na cultura uma característica dinâmica, flexível e sempre mutável, a compreensão do conceito de identidade como algo que permanece fixo não seria capaz de explicar fatos que, a todo momento, se reconstróem no contexto social. Canclini (1998), ao utilizar a expressão “culturas híbridas”, entende que essa característica híbrida da cultura não permite que se leve em consideração uma identidade pura ou autêntica do sujeito. Pelo contrário, “ela evidencia o risco de delimitar identidades locais autocontidas ou que tentem afirmar-se como radicalmente opostas à sociedade nacional ou à globalização”. (CANCLINI, 1998, p. 23)

Assim, aquele sujeito do iluminismo retratado por Hall (2006), “baseado na concepção de indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo centro consistia em seu próprio núcleo interior de onde emergia sua própria identidade”, não é algo concebível no mundo contemporâneo onde processos socioculturais são fortemente influenciados por essa característica híbrida da cultura. (HALL, 2006, p. 10)

Ao enfatizar a característica do sujeito contemporâneo, que não possui uma identidade fixa ou estática e que, portanto, se transforma continuamente de acordo com as formas pelas quais representam e são representados no contexto social, Hall (2006) expõe que:

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e

tradições específicas e parecem flutuar livremente. (HALL, 2006, p. 43)

Hall (2006) questiona a influência do caráter totalitário exercido no processo de globalização. A ideia de que o mundo globalizado tende a moldar o sujeito tem, neste sentido, certa contradição que precisa ser considerada.

Parece então que a globalização tem sim, o efeito de contestar e deslocar as identidades fechadas de uma cultura nacional. Ela tem o efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação e tornando as identidades mais posicionadas, mais políticas, mais plurais e diversas, menos fixas unificadas ou trans-históricas. (HALL, 2006, p. 87)

Portanto, apesar da ideia de integração e pluralidade de pessoas e países, teoricamente observada no mundo globalizado, na prática, percebe-se que não há um movimento de homogeneização cultural. É evidente que existem características e manifestações da cultura local ou regional que tendem a ser sufocadas pela hegemonia nacional por intermédio da comunicação de massa. Entretanto, o processo de “mundialização” destacado por Ortiz (1994) possibilita não apenas a alienação ou submissão do sujeito, mas também destaca o intercâmbio cultural que resulta em uma maior densidade dos processos comunicativos no mundo contemporâneo, uma vez que “entre os homens que se comunicam nesta aldeia global existem tensões, interesses e disputas que os afastam de qualquer ideal comum”. (ORTIZ, 1994, p. 15)

Nessa perspectiva, fica nítida a impressão que se tem quanto a importância atribuída ao sujeito fundamentada nos Estudos Culturais. Sem o sujeito a construção da identidade não se efetiva. Do mesmo modo, é a partir da identidade cultural, de características divergentes e fragmentadas, que os sujeitos se enxergam e se localizam dentro de um determinado contexto social, uma vez que “sem relações de diferenças, nenhuma representação ocorreria”. (HALL, 1996, p. 69)

É evidente que não se pode ignorar as facilidades e vantagens possibilitadas pelo progresso tecnológico, de modo especial, aos novos meios de comunicação para o mundo contemporâneo. Entretanto, ainda que esse progresso tenha sido, de algum modo, capaz de “contribuir para a transição do sujeito centrado e unificado para o descentrado que flutua livremente”, podendo causar uma impressão para alguns de que o homem esteja fora de seu lugar de origem, percebe-se o contrário. As identidades culturais são construídas e modificadas

pela vontade e necessidade dos sujeitos e não pelos meios de comunicação que, nessa discussão, são apenas elementos disponíveis para esta construção. (HALL, 2006, p. 10-11).

Neste ponto do trabalho emerge uma discussão fundamental para o desenvolvimento do estudo: a importância concedida ao conceito de memória para a formação da identidade, posto que a definição da identidade sugere uma reflexão que, inevitavelmente, remete às experiências vivenciadas no passado do sujeito para a construção e reconstrução do seu presente. Tal conceito será objeto de análise e discussão no próximo tópico do trabalho.

2.3. O (Re) trabalho da memória para a construção da identidade

À primeira vista, a ideia de memória pode estar ligada a algo inerte, preso ao passado, uma lembrança de algo que aconteceu e ficou parado no tempo. Entretanto, uma análise mais aprofundada da expressão revela que a memória é dinâmica e transita, continuamente, pelo presente, passado e futuro.

Atribui-se à memória, uma função decisiva no processo psicológico total: a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo atual das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas; como também empurra, desloca estas últimas, ocupando todo o espaço da consciência (BOSI, 1994, p. 47).

Bosi (1994), ao citar William Stern (1871-1938), autor da obra *Psicologia Geral*³ atribui à memória, um caráter individual, seletivo e vulnerável, que possui:

Uma função de conservar o passado do indivíduo da forma que é mais apropriada a ele [indivíduo]. O material indiferente é descartado, o desagradável, alterado, o pouco claro ou confuso simplifica-se por uma delimitação nítida, o trivial é elevado a hierarquia do insólito, e no fim formou-se um quadro total, novo, sem o menor desejo consciente de falsificá-lo. (BOSI, 1994, p. 28)

³ Buenos Aires: Editora Paidós.

Embora a memória seja elaborada apenas no presente, ela tem o poder de ressignificar e repensar o passado uma vez que está relacionada ao tempo vivido pelo sujeito no qual, a partir de suas experiências, é projetada a sua própria identidade. Assim, o ato de lembrar é essencial não somente para o acesso ao passado, no sentido de simples resgate, mas, também, para a construção do futuro, uma vez que as interações entre os indivíduos e o meio contribuem, coletivamente, para a alteração de toda a conjuntura do cotidiano, dos valores e da cultura de uma sociedade.

Para Halbwachs (2006) muito mais do que reprodução, a memória está relacionada a um processo de construção e reconstrução social, sendo, portanto, constituída a partir das relações mantidas entre os sujeitos. Por esse motivo, o autor atribui à memória um caráter coletivo e interativo, uma vez que “o indivíduo isolado não forma lembranças ou pelo menos não é capaz de sustentá-las por muito tempo”, pois necessita de apoio dos “testemunhos para reforçar ou enfraquecer e também para completar o que se sabe de um evento sobre o qual já se tem alguma informação”. Desse modo, a partir da socialização, as lembranças podem ser acionadas ou mesmo recontadas. (RIOS, 2013, p.04); (HALBWACHS, 2006, p. 29).

A memória tem elementos individuais e coletivos em sua concepção. Na concepção individual do conceito, a memória presume a participação de um sujeito na construção de um fato para que, no presente, possa relatar ou armazenar determinada informação no seu meio. Já no sentido coletivo, o conceito de memória se estabelece a partir da combinação das memórias individuais dos integrantes de diferentes grupos os quais o sujeito participa e sofre influência, seja, na família, na escola, no trabalho, nas relações afetivas, dentre outros. E essa combinação está intimamente relacionada à identidade do sujeito, uma vez que parte de um “sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo”. (POLLAK, 1992, p. 201)

Nesse contexto, os conceitos de memória individual e coletiva estão conectados. A memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, uma vez que as lembranças são constituídas no interior de um grupo social. Conforme Halbwachs (2006), “são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo [...] cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva”. (HALBWACHS, 2006, p. 65)

Na mesma perspectiva de Halbwachs, Bosi (1994) compreende que a memória é coletiva, visto que a sociedade não deve se constituir por limites individualistas, entretanto, “é o sujeito que recorda. Ele é o memorizador e das camadas do passado a que tem acesso pode reter objetos que são para ele, e só para ele, significativos dentro de um tesouro comum”, mas

que refletem na produção de sentido da coletividade. (BOSI, 1994, p. 411).

Sousa (2008), compreende que “o sujeito não é objeto vazio, sem experiência, que precisa ser preenchido” (SOUSA, 2008, p. 243). Assim, para que seja possível compreender as transformações pelas quais a memória de um povo atravessa no decorrer dos tempos, se faz necessário revisitar o passado a fim de perceber o movimento de construção da memória. Daí a ideia de (re) trabalho, mas não com o sentido de repetição de algo, mas sim, de ressignificação de sentidos, valores e referências vivenciados no presente, uma vez que é no passado que o sujeito busca o alimento para a compreensão de sua realidade. Na perspectiva do mesmo autor, “ao negar o passado em nome do presente, o homem se fragmenta, se destitui e se sente mais vulnerável” às dificuldades ou aos fatos desconhecidos experimentados no presente. (SOUSA, 2008, p. 22)

O resultado dessa construção está intrinsecamente ligado e demarcado pela identidade do sujeito, ou seja, o passado está posto, mas as experiências de vida onde se desenrolam as inúmeras interações com o meio social e as sucessões de eventos vivenciados pelo sujeito ao longo de sua trajetória podem modificar a sua interpretação frente a um fato acontecido no passado, modificando ou reafirmando sua identidade no presente.

Portanto, a ideia de memória coletiva ou individual, longe de ser um ato mecânico como ocorre, por exemplo, com os dados armazenados na memória de um computador, recupera momentos de história com modificações cuja variação depende das características da identidade do sujeito e do meio no qual o mesmo está inserido, ou seja, levando em consideração as experiências vivenciadas ao longo da trajetória de vida do sujeito.

No que se refere à memória do velho, de fundamental importância neste trabalho, Bosi (1994) afirma que a evocação acontece por motivos distintos em relação ao jovem. A autora explica que o jovem não se ocupa tanto do seu passado e visita a memória na busca por momentos de diversão, lazer ou relaxamento, na tentativa de fuga das pressões da vida cotidiana. Ao passo que o velho recorre à memória a fim de preencher-se do próprio passado, como argumenta a autora:

O velho não se contenta, em geral, de aguardar passivamente que as lembranças o despertem, ele procura precisá-las, ele interroga outros velhos, compulsiva seus velhos papéis, suas antigas cartas e, principalmente, conta aquilo de que se lembra quando não cuida de fixá-lo por escrito [...] Há, um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente do seu grupo: neste

momento de velhice social resta-lhe no entanto, uma função própria: a de lembrar. (BOSI, 1994, p. 60-63)

A partir desse viés, é preciso considerar que a sociedade não deve extinguir a velhice do contexto social apenas pela sua condição. Pelo contrário, valorizar sua experiência e, por conseguinte, a memória dos “guardiões da memória”, é manter viva a chama das referências de um povo e, ao mesmo tempo, dar a oportunidade àqueles com idade avançada de prosseguir acumulando e vivenciando suas experiências num processo contínuo de interação social, desconstruindo a imagem negativa de dependência e incapacidade que a sociedade lhe impõe. (SIMSON, 2004, p. 16)

Em relação à importância de memória do velho para a reelaboração do presente, Bosi (1994) ressalta que:

Eles [os velhos] já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; eles já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis; enfim: sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa adulta, que, de algum modo, ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais intensamente do que a uma pessoa de idade. (BOSI, 1994, p. 60)

Uma sociedade que tem seus valores fixados com base apenas no presente e no futuro incerto movimenta-se e desenvolve-se de maneira limitada, pois não tem referências capazes de lhe fornecer o amparo necessário para romper com conflitos que quase sempre são negociados e resolvidos com o devido respeito a história de um povo. Por essa razão é tão importante compreender o velho como sujeito ativo no contexto social. É justamente em decorrência de sua experiência acumulada e, portanto, pela sua memória, que o velho precisa ser valorizado e incluído no presente.

3. CONCEPÇÕES SOBRE A VELHICE

3.1 A concepção da velhice segundo o Serviço Social do Comércio

3.1.1. Contextualização Histórica do SESC

O Serviço Social do Comércio – SESC, criado por meio do Decreto-Lei nº 8.853/1946, tem por finalidade o planejamento e execução, direta ou indiretamente, de medidas que contribuam para o bem-estar social e a melhoria do padrão de vida dos comerciários e suas famílias, e, por conseguinte, para o aperfeiçoamento moral e cívico da coletividade. Pertencente ao chamado terceiro setor e considerada, na forma de lei, uma entidade de direito de privado mantida pela classe empresarial, está presente em mais de dois mil municípios através de unidades de atendimento fixas ou móveis, localizadas nas capitais e cidades do País.

Vale ressaltar um marco significativo da origem do SESC, quando em 1945, em um período após a 2ª Guerra Mundial e durante o governo de Getúlio Vargas, um grupo de empregados e empregadores percebe a necessidade de propor discussões acerca dos problemas sociais da época, bem como da necessidade de melhoria das condições de trabalho dos brasileiros. Estas discussões culminaram na elaboração da chamada Carta da Paz Social (SESC, 1971), na qual empregados e empregadores brasileiros, em síntese, defendiam a criação de um fundo social, por meio de contribuições da classe empresarial, “para ser aplicado em obras e serviços que beneficiassem os empregados de todas as categorias” auxiliando no combate aos problemas sociais vivenciados, à época, pelo País. (SESC, 2012, p.13)

Em âmbito nacional, existe, atualmente, uma considerável quantidade de serviços oferecidos pela Instituição que engloba cinco grandes áreas, a saber: Educação, Saúde, Cultura, Lazer e Assistencial. De acordo com as diretrizes para o quinquênio 2016-2020 do referido órgão,

A clientela beneficiária do SESC é o trabalhador do comércio de bens, serviços, turismo e seus dependentes. Centrar esforços neste trabalhador – atraí-lo ou ir a seu encontro, estar atento às suas necessidades e aspirações – é ponto vital para a manutenção de nossa identidade institucional. (SESC, 2016, p. 11)

Conforme seu Regimento, aprovado pela Confederação Nacional do Comércio, por meio da Resolução CNC nº 24/68 - SESC nº 82/68, o SESC compreende a Administração Nacional, com jurisdição em todo o país e as Administrações Regionais, com jurisdição nas bases territoriais localizadas nos estados e municípios da Federação (SESC, 1968). Desse modo, as atividades disponibilizadas pela Instituição em nível regional são escolhidas a partir do planejamento de cada unidade regional do SESC, considerando as especificidades e características de cada município. Como estabelecido nas Diretrizes para o quinquênio 2016-2020,

Nesse contexto, se faz necessário fortalecer e aperfeiçoar a Rede de Desenvolvimento Técnico, estratégica à aprendizagem e ao desenvolvimento organizacional de forma colaborativa e integrada em âmbito nacional. Assim, as estruturas locais que a compõem devem contribuir efetivamente para o planejamento estratégico e participativo dos programas formativos, desde a organização da demanda, passando pela concepção de propostas e consequente implementação, acompanhamento e avaliação, com articulação entre as ações formativas de interesse comum, promovidas pelo departamento nacional e as iniciativas locais, correspondentes às especificidades de cada departamento regional. (SESC, 2016, p. 14)

A página institucional do SESC – Departamento Regional Minas Gerais⁴ descreve que o Serviço Social do Comércio foi criado desde 27 de junho de 1948. Sua área de atuação compreende todas as regiões do Estado com, atualmente, 48 unidades, sendo 35 unidades operacionais, e outras 11 unidades móveis, além de duas unidades administrativas. Ainda de acordo com Instituição, são disponibilizados, gratuitamente, aos comerciários e seus dependentes, uma variedade de cursos que estimulam o aprendizado e o desenvolvimento pessoal em diversas fases da vida, tais como: inglês, informática, corte e costura e de iniciação em diversas modalidades esportivas ou linguagens artísticas, voltadas para crianças, adolescentes e velhos.

Embora as atividades oferecidas pelo SESC Minas Gerias – Unidade Uberlândia, sejam destinadas a crianças, adolescentes, adultos e idosos, no presente estudo, foram consideradas informações específicas do grupo Os Mais Vividos por se tratar deste, o ponto de partida para a construção do presente trabalho.

⁴ Informação disponível em: <<http://www.sescmg.com.br/wps/portal/sescmg/home>> Acesso em 10 jan. 2018.

3.1.2 Os Mais Vividos do SESC: A fonte da pesquisa

A Diretriz nº 01/2017 estabelece que o público alvo para participação no grupo Os Mais Vividos são “trabalhadores do comércio de bens, serviços e turismo e público geral já cadastrados anteriormente e frequentes no grupo, com sessenta anos ou mais sem limite máximo de idade”. (SESC, 2017, p. 02)

A partir dessa diretriz definida pelo departamento regional de Minas Gerais, as demais unidades operacionais do Estado escolhem as atividades a serem desenvolvidas em suas localidades. De acordo com o referido documento, que orienta a formação dos grupos em nível estadual:

A escolha das atividades pelo interessado com idade superior a sessenta anos não poderá ser realizada como um cardápio. A partir do conhecimento do perfil do idoso, por meio de entrevista, será possível fazer indicações às atividades que sejam importantes para o desenvolvimento do participante e proporcione a melhoria da sua qualidade de vida. As atividades devem estar todas enquadradas conforme as orientações técnicas e disponibilizadas pela unidade. (SESC, 2017, p. 05)

No âmbito estadual, são desenvolvidas, especificamente, para o grupo de idosos do SESC, as seguintes atividades: Ação voluntariado, Carnaval SESC Abre Alas, Dança, Encontro de socialização e Intercâmbio de grupos, Encontro Idoso Cidadão, Fórum de debates: Valorização da pessoa idosa, Idoso em ação, Memória Ativa (cognitiva), alinhavos da vida, Oficina Oriental – Lian Gung, Oficina Oriental – Tai Chi Chuan, Palestras, Reunião de Convivência, SESC + Vida, Som Social – Canto Coral, Musicalização e Seresta. (SESC, 2018)

Em Uberlândia, seguindo as diretrizes estabelecidas pelo Departamento Regional do SESC Minas Gerais, o programa de assistência com foco no público idoso teve início na década de 1970. Ressalta-se, de acordo com informações disponíveis na página institucional do SESC Uberlândia⁵, que em outubro de 1980, foi criado Grupo de Idosos do Centro de Atividades Uberlândia, com o nome de Os Mais Vividos.

O Manual de Atividade Sistêmica do SESC Uberlândia (2018), aponta que a criação

⁵ Informação disponível em: <http://www.sescmg.com.br/wps/portal/sescmg/unidades/servicos/sesc_uberlandia> Acesso em 10 jan. 2018.

do referido grupo ocorreu “tendo em vista as novas configurações sociais quanto ao aumento da expectativa de vida da população e brasileira e seus diversos desdobramentos”. O SESC entende que “a característica de um grupo social se dá pela rede de vínculos que se estabelece diferenciando de um grupo para o outro e está ligado diretamente ao seu contexto histórico”. (SESC, 2018, p. 04). Ainda em conformidade com o referido Manual, o SESC Uberlândia (SESC, 2018) defende a importância do grupo de idosos, principalmente no que diz respeito ao resgate de vínculos sociais e à reconstrução de identidades. Segundo a Instituição:

A velhice é uma das etapas da vida, contudo é cercada de preconceitos, sejam relacionados aos aspectos fisiológicos, sociais, devido ao afastamento do trabalho remunerado, a vivência de exclusão social e ao isolamento sócio familiar. Assim, o grupo possui um papel fundamental para o indivíduo e, em especial, para o idoso, pois é no grupo que se encontram reconhecimento interpessoal, sentimento de pertencimento, criação de objetivos comuns, trocas afetivas e cognitivas. Pertencer a um grupo pode significar a construção ou reconstrução de identidades, resgate de vínculos sociais, tanto na família quanto na comunidade (SESC, 2018, p. 04).

A unidade de Uberlândia – MG, seguindo o planejamento do SESC – Departamento Regional Minas Gerais, disponibiliza atividades semelhantes às do âmbito estadual aos seus associados e dependentes. Alguns alunos permanecem com vínculo na Instituição, ainda que não estejam qualificados como comerciários ou dependentes, já que, até o ano de 2016, os serviços oferecidos pela Instituição eram abertos à comunidade em geral. As atividades disponibilizadas podem sofrer variações ao longo do ano, conforme o entendimento da instituição ou serem substituídas conforme planejamento do Departamento Regional.

Atualmente, em Uberlândia-MG estão cadastrados mais de 250 participantes no grupo Os Mais Vividos, distribuídos nas atividades descritas no Quadro 1, segundo consta no Manual de Atividade Sistêmica o SESC Uberlândia (SESC, 2018).

Quadro 1 – Portfólio de atividades desenvolvidas pelo Grupo Os Mais Vividos:

Atividade	Descrição
Reuniões de Convivência	Consiste na realização de reuniões para abordagem de temas sociais relevantes que visam a promoção do diálogo entre o grupo, a reflexão e o exercício da cidadania em defesa dos direitos sociais.
Memória Ativa/Cognitiva	As oficinas de memória propiciam um estímulo à memória por meio de exercícios que estimulam funções cerebrais. Visa promover a socialização, a autonomia e a preservação da memória cognitiva dos participantes para melhoria da qualidade de vida do idoso.

Som Social	É uma proposta de instrução musical por meio de técnicas de canto e musicalização que possibilitem aos integrantes se expressarem na música, favorecendo sua autonomia, estímulo a memória, troca de experiências, socialização e desenvolvimento da dicção.
SESC + Vida	A oficina consiste na realização de encontros para orientar idosos já aposentados ou aqueles que estão se preparando para a aposentadoria que buscam alternativas para manter uma qualidade de vida adequada e realização de projeto de vida.
Idoso em ação	Consiste em encontros com o objetivo de resgatar e valorizar o papel social do idoso, seus saberes, experiências e vivências através de encontros com os demais participantes.
Ação de Voluntariado	Consiste em visitas que buscam fomentar a solidariedade e a participação social, por meio da integração dos idosos dos grupos e pessoas atendidas por instituições sociais assistenciais e educacionais como instituição de longa permanência para idosos e creches.
Encontro de Socialização e Intercâmbio de Grupos	Promove o encontro entre os integrantes de um mesmo grupo ou entre pessoas de dois grupos ou mais. Neste caso, pode envolver além do SESC + Grupos, grupos de outras instituições. É desenvolvido por meio de práticas socioeducativas que visam a integração e envolvimento dos participantes para estimular a reflexão, interação entre o grupo e vivências, cuja significância possua relevância social.
SESC + Folia	Encontro com o objetivo de desenvolver ações com foco no bem-estar do idoso, buscando promover a inclusão e integração dos participantes. A proposta visa ampliar as ações culturais, recreativas e sociais por meio do resgate da cultura carnavalesca e possibilitar o compartilhamento de experiências entre os idosos.
Encontro Idoso Cidadão	Encontro com o objetivo de fomentar um espaço de informação, diálogo, apresentação de trabalhos e disponibilidade de serviços capaz de suscitar nos idosos a inserção em ambientes que contribuam para um envelhecimento bem-sucedido. O foco do encontro está pautado na disseminação de informações que estimulem o empoderamento e a participação social do público atendido.
Palestra	Trata-se de palestra socioeducativa com abordagem de temas relevantes, de interesse do grupo, destinada a compartilhar saberes e promover o exercício da cidadania em defesa dos direitos sociais.
Fórum de Debates	O Fórum consiste em um conjunto de ações ordenadas que visam promover a reflexão e a discussão sobre o idoso e o contexto social brasileiro, seus desafios e possibilidade de promoção e valorização. Dentre as questões a serem tratadas, encontram-se as relações familiares e comunitárias, desenvolvimento de habilidades e potencialidades do idoso, identificação de tipos de violência e formas de superação destas e o idoso enquanto cidadão participativo e influente no meio em que está inserido.

Fonte: SESC (2018) – Uberlândia. Elaborado pela autora, com base em dados fornecidos pela Instituição.

No caso específico do grupo de idosos, a análise do Manual de Atividade Sistêmica do SESC (2017 e 2018), no caso específico do grupo de idosos, permite observar que ocorreram poucas variações nas atividades disponibilizadas nos dois últimos anos. Como consta no manual, as atividades do grupo “devem ser destinadas, exclusivamente, para os idosos inscritos no grupo, não podendo ser cobrado nenhum valor para participação nas mesmas, exceto para realização do Encontro Idoso Cidadão”, que é uma atividade específica do grupo em Uberlândia.

Como já visto, as diretrizes do SESC – Departamento Regional preveem que a retirada ou substituição de modalidades pode acontecer e está relacionada a estudos de viabilidade que devem levar em conta, dentre outros fatores, a aspectos orçamentários e às características

regionais e locais de determinado município (SESC, 2017). No caso específico, a retirada do curso de informática ocorreu para todos os beneficiários dos serviços oferecidos pelo SESC Uberlândia e não somente para o grupo dos idosos.

3.2. A velhice do ponto de vista histórico-conceitual

Último estágio da existência humana, sob ponto de vista biológico e natural, a velhice é uma condição própria de um sujeito que já possui uma expressiva trajetória de vida. Quanto mais velho o sujeito é, mais experiências ele conseguiu acumular ao longo de sua existência.

Identifica-se, ao longo da história, várias nuances do ponto de vista social e cultural acerca do conceito de velhice. As ideologias dominantes de cada época reconhecem a velhice como categoria social, que ora é exaltada como virtude; ora é inserida à margem da sociedade em decorrência de seu comprometimento biológico. Em algumas civilizações antigas, o velho era respeitado pela sua sabedoria e, principalmente, pela posição social que ocupava no meio em que era inserido. Na contemporaneidade, o que se percebe é que o velho ainda é considerado um sujeito experiente que o torna sábio, porém, vigora a ideia de que essa experiência não tem valor algum perante a sociedade capitalista que o exclui e o rejeita do contexto social.

Em algumas civilizações orientais antigas, a velhice era objeto de adoração, uma vez que os jovens procuravam os idosos em busca de conhecimentos e experiência. Em Israel, o respeito dos judeus aos anciãos fica evidenciado tanto na Bíblia quanto do ponto de vista legal: maltratar os pais era considerado crime que poderia ser punido com a morte. Já na China, mesmo reconhecendo a limitação natural da vida humana, acreditava-se que, de maneira natural, esta devesse se prolongar das faculdades mentais e dos sentidos. Em outras civilizações, a valorização pessoal parece vinculada à capacidade física, força, vitalidade, beleza e virilidade. Mais recentemente, pesquisas apontam que a velhice passa a ser tratada como uma questão de mendicância, porque sua fundamental característica era a não possibilidade que uma pessoa apresentava de se assegurar financeiramente. (ARAÚJO; CARVALHO, 2010, p. 229-230)

Bosi (1994) aponta que o conceito de velhice se modifica pela própria dinâmica do sistema capitalista que, por sua vez, tem como resposta os constantes conflitos encabeçados pelos sujeitos pertencentes a esta categoria social ou por seus defensores, na luta por direitos sociais capazes de garantir o equilíbrio entre as diversas gerações. Nas economias capitalistas,

onde há a supremacia das forças produtivas para acúmulo de riquezas, a posição social exercida pelo sujeito é o que, de certa forma, define a sua importância e participação na sociedade.

O materialismo histórico e dialético pressupõe que o modo de produção é fator determinante para a classificação da posição social de sujeito. Nessa concepção, as classes sociais são definidas a partir das características assumidas pelo sujeito dentro do processo produtivo. Assim, ao longo de sua existência, o sujeito vivencia um constante processo de construção e reconstrução de sua identidade, que perpassa pela infância, juventude, fase adulta e velhice. E em cada uma dessas fases, a ideologia hegemônica, de maneira impositiva, é quem institui o significado da representação social que se emerge. Vale ressaltar, como dito no capítulo anterior, que a crítica que se estabelece em torno dessa discussão defende que o processo produtivo não é capaz de condicionar as relações sociais. Trata-se de um elemento importante que determina regras que serão incorporadas e colocadas em prática a partir dos valores e da história de vida de cada um dos integrantes da sociedade.

Dentro dessa discussão, a velhice se apresenta como uma fase da vida onde o sujeito velho passa a ser definido, pelos olhos do outro, como aposentado. Nessa fase, há o surgimento de uma nova representação social desse sujeito que não acontece de forma neutra e sim, como uma exigência da sociedade. Agora, na qualidade de aposentado, já está determinado que o velho passará a ser visto como doente, dependente e incapaz. É um sujeito que no momento de afastamento do trabalho deixa de ser economicamente produtivo e, por isso, perde seu valor. À sociedade restringe-se, então, o papel de cuidador e protetor do velho. Segundo Bosi (1994), uma variante desse comportamento por parte da sociedade é o preconceito que se percebe quando o velho é tratado com “um tom protetor que mal disfarça a estranheza e a recusa” social. (BOSI, 1994, p.76)

Ao identificar o sujeito como velho, a sociedade capitalista, dentro de uma ótica de utilidade ou produtividade, altera o conceito de trabalho, reduzindo o velho a uma espécie de segunda categoria social pelo fato deste estar fora do mercado de trabalho, passando a tratá-lo como inútil e improdutivo. Nessa fase da vida, não basta que a sociedade tome consciência de que a suposta inatividade em relação ao meio produtivo não é a faculdade mais importante do sujeito velho. Mais do que isso, é preciso que, mesmo com a idade avançada, as limitações físicas decorrentes do desgaste natural do corpo e dos demais estigmas presentes no tecido social, o velho continue se enxergando como um ator político participante da construção do tecido social.

Nesse novo momento de sua existência, vivenciado na aposentadoria, quando o velho se vê desobrigado a cumprir normas ditadas pelo sistema capitalista, ele precisa experimentar novas identidades para criar novos sentidos para a sua existência. Há aqueles que consideram a aposentadoria muito mais como uma punição do que um benefício e que vão precisar de um esforço pessoal importante para desconstruir ou rejeitar esse pensamento. (BOSI, 1994). Outros, no entanto, compreendem a chegada da aposentadoria como uma fase cheia de possibilidades de atividade e lazer (DEBERT, 1999). Nesse momento, se instaura o conflito de identidade no sujeito velho, que ao completar 60 anos, se depara com uma série de questões que precisa compreender a fim de ter consciência de seu valor no contexto social.

Independentemente da circunstância em que ocorra, seja cercada de amparo material ou com a queda de recursos para a subsistência, a aposentadoria traz, para a grande maioria dos trabalhadores, e iminência de um conflito individual e social. Conflito social, pois após anos de trabalho a sociedade alija da produção homens e mulheres que ainda reúnem força e entusiasmo para continuarem participando. A própria experiência acumulada confere a muitos trabalhadores condições de conhecimento e equilíbrio psicoemocional imprescindíveis ao trabalho economicamente produtivo. Muitas pessoas, independentemente da idade ou tempo de trabalho, não se encontram preparadas psico-emocionalmente para a parada profissional e nem sequer a desejam. Entretanto, a moral social escudada no conceito aparentemente humanitário de que o indivíduo idoso deve usufruir de um permanente repouso remunerado, transforma muitas pessoas em vítimas de seu próprio descanso. (SALGADO, 1989, p. 07)

Esse confronto entre o conceito de velhice pronto e, culturalmente, imposto pela sociedade capitalista e a concepção do sujeito de como ele, verdadeiramente, se reconhece no contexto social é um fator determinante para o surgimento de novas representações da velhice, visto que é imprescindível o entendimento de que o sujeito é um ator social, que possui uma história de vida que deve ser respeitada e considerada em suas particularidades. Assim, a velhice não pressupõe um conceito individualizado, sendo vivenciado de maneiras distintas que devem levar em consideração elementos fundamentais para a construção de sua identidade como a cultura, suas características fisiológicas, suas aspirações e o meio social onde o sujeito está inserido.

Stuart Hall (2003) explica que a identidade é compreendida a partir de aspectos que dizem respeito à cultura, vivências, valores, costumes, tradições e demais características do sujeito. E os processos de significação e ressignificação que originam e alteram o sentido das

coisas ocorrem devido ao fato de que a sociedade se modifica ao longo do tempo, trazendo à tona novos mecanismos promovidos pelo avanço social, interesses e formas distintas de se absorver o conhecimento. Trata-se, portanto, de um conceito complexo, mutável que faz do sujeito, em qualquer fase da vida, o autor das ações e das modificações existentes em seu meio social.

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente” (HALL, 2003, p. 13).

Em relação à representação social que emerge nessa fase da vida, Hall (2003) explica que a ideologia dominante que determina as práticas sociais provoca um intenso movimento de transformação social e cultural pelo qual se percebe a modificação rápida e permanente da imagem criada pelo sujeito velho que, para se manter incluído no contexto social, precisa se redefinir a fim de se adaptar ou resistir ao discurso hegemônico imposto pelo sistema capitalista.

Logo, cabe ao velho o papel de resistência na tentativa de não ceder à pressão capitalista que aponta para a sua exclusão social e à sociedade considerar o velho não como um sujeito inativo pelo simples afastamento do processo produtivo, o que permitirá a visualização deste a partir de outras perspectivas com significado e valor social. Sousa (2003) ao apresentar uma discussão sobre o que tem valor social, expõe que a “partir do instante em que determinado valor passa a ter alguma importância para a sociedade, esse valor é irreversível para o homem”. Nessa perspectiva, é imprescindível que o sujeito esteja atento a todas as possibilidades existentes para se firmar dentro do papel social fundamental e central que ocupa. A luta e a resistência devem se manter até o ponto em que a produção e o consumo, não estejam mais elencados em primeiro plano, como elemento determinante da norma social, uma vez que “o esfacelamento do passado e do futuro diluído por um pragmatismo estritamente consumista coloca o homem dentro de um estado do qual ele não consegue mais identificar a si mesmo.” (SOUSA, 2003, p. 26).

Como problematiza Salgado (1989), nas sociedades desenvolvidas, nas quais supõe-se que exista uma melhor distribuição da riqueza, a preocupação com a produção econômica não é o ponto fundamental para a identificação do sujeito. Nessas sociedades, segundo o autor,

a prioridade tende a ser a produção cultural, em que há a utilização de maneira democrática dos elementos necessários para superar desequilíbrios sociais e manter o velho em uma condição de cidadão atuante.

Nas sociedades atuais e mais particularmente nos países em desenvolvimento, a cultura vigente determina um modelo de educação muito voltado para formar os homens para a produção. É a concepção da educação, não como um elemento de formação para a vida, e sim como uma estratégia para alcançar o desenvolvimento econômico, condição essa na qual o trabalho deve ser priorizado como atividade humana. Nas sociedades desenvolvidas, onde há a presunção de que a riqueza já se encontra melhor distribuída entre os diversos segmentos populacionais e os indivíduos estão um pouco mais liberados do compromisso exclusivo com a produção, tem emergido a consciência da necessidade de se contestar o homem como fonte de produção econômica, equilibrando-o na dimensão do lazer, da produção cultural e da própria vida associativa. Assim considerado, o indivíduo aposentado apresenta condições ideais dessa vivência socialmente produtiva do tempo livre, transformando o tempo de sua existência para o enriquecimento de sua vida, diferente da maneira anterior, quando o maior tempo era utilizado na produção. O tempo da aposentadoria pode ser redefinido pela utilidade social e desenvolvimento pessoa com resultados igualmente ou mais satisfatórios do que o tempo de trabalho. (SALGADO, 1989, p. 07)

Dados do IBGE⁶ demonstram que a população idosa tem aumentado, expressivamente, nos últimos anos quando comparada a outros grupos etários. Como ilustra a tabela 2, estudos apontam que, em pouco menos de 20 anos, o percentual da população com mais de 65 anos dobrará enquanto que as faixas entre 15 e 64 anos, que o IBGE classifica como PIA (população em idade ativa) e dos jovens até 14 anos manter-se-á estável, com projeção de queda nos próximos anos.

Tabela 2 – Evolução dos grupos etários do Brasil

Faixa etária	Período						
	2010	2014	2018	2022	2026	2030	2034
Acima de 65 anos	7,32%	8,17%	9,22%	10,49%	11,95%	13,54%	15,13%
Entre 15 e 64 anos	67,99%	69,16%	69,43%	69,05%	68,28%	67,50%	66,81%
Abaixo de 14 anos	24,69%	22,67%	21,35%	20,46%	19,94%	18,96%	18,06%

Fonte: IBGE, 2017.

No entanto, reconhecer que o sujeito possa ser definido perante a sociedade a partir de

⁶ Dados disponíveis em < <https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>>. Acesso em 10 mar 2018.

uma estatística que retrata a mudança no formato da pirâmide etária nos últimos anos até pode ser objeto de análise para auxiliar, por exemplo, na escolha de políticas públicas que visem a garantia de direitos sociais como saúde e educação. Mas reduzir a sua interpretação ao considerar que o aumento da população com mais de 60 anos é, por si só, um problema social, fatalmente implicaria em erro. Nesta mesma linha de raciocínio, parece insuficiente a criação de setores públicos que se ocupem, prioritariamente, da criação de ações voltadas para o velho, com o objetivo de reduzir o quadro de exclusão social observado. Pelo contrário, essas ações podem ter efeito reverso e promover, ainda mais, a segregação deste grupo dentro do contexto social. É preciso, então, “sedimentar uma cultura para os velhos com interesses e responsabilidades que tornem sua vida digna” e que possibilite o respeito mútuo entre os integrantes da sociedade. (BOSI, 1994, p. 81)

Com defende Bosi (1994), a grande arma para resolver a questão da desvalorização do velho no contexto social talvez seja privilegiar esse sujeito no presente não apenas como uma categoria social imposta, definida por meio de estatísticas para sua compreensão. É preciso respeitar seu passado (e, portanto, suas memórias) e dar a ele a possibilidade de construção e reconstrução de sua história a partir de suas experiências. Assim, o velho precisa deixar de ser visto apenas como velho ou idoso “para retomar a condição original de ser humano no contexto social, o que na sociedade atual, tomada de estigmas, preconceitos e discriminações, quase nunca acontece.” (BOSI, 1994, p. 81)

A partir da gerontologia⁷, a antropóloga Guita Grin Debert compreende o conceito da velhice como algo presentificado, que necessita de reconfiguração. Para Debert (1999), os velhos de hoje não precisam ser cuidados. Nessa ótica, não é mais a sociedade que está definindo uma norma sobre a velhice e sim, o indivíduo.

A plausibilidade dos cenários que montamos para o futuro da velhice dependerá muito do modo como os indivíduos, em função dessas previsões, forem convencidos de qual pode ser o seu destino e das práticas por eles postas em ação. (DEBERT, 1999, p. 81)

⁷ Para Lopes (2017), a Gerontologia é um ramo de medicina que surgiu na década de 40, Pós-Segunda Guerra Mundial, quando os cientistas começaram a se dar conta da velhice por meio dos índices demográficos da época. Neste cenário, estudiosos, percebendo esse momento como uma fase do curso da vida se afastam da ideia de patologização da velhice, tentando compreender e apreender os multifatores que estão em torno do tema. (Instituto CPFL. Velhice: potência de vida ou sinônimo de "lixo social"? Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4jX5WWR5zi0&t=642s>> Acesso em: 20 out. 2018).

O processo de reprivatização para Debert (2004), denota à velhice uma ideia de responsabilidade individual, afastando-a do conceito que Ecléa Bosi compreendia como um problema social. Os sujeitos passam a enxergar a velhice com um novo olhar que transmite a ideia de eterna juventude. Esses atores sociais são compreendidos, nessa concepção, como pessoas ativas, que embora estejam na condição de aposentado, não vivem nos asilos ou acamados em suas casas, mas passam a estar em todos os lugares, trabalhando ou com disposição para realizar atividades que lhe proporcionam satisfação pessoal, vivenciando a velhice de maneira positiva.

A tendência contemporânea é rever os estereótipos associados ao envelhecimento. A ideia de um processo de perdas tem sido substituída pela consideração de que os estágios mais avançados da vida são momentos propícios para novas conquistas, guiadas pela busca do prazer e da satisfação pessoal. (DEBERT, 2004, p. 14)

Sousa (2003) argumenta que “a sociedade encara a velhice como frágil, feia, ausente da realidade, como algo desfigurado da nossa identidade”. (SOUSA, 2003, p. 101). O remédio para combater essa visão negativa da velhice, na tentativa de suavizar o sentido pejorativo construído em torno da expressão velho, para Debert (1999), foi o surgimento de novas representações da velhice como terceira idade, melhor idade e idoso criadas para que o velho passasse a ter aceitação social, reduzindo seu grau de exclusão. Tal concepção remete à ideia de que é possível prolongar e eternizar a juventude, mas, em seu viés, privilegia a indústria de bens e consumo que se beneficia ao incluir em seus catálogos bens e serviços voltados para o público da terceira idade, ligados, sobretudo, ao lazer e ao turismo, para satisfazer as necessidades desse momento da vida.

Desse modo, a ideia de reprivatização da velhice sugere, não somente a substituição da expressão velho para idoso, mas a própria negação da velhice, onde o sujeito corre o risco de não se reconhecer mais no meio social. Debert (1999) defende que o sujeito que está mergulhado na sociedade capitalista e passa a aproveitar a sua vida na velhice, alterando o conceito de velhice.

Cabe, portanto, perguntar se a velhice permanecerá sendo um segredo desagradável que não queremos conhecer e para a qual encontramos formas cada vez mais sofisticadas de negar a existência. (DEBERT, 1999, p. 80)

Além do fato de que, na invenção da terceira idade, “os valores associados à velhice foram sendo destituídos um a um a cada vez que se colocava uma pedra no passado para viver o presente”, outra importante contradição apresentada na concepção de que a velhice é mais uma condição individual do que social diz respeito a dificuldade do sujeito se reconhecer culturalmente instituído na sociedade contemporânea. (SOUSA, 2003, p. 162)

A concepção de que o velho, para se incluir socialmente, precisa, antes de tudo, negar que é velho e realizar atividades comuns de sujeitos jovens como praticar esportes radicais, ser bem-sucedido nos negócios, frequentar a universidade, dentre outras atividades, tem sua relevância quando a ação tem sentido para sua existência, mas não muda a sua condição perante a sociedade. Do contrário, essa representação forçada e, muitas vezes, sem sentido caracterizada pela busca de se manter presente e ativo pode inserir o velho em um estado de depressão devido à sua perda da identidade e, em casos mais extremos levar ao suicídio dada a “fragilidade social” a que está submetido. (ROSA, 2011, p. 57). É como se ele precisasse levar sua vida, muitas vezes, num esforço extenuante para se apresentar à sociedade como um eterno jovem, a fim de provar a sociedade que a velhice é algo positivo e, negando-lhe o sentido de incapacidade e pobreza.

Assim, o que o velho e, principalmente, a sociedade como um todo precisa mesmo é compreender que o ponto mais importante da velhice são as experiências vividas. É a partir dessas experiências que o velho consegue se enxergar e ressignificar o sentido que esta nova fase de sua existência lhe oferece.

Cuidados geriátricos não devolvem a saúde física nem mental. A abolição dos asilos e a construção de casas decentes para a velhice, não segregadas do mundo ativo, seria um passo à frente. Mas, haveria se sedimentar uma cultura para os velhos com interesses, trabalhos, responsabilidades que tornem sua sobrevivência digna. (BOSI, 1994, p. 81)

Ao compreender o velho como um sujeito presente e participativo no meio social, respeitando e dando voz às suas memórias, jovens e adultos tendem a conviver de maneira mais harmônica e com o reconhecimento de que o passado é uma importante referência para a construção do presente, uma vez que, como pondera Bosi (1994):

Sem os velhos, a educação dos adultos não alcança plenamente: o reviver do que se perdeu, de histórias, tradições, o reviver dos que já partiram e participam então de nossas conversas e esperanças; enfim, o poder que os velhos têm de tornar presentes na família os que se ausentaram, pois deles ainda ficou alguma coisa em nosso hábito de sorrir, de andar. Não se deixam para trás essas coisas, como desnecessárias. (BOSI, 1994, p. 74)

A valorização da experiência e, por conseguinte, da memória dos velhos, na perspectiva de Bosi (1994), mantém acesa a chama das referências de um povo e, ao mesmo tempo, dá oportunidade àqueles com idade avançada de prosseguir acumulando e vivenciando suas experiências num processo contínuo de interação social. A memória é condição necessária para o atendimento a todas as outras necessidades humanas. Perde a sociedade que insiste em sustentar seus valores na crença de que é preciso olhar para o futuro e dar as costas para o passado. Por ainda não existir, o futuro não pode ser questionado. Só se tem respostas olhando para o passado que sempre que é evocado, refeito, reconstruído e modificado. Dentre outras coisas, essa valorização é fundamental para a desconstrução da imagem negativa de dependência, incapacidade e pobreza vivenciada pelo velho na sociedade contemporânea.

3.3. Os Mais Vividos e suas concepções sobre velhice

A partir do pressuposto de que a velhice possui característica pluralizante, compreendida de diferentes maneiras ao longo da história e, de modo especial, vivenciada em suas particularidades por cada sujeito, é salutar representar a concepção que cada pessoa tem desse respeito, a fim de que seja possível compreender seu verdadeiro sentido. “Para mim, o conceito de velhice está muito na atitude e como a pessoa se deixa levar. Não tem nada a ver com aparência não. Eu acho que minhas atitudes, a minha cabeça, eu ser eu mesma. Acho que é isso que define a pessoa”, explica Dejamir Cristina. (DEJAMIR, ENTREVISTA: 09/2018). Uma análise desse pequeno trecho em que a entrevistada define o sentido de velhice para a sua vida remete ao seguinte: A sociedade estabeleceu uma norma padrão do que é velhice. Nessa norma, velhice é característica de um sujeito velho, normalmente, com mais de 60 anos e que já receba o benefício de aposentadoria por idade. Tanto é que Dejamir, aos 63 anos de idade, se auto considera como “uma pessoa madura e, ainda, sem juízo que nunca teve juízo na vida”. (DEJAMIR, ENTREVISTA: 09/2018).

É importante ressaltar que Dejamir, tendo trabalhado no serviço público e sendo mulher, pela atual legislação, poderia ter se aposentado logo que completou 60 anos, que foi o seu caso. No entanto, para a entrevistada, ser velha não é somente ter a idade necessária para se aposentar. É uma condição que envolve a muito mais a maneira com que o sujeito se posiciona em relação ao outro. Nessa fase da vida, o mais importante é assumir as diferenças, aceitar as limitações que a velhice pode trazer, do ponto de vista biológico. É essa compreensão que faz com que o sujeito compreenda o significado da velhice.

Por outro lado, quando questionada sobre o mesmo tema, a entrevistada Maria Inez expõe que a velhice no tempo em que era criança, estava ligada a fisionomia da pessoa. Em seu depoimento, ela afirma que sentia uma pressão muito grande da sociedade para que as pessoas cumprissem seu papel social. No seu caso, havia um receio muito grande de que ela não conseguisse se casar e, portanto, fosse excluída da sociedade por não cumprir o papel de mulher casada e dona de casa. Segundo a entrevistada:

A fisionomia, tudo para mim [nas pessoas com mais de 30 anos] era de velho. Igual, eu casei com 28 anos, para mim eu era velha. Falava assim: “Ai, todo mundo vai lá na igreja ver a velha casar”. Desse tipo. Aí, quando eu me casei, eu passei a ter outra visão da velhice. O dia que eu fiz 32 anos, falei para a minha mãe: “mãe eu fiz 32 anos. Eu estou velha”. (MARIA INEZ, ENTREVISTA: 09/2018).

Com o passar dos anos, o sentido da velhice para Maria Inez foi se modificando até chegar nos dias atuais, onde, aos 64 anos, a entrevistada afirma não se considerar velha. Essa concepção pode estar ligada às transformações econômicas e sociais que aconteceram ao longo dos anos em torno do conceito de velhice. A entrevistada reconhece que o tempo cronológico utilizado para reconhecer um sujeito velho modificou-se com o tempo, mas não consegue compreender a razão da mudança. Essa mudança só foi perceptível para Maria Inez com o passar dos anos, quando ela tenta comparar seu momento atual com o que vivenciou em seu passado.

Aí eu fui enxergando assim, eu falei assim, mas então e a hora que eu tiver 40, e a hora que eu tiver 50, aí eu fui vendo aquilo lá, fui me considerando a cada ano que eu fazia eu me considerava mais nova, mais nova, aí já fui enxergando a velhice de outro tipo. Hoje, eu estou com 64 anos, eu não me considero velha, mas para trás, 64 anos era bem velho para mim. Então, é complicado eu te explicar isso, como que era. (MARIA INEZ, ENTREVISTA: 09/2018)

Entretanto, ao comentar de seu marido que é um ano mais novo do que ela, Maria Inez conta que no seu caso, a velhice chegou.

Vou te contar uma história, meu marido é um ano mais novo do que eu, está com 63 anos. Para ele a velhice chegou sem fim. Então, ele já não faz as coisas que ele fazia no ano passado, não sei porque. Aí eu penso: Será que é idade? Será que é velhice? O que será que está acontecendo?
É... para ele [meu marido] é a cabeça, porque não tem como. Eu faço cada coisa que a maioria das pessoas não dão conta de fazer. Eu dou conta de andar muito, ele já não dá conta de andar. Então, deve ser a idade que chegou para ele. Chegou, sem ele sentir. Agora eu não deixo a idade tomar conta de mim, eu tenho que andar, eu tenho que ser forte. (MARIA INEZ, ENTREVISTA: 09/2018).

Do trecho acima, pode-se apresentar três apontamentos. Um deles diz respeito à ideia proposta por Simone de Beauvoir (1990) quando diz que a velhice é sempre do outro, pois o sujeito não a imagina em si mesmo, que pode representar a fala de Maria Inez por não se reconhecer enquanto velha. O segundo ponto observado no relato é o esforço aparente de Maria Inez para continuar negando a velhice. Esse fato está explícito no depoimento da entrevistada, quando a mesma diz “eu não deixo a idade tomar conta de mim, eu tenho que andar, eu tenho que ser forte.” (MARIA INEZ, ENTREVISTA: 09/2018). Por último, a explicação para a postura do marido da entrevistada talvez seja pela ideia de que sentir-se velho faz com que as pessoas adoçam, enfraqueçam e já não sejam capazes de trabalhar, estudar, se relacionar com os outros. Ao citar o exemplo do marido, Maria Inez parte do pressuposto de que, em sua visão, seu marido se entregou apenas por considerar que a idade que tem é pré-requisito para que ele apresente problemas de saúde e adoecer que, na verdade, é o que o discurso que a ideologia dominante impõe ao velho.

O entrevistado Lázaro, de 67 anos, vê a velhice como algo muito negativo e ruim. Em sua concepção, a velhice chegou quando ele, aos 65 anos, perdeu o emprego de representante comercial e não teve outra alternativa que não fosse se aposentar. A partir da aposentadoria, Lázaro conta que mudou totalmente seus hábitos, passando a executar tarefas domésticas. Ao ser indagado sobre o que pensa da velhice, Lázaro conta que a velhice “é péssimo. É muito ruim esse negócio, igual, por exemplo, atualmente, estou sendo uma doméstica. Ficar em casa, parado. Para mim, isso é horrível.” (LÁZARO, ENTREVISTA: 09/2018)

Além da nova identidade social relacionada ao estigma negativo da velhice como

sinônimo de incapacidade, decai sobre o depoimento de Lázaro, a decepção deste ao ter que realizar tarefas, que em sua concepção, não são atividades que devem ser realizadas por homens, mas que ele acaba se sujeitando a fazer para preencher seu tempo ocioso. Estar na velhice não parece ser uma situação fácil de lidar aos olhos do entrevistado. Seu conceito de velhice está relacionado à sua dificuldade de não encontrar mais oportunidade de trabalho e, por consequência, da sua perda de poder aquisitivo. Na entrevista, afirmou que procurou se aperfeiçoar depois da aposentadoria, matriculando-se em cursos de capacitação, mas a única oportunidade que conseguiu depois da aposentadoria foi um emprego de porteiro, do qual dois anos após a contratação precisou se desligar em decorrência de problemas de saúde. Entretanto, a desvalorização é algo que também está presente na vida de Lázaro.

Se eu tivesse muito dinheiro e pudesse viajar, passear, tudo bem. Era outra história. Mas aposentar para ficar em casa, sabendo que eu posso trabalhar porque graças a Deus eu tenho saúde. Isso não presta não. O certo é trabalhar. Foi isso que eu fiz a vida inteira. (LÁZARO, ENTREVISTA: 09/2018)

Este trecho do depoimento de Lázaro demonstra que, em sua visão, o problema de velhice não é um problema social. A concepção e a culpa que o entrevistado carrega por não conseguir retornar ao mercado de trabalho é mais uma punição que lhe é atribuída na velhice. Por mais que ele se esforce, que ele procure se capacitar e até aceite uma oportunidade de trabalhar como porteiro, atividade totalmente diferente da que desempenhou por toda a sua vida, reforça o estigma de exclusão vivenciado pelo mesmo, coincidentemente, na velhice. Essa postura de Lázaro aproxima-se da concepção Debert (1999), na qual a autora defende que “a velhice é transformada em uma responsabilidade individual e, por isso, pode ser excluída do nosso campo de preocupações sociais” (DEBERT, 1999, p. 77).

De fato, na velhice vivenciada e retratada no depoimento de Lázaro fica nítida a sua dificuldade para a inclusão social. Entretanto, essa dificuldade parece não estar, diretamente, ligada à velhice. Não podendo ser, portanto, considerado um problema social específico dessa fase da vida. Tal fato fica evidenciado quando, em determinado trecho do depoimento, Lázaro comenta que sua esposa, aos 72 anos, permanece ativa, trabalhando como assistente social. Desse modo, não é a qualificação dele que está sendo questionada, e sim a qualificação de pessoas como ele que está sendo posta em questão, o que remete ao desemprego ou a queda do número de postos de trabalho, que é algo presente em toda a sociedade.

Por sua vez, a ideia de reinvenção da velhice, como responsabilidade individual e com a prerrogativa de que há um envelhecimento positivo capaz de “tornar reais as expectativas de que esse período é propício à realização pessoal e satisfação pessoal” do velho é posta em xeque, uma vez que não está retratada no depoimento de Lázaro. (DEBERT, 1999, p. 77).

O depoimento de Lázaro, no que se refere a sua concepção de velhice, pode ser compreendido a partir do entendimento de Ecléa Bosi (1994), de identificar o sujeito, antes de mais nada, enquanto ser humano. A construção de sua identidade não se baseia apenas no presente, com possíveis projeções de sua expectativa para o futuro e sim, a partir de seu passado. Halbwachs (2006) argumenta que, em um movimento constante, o passado condiciona o presente e vice-versa. Ou seja, ambos os momentos são necessários e integrantes para a construção da identidade do sujeito. Desse modo, para o autor há “uma necessidade constante de reconstrução do passado em sua íntegra ou parcialmente, com a ajuda de dados tomados de empréstimo ao presente e preparados por outras reconstruções feitas em épocas anteriores”. (HALBWACHS, 2006, p. 91)

É preciso perceber que a velhice não acontece, instantaneamente, com a chegada da terceira idade. Ela é um processo construído ao longo de toda a existência do sujeito. Na velhice, não prevalecer características distintas do sujeito, considerando fatos de toda a sua trajetória de vida que volta e meia serão lembrados e revividos na construção e reconstrução do seu presente.

A velhice não é uma ruptura, mas o prolongamento daquilo que sempre foi: cada pessoa envelhece como viveu e a multiplicidade de trajetórias permanece. Uns abrem os caminhos que os levam até ao último patamar, outros viram seus projetos desmoronarem com o tempo. (LATOUR, 1990 apud PEIXOTO, 1999, p. 365)

Venildes, 78 anos, viúva, chama a atenção pelo cuidado e pela sua aparência. Loira, olhos verdes, maquiagem simples, mas com tom clássico. Tem postura elegante, provavelmente, em razão dos desfiles de beleza e das aulas de ballet que participa há 10 anos no SESC. Sobre a velhice, a entrevistada apresenta uma definição que tinha no passado para diferenciar o que pensa atualmente.

Antigamente havia um conceito mais forte de velho. Hoje em dia esse conceito se modificou. As pessoas idosas estão mais envolvidas em suas próprias atividades, são dinâmicas. Então, antigamente, o conceito de idoso era algo

mais nítido. Hoje em dia não vejo mais essa situação de velho tão definida quanto antes. (VENILDES, ENTREVISTA: 09/2018).

Parece claro, nesse trecho do depoimento de Venildes, que na sua interpretação a reinvenção da velhice defendida por Debert (1999) foi algo que ocorreu no momento em que chegou à velhice. Tanto que Venildes não consegue expressar o seu sentido de velhice de maneira objetiva, quase sempre remetendo ao passado na tentativa de provar que, na sua concepção, a velhice não é, atualmente, algo vivenciado como antigamente. Quando a entrevistada expõe o argumento de que “as pessoas [idosas] hoje em dia estão mais envolvidas em suas próprias atividades, são dinâmicas”, ela talvez esteja comparando a postura de velhos com os quais conviveu no passado. A imagem de velho inativo, improdutivo, portanto, é coisa do passado. (VENILDES, ENTREVISTA: 09/2018)

Ao matricular-se no SESC Uberlândia, o aluno preenche uma ficha identificada pela instituição como anamnese, uma espécie de ficha cadastral do aluno. Na ficha de Venildes, um ponto que chama a atenção é a disponibilidade para participar do grupo Os Mais Vividos. A entrevistada informou em sua ficha que seus dias preferidos para as atividades são “todos”, contrariando a ideia de que o velho é visto como alguém inativo e estático e ressalta que não vê com bons olhos o uso da expressão “velho”. Aos 78 anos, Venildes não considera impossibilitada de fazer algo que pretende fazer e afirma que:

[a velhice] para mim nunca foi um fator limitante. Em qualquer lugar que eu vá, essa condição de ser velho não influencia em nada. Eu nunca pensei que por estar velha eu não pudesse fazer determinada coisa. Se eu quero, eu posso, eu devo e vou fazer. (VENILDES, ENTREVISTA: 09/2018)

Venildes usa a expressão maturidade para explicar o sentido da velhice. Em seu entendimento, a palavra “velho” remete àquele que se sente incapaz. Ela sente-se madura, como alguém experiente e que sabe o que faz e o que pretende fazer. Por tal motivo, recusa a velhice como sendo algo negativo, pois se sente perfeitamente capaz de fazer qualquer coisa, tanto mentalmente quanto fisicamente. Em suas palavras, “essa nova fase veio só acrescentar algo mais” em sua vida.” (VENILDES, ENTREVISTA: 09/2018).

Pelo exposto, de fato, o que se vê é uma velhice positiva no caso da entrevistada. A

partir dos 60 anos, quando se viu com tempo livre, Venildes pode se envolver em atividades que, por anos, teve que postergar seu início pela impossibilidade do momento, seja em sua juventude, seja na fase adulta com a vinda dos filhos. Assim, conforme defende Debert (1999):

A tendência contemporânea é a de se contrapor à representação do envelhecimento como um processo de perdas, promovendo a sua dissolução em vários estágios que passam a ser tratados como novos começos, como oportunidades a serem aproveitadas na exploração das identidades. (DEBERT, 1999, p. 79).

No passado, Venildes teve que abdicar da dança e dos concursos de beleza, que desde a infância eram objeto de seu desejo, porém não teve oportunidades, inclusive na fase adulta, quando teve que se dedicar, exclusivamente, à educação dos cinco filhos. Recentemente, pôde viver a oportunidade de ressignificar esses desejos de infância ao iniciar as aulas de Ballet no SESC Uberlândia e ver na Instituição, a condição necessária para participar de desfiles, onde, com orgulho, afirma ser a mais premiada do grupo da Terceira idade.

Eu vim fazer ballet na terceira idade. Outra coisa importante que eu participei e participo até hoje quando posso ou quando me deixam, são concursos. Essas coisas eu só consegui na terceira idade. Depois dos meus 60 anos. São fatos importantes que eu tenho na lembrança porque sempre quis fazer e que só agora eu consegui realizar. (VENILDES, ENTREVISTA: 09/2018).

Reviver e ressignificar as experiências do passado é algo extremamente positivo para o sujeito, uma vez que, além de promover a satisfação pessoal, essa reconstrução do passado permite ao sujeito uma nova compreensão sobre si mesmo e sobre o outro, o que lhe favorece a troca de experiências e o convívio com o meio social. Por isso é tão importante respeitar o passado e dar a ele o movimento constante que o presente exige.

Recordar não é viver, mas conferir significado aos instantes presente e – magia suprema – não deixar que ele se perca de todo num passado vazio, sem acesso. Caso contrário, toda a percepção resultaria inútil, toda experiência, vã. (LOPES, 1990, p. 07)

Na tentativa de afastar-se desse movimento de exclusão social, em que a maioria dos

velhos se deparam na velhice e que Venildes não compartilha da ideia, a mesma pode estar, ainda que inconscientemente, negando ou pelo menos adiando o máximo possível a chegada da velhice em sua vida. Ter que abrir mão de coisas que sempre quis fazer, mas que pelas obrigações impostas pela sociedade ao longo de sua vida teve que sucumbir-se talvez seja o ponto fundamental para esse adiamento. Agora, Venildes sente-se uma pessoa livre e feliz para fazer o que der vontade. É como se, integrante da terceira idade - já que a entrevistada se recusa a usar a expressão velho - ela pudesse reviver a fase da juventude, pois, com a idade, a entrevistada tornou-se uma pessoa sem juízo porque sai e não tem hora para voltar, passando a agir como uma pessoa irresponsável. (VENILDES, ENTREVISTA: 09/2018).

Por fim, a crença de que todo sujeito torna-se dependente e inativo na velhice é algo refutado por Venildes. Em seu ponto de vista, essa dependência não é característica específica do idoso e sim, algo que se manifesta de acordo com a personalidade de qualquer sujeito não, necessariamente, do idoso. Em determinado trecho do depoimento ela afirma: “eu vejo que a pessoa idosa é dependente porque gosta de ser dependente” (VENILDES, ENTREVISTA: 09/2018). Essa representação criada pela sociedade é mais um fator que fortalece o movimento de rejeição. Entretanto, em muitos casos, a dependência é entendida como uma decisão individual do sujeito em relação a sociedade, não podendo ser tratada como um problema presente na velhice.

Lurdinete, 73 anos, por sua vez, tem o conceito de velhice bem definido. Para ela, “velho é aquele que entrega os pontos”. (LURDINETE, ENTREVISTA: 09/2018). Semelhante ao que nos apresentou a entrevistada Maria Inez, Lurdinete justifica sua definição com base na seguinte exposição:

Meu marido é um velho. Nós temos diferença de quatro meses de idade, mas ele é um velho. Eu tenho 15 anos perto dele. Ele não gosta de nada. Essas modernidades...Ele não sabe de nada. Ele não sabe a senha da nossa conta no banco. Ele ficou no passado. Ele sempre foi acomodado. E depois que ficou mais velho ele foi ficando pior. Eu acho que ele pensa que, por estar velho, não precisa aprender ou buscar essas facilidades. (LURDINETE, ENTREVISTA: 09/2018)

No entendimento de Lurdinete, velho parece ser característica de uma pessoa acomodada, que não tem vontade de aprender novas coisas. O sujeito pode ser saudável e perfeitamente capaz, do ponto de vista físico, mas psicologicamente demonstra resistência e prefere esperar dos outros por algo que ele mesmo poderia fazer. É consenso de que há, na

velhice, uma situação de exclusão social dos velhos por fatores que se relacionam à aposentadoria, a uma condição de inaptidão física, econômica e até mesmo social. Entretanto, essa característica de incapacidade também não pode ser considerada um problema social específico da velhice, tão pouco uma representação imposta pelo meio social. No caso de Lurdinete, ela deixa claro que a postura acomodada do esposo não se mostrou presente apenas na velhice.

A aposentadoria na opinião de Lurdinete é um prêmio, apesar de ser “pouquinho, mas é um dinheiro certo” que ela conquistou com muito esforço e muitos anos de dedicação. Além disso, ela complementa sua renda com bordados, mas o que ganha além de sua aposentadoria é gasto nas viagens que faz e com presentes para os netos. Em seu entendimento, não se sente desvalorizada por sua condição de aposentada. Pelo contrário, teve sua vida tão transformada depois da aposentadoria que, hoje em dia, tem muito trabalho para organizar seu tempo.

Quando eu me aposentei eu falei que não queria fazer mais nada, mas ficou muito pior. Porque agora eu divido meu tempo com uma porção de coisas. Atualmente, as minhas manhãs, são das minhas netas. Eu as levo para o SESC, ensino tarefa, levo para aula de música, aula de Ballet, dou almoço aí a mãe delas vai almoçar e leva para a Escola Estadual 6 de junho. Na parte da tarde, eu faço minhas coisas. (LURDINETE, ENTREVISTA: 09/2018)

Ao tomar por base o depoimento de Lurdinete, percebe-se que a abordagem teórica que compreende a velhice como uma fase improdutiva, na qual o sujeito “só serve para dar trabalho” distancia-se de sua trajetória de vida. (BOSI, 1994, p. 76). Nesse aspecto, Lurdinete afirma que:

Eu me sinto com 20 anos. A minha disposição para trabalhar, para fazer as coisas, para passear, viajar é enorme. Eu só me sinto velha quando eu quero fazer alguma coisa. Por exemplo: empregado não faz as coisas de casa direito, aí eu vou ajudar. Quando chega o fim do dia, eu me sinto moída. Aí eu me lembro que fiquei velha porque fico três dias doente. Mas para as coisas que eu gosto, eu me sinto capaz e disposta para fazer qualquer coisa. (LURDINETE, ENTREVISTA: 09/2018)

A entrevistada se diverte quando identifica que em alguns momentos há uma superproteção, sobretudo nos cursos ou viagens que participa. Lurdinete não se incomoda e vê

com naturalidade a preocupação, apesar de achar, muitas vezes, exagerada. Então, sente a velhice em pequenos e raros momentos. Não há em sua concepção, um tom pejorativo quando alguém a trata de senhora nem tão pouco quando insistem em superprotegê-la. Por isso ressalta que não se sente desvalorizada ou desrespeitada.

Salvo nas vezes em que necessita imprimir um esforço físico exagerado nas atividades do lar e dos momentos em que sente que algumas pessoas a tratam com esse tom superprotetor, ela até se esquece da idade. Talvez Lurdinete esteja tão consciente, não somente do que representa para a sociedade, como também de seu próprio sentido da vida, a ponto de não ter necessidade de utilizar definições para enquadrá-la no contexto social. E nesse movimento, a entrevistada “reconstrói o mundo da vida a partir da sua relação com o tempo. E surgem diante de si as possibilidades para traçar novos caminhos”. Assim, “o seu desejo da vida é viver”. (SOUSA, 2008, p. 17). E assim, a entrevistada argumenta que:

A única diferença [em relação ao tratamento dos outros] é que às vezes eu acho que eles [os outros] protegem a gente demais, porque eu ainda me sinto capaz de cuidar de mim. Mas isso não me incomoda, pelo contrário, eu me sinto é bem por saber que existe alguém preocupada com a gente. (LURDINETE, ENTREVISTA: 09/2018)

O depoimento de Lurdinete em relação à velhice ilustra o pensamento proposto por Simone Beauvoir de que a velhice é vista apenas através dos olhos do outro. Tanto Lurdinete, quanto Maria Inez afirmam que, pela proximidade do convívio, seus companheiros, sim, podem ser compreendidos como sujeitos velhos. Mas elas não. Ambas têm disposição e os esforços físicos empenhados fazem com que as duas se reafirmem como sujeitos em plena atividade totalmente incluídos no contexto social.

Na perspectiva de Hall (2003), quando um sujeito precisa empreender um esforço, na tentativa de se sentir incluído em determinado meio, na verdade, ele está se submetendo a uma representação imposta pela sociedade. Nessa representação impera a ideia de que, independentemente da idade, é preciso ter disposição para acompanhar o movimento de seu cotidiano. Assim, essa disposição empreendida pode ser tratada como uma forma de negação da velhice.

Eunice, por sua vez, de todos os entrevistados é a única que ainda não se aposentou.

Aos 68 anos, explica que já tem o direito de estar aposentada, mas não pensa nisso, por enquanto. E essa sua decisão de continuar trabalhando, na sua concepção é um fator de fundamental importância para que Eunice continue se sentindo ativa.

Seu conceito de velhice está ligado à ideia de comprometimento da saúde, ao afirmar que “a velhice, não sendo doença, é tudo positivo. Não há nada de negativo” (EUNICE, ENTREVISTA: 09/2018). A ideia de que o velho, pelo desgaste físico e biológico natural é um sujeito doente e incapaz está presente no depoimento de Eunice. Entretanto, a doença é um problema biológico a que está submetido qualquer categoria social, desde a infância até a velhice. Nesse sentido, a velhice não pode ser considerada como um fator limitante do sujeito. Não é uma doença que o impede de trabalhar, conviver e se relacionar com o outro. A única preocupação da entrevistada é de que a velhice venha acompanhada da doença, já que a doença é um fator negativo e limitante para qualquer pessoa, independentemente de sua idade.

A permanência da entrevistada na escola em que trabalha há mais de dezessete anos é algo que traz muita satisfação a ela própria. Porém, Eunice admite que se sente angustiada quando percebe uma pressão dos colegas de trabalho que questionam sua decisão de continuar trabalhando. E essa pressão a incomoda porque não consegue compreender o motivo para essa pressão que sente.

Às vezes você se sente excluído por outros motivos. Até porque se você já está na idade de se aposentar, os colegas mais novos ficam fazendo pressão dizendo "por que você não se aposenta logo?" [sinto pressão] Dos outros, apenas. (EUNICE, ENTREVISTA: 09/2018).

Eunice também não vê a velhice com um olhar imediatista de algo que aos 60 anos chega repentinamente, obrigando o velho a se adaptar ao novo momento de sua existência. Em seu ponto de vista, a velhice não é algo específico do presente, mas fruto que se colhe a partir da trajetória de vida do sujeito. A esse respeito, ela afirma que “se você teve um passado bom, eu acredito que a velhice não seja ruim. ” (EUNICE, ENTREVISTA, 09/2018). Essa etapa possui ligação intrínseca com o passado, uma vez que aquilo que se vive na velhice é fruto das experiências vivenciadas nas demais fases da vida. Desse modo, aquele que conseguiu ter acesso a saúde, conhecimento, bom convívio com amigos e que pode viver, de forma digna sua vida, certamente chegará a essa etapa com um olhar positivo e ressignificado sobre a velhice. Isso é possível porque suas experiências favoreceram a criação de uma identidade que não foi imposta pela sociedade, de que a velhice seja o fim da linha. Neste contexto, Bosi (1994) opina

sobre o antídoto capaz de combater o estigma negativo que se tem acerca da velhice na atualidade.

Como reparar a destruição sistemática que os homens sofrem desde o nascimento, na sociedade da competição e do lucro? Cuidados geriátricos não devolvem a saúde física nem mental. A abolição dos asilos e a construção de casas decentes para a velhice, não segregadas do mundo ativo, seria um passo à frente. Mas, haveria se sedimentar uma cultura para os velhos com interesses, trabalhos, responsabilidades que tornem sua sobrevivência digna. (BOSI, 1994, p. 81)

Longe da perspectiva idealizada do Bosi, no que se refere ao tratamento adequado, mas que, contudo, não é vislumbrado no processo de envelhecimento no contexto social da atualidade, o sentido de velhice para Eunice, está afastado do estigma de incapacidade e improdutividade que é, na maioria das vezes, a concepção social sobre o tema. Talvez, como os demais entrevistados que fizeram parte desse estudo, até pode ser uma forma de negar a velhice. De maneira recorrente ao longo de seu depoimento, a entrevistada deixa transparecer que a velhice é sinônimo de incapacidade, fraqueza e dependência. Ela, porém, se exclui de todas essas características e, aos 68 anos, o que se percebe é o receio de que seja considerada velha para as outras pessoas.

Eu tenho 68 anos e não me considero velha. Eu quero trabalhar, fazer as coisas, viajar. Eu não tenho isso de não posso, não dou conta. Eu até esqueço da minha idade que eu tenho quando eu estou no trabalho, fazendo alguma coisa, alguma compra, uma viagem, no dia-a-dia, no contato com as pessoas. Penso que [entre novos e velhos] é tudo igual. (EUNICE, ENTREVISTA: 09/2018)

Ao se tornar velho, para a sociedade capitalista, o sujeito deixa de ser economicamente ativo e, com isso, sua experiência tende a ser desvalorizada. Para evitar esse dano causado pela velhice, alguns tendem, quando possível, resistir à aposentadoria, como parece ser o caso de Eunice. No entanto, talvez, o fator mais importante para a redução desse movimento de exclusão social seja algo que deva estar presente em qualquer etapa da vida e não somente na velhice: o respeito mútuo. Eunice compreende que as pessoas não a olham de maneira diferente apenas pela idade que tem. O preconceito e discriminação são manifestações presentes em qualquer cenário e só poderão ser extirpados do meio social, a partir do momento em que a sociedade passe a enxergar e respeitar o outro como ele é. Sem necessidade de lhe impor

remendos forçados que quase sempre resultam em opressão.

Ressalta-se a concepção de Bosi (1994), de que é fundamental e urgente mudar essa cultura de que a velhice necessita de tratamento diferenciado para que o sujeito velho possa obter igualdade de condições em suas relações sociais. O que, de fato, faria toda a diferença seria a sedimentação de perspectivas que se traduzam em sentido para a garantia da sobrevivência digna do velho. Eunice, parece concordar com essa argumentação, ao afirmar que, apesar de seus 68 anos:

Não acho que seja pelo tratamento diferente porque se falar que vai fazer isso só pela minha idade, aí a gente se julga mais velho, impotente. Esse comportamento deve acontecer por respeito e por educação. O que falta é educação e respeito entre as pessoas. Então eu acho que as pessoas não olham a gente pela idade. Porque eu, com a idade que eu tenho se eu ver alguém mais velho, eu cedo o lugar para a pessoa. (EUNICE, ENTREVISTA: 09/2018)

Sobretudo, na atualidade, em que se experimenta o desenvolvimento dos meios de comunicação que trazem novas perspectivas para o estabelecimento das relações sociais, é fundamental que haja um profundo exame de reflexão na sociedade como um todo, a fim de que a tão almejada igualdade de direitos e defesa da dignidade humana, previstas nos dispositivos constitucionais, seja, de fato, algo plenamente vivenciado nessas relações e não uma nova forma de exclusão que deixa à margem aqueles que rotulados como incapazes ou improdutivos passam a ser, depois de certa idade, vítimas do preconceito e da discriminação social.

4. A SOCIABILIDADE DO VELHO NA ERA DA INTERNET

4.1. A cibercultura propiciadora de uma nova dinâmica social

A sociabilidade é a capacidade própria do sujeito de viver em sociedade ou interagir-se com seu meio. Essa interação sempre esteve presente na história da humanidade e é considerada um dos principais elementos que dá “sentido à vida”, uma vez que relacionar-se com o outro é um fundamento básico e sempre existente para a construção do processo comunicativo. (LEVY, 2000, p. 07)

O grande desafio da sociedade contemporânea, imersa em nesse grande “dilúvio informacional”, em que o volume de informações acessadas e compartilhadas torna-se gigantesco, é: reconstruir o sentido de interação até então existente, que trazia em seu bojo, a necessidade do contato presencial entre, pelo menos, dois sujeitos. (LÉVY, 1999, p. 15).

Caracterizada pela ausência de barreiras geográficas e do corpo físico, nesta fase atual do desenvolvimento dos meios de comunicação, a Internet surge como um novo espaço: o virtual, onde se observa o surgimento de novas formas de interação para a manutenção da sociabilidade nas relações sociais. Nesse novo cenário social e cultural, mundialmente, percebido, Lévy (1999), se apropria do termo ciberespaço, que para o autor, teve origem:

No final dos anos 80 e início dos anos 90, um novo movimento sociocultural originado pelos jovens profissionais das grandes metrópoles e dos campi americanos tomou rapidamente uma dimensão mundial. Sem que nenhuma instância dirigisse esse processo, as diferentes redes de computadores que se formaram desde o final dos anos 70 se juntaram umas às outras enquanto o número de pessoas e de computadores conectados à inter-rede começou a crescer de forma exponencial. Como no caso da invenção do computador pessoal, uma corrente cultural espontânea e imprevisível impôs um novo curso ao desenvolvimento econômico. As tecnologias digitais surgiram, então como a infraestrutura do ciberespaço, novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e transação, mas também novo mercado da informação e conhecimento. (LÉVY, 1999, p. 32)

Nesse entendimento, ciberespaço é o espaço virtual, desterritorializado, marcado pela perda de referências corporais, “capaz de gerar diversas manifestações com potencial concreto em diferentes momentos e locais, sem estar preso a um lugar ou tempo em particular”, sendo

compreendido, como um “espaço de comunicação aberto criado por meio da construção cooperativa de um mundo”, onde o sujeito participa, efetivamente, da construção do sentido da informação. (LÉVY, 1999, p. 41)

O desdobramento dessa nova dinâmica que se estabelece com o surgimento do ciberespaço, denominado de cibercultura para Lévy (1999), “especifica o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (LÉVY, 1999, p. 17). A cibercultura, portanto, é definida a partir da construção do conhecimento possibilitado pela nova relação comunicativa que se efetiva entre os sujeitos interconectados neste novo espaço de características novas, desconhecidas e em constante transformação. Para Lévy (2000),

As antigas culturas da oralidade e da escrita nos levavam a uma organização da mente, corpo e subjetividade. Assim também a cultura digital nos coloca outros desafios para nossa reconfiguração como seres sociais e individuais. (LÉVY, 2000, p. 07)

É a partir dessa reconfiguração do sujeito nesse novo espaço que, agora, se estabelecem as identidades e as representações sociais. A produção de sentido do sujeito se estabelece, nessa nova realidade, a partir de um novo dispositivo de interação que Lévy (2000) denomina de *todos e todos*. É uma menção ao sentido amplo da interatividade anunciada pelos novos meios digitais de comunicação, cujo desdobramento para o autor seria a construção de uma inteligência coletiva capaz de ser distribuída a toda a coletividade. Para Lévy (2000), a integração entre o sujeito e os novos meios de comunicação cria a sinergia necessária para construção dessa inteligência, uma vez que qualquer sujeito produz e oferece conhecimento e, por isso, deve ser valorizado e considerado para o desenvolvimento da sociedade como um todo.

Embora a concepção de inteligência coletiva seja algo presente desde as formas primitivas de comunicação, Lévy (1998) aponta que, com a internet, a possibilidade da construção de uma inteligência coletiva se amplia, uma vez que, de acordo com o autor, “é do equilíbrio entre a cooperação e a competição que nasce a inteligência coletiva”. Assim, para Lévy (1998), navegar na internet permite ao sujeito mergulhar na inteligência coletiva da humanidade para questionar, confrontar ideias, contar histórias e dialogar com outros sujeitos. Para o autor, é esse movimento que promove o conhecimento universal e coletivo.

Todavia, o próprio autor percebe que a ideia de inteligência coletiva, na atualidade, é mais um problema do que uma constatação. A partir da diversidade de saberes, interesses e opiniões que circulam pelas redes, Lévy (1999) propõe a reflexão acerca de uma série de questionamentos a respeito do tema em discussão.

A inteligência coletiva constitui mais um campo de problemas do que uma solução. Todos reconhecem que o melhor uso que podemos fazer do ciberespaço é colocar em sinergia os saberes, as imaginações, as energias espirituais daqueles que estão conectados a ele. Mas em que perspectiva? De acordo com qual modelo? Trata-se de construir colmeias ou formigueiros humanos? [...] A inteligência coletiva é um modo de coordenação eficaz no qual cada um pode considerar-se como um centro? Ou, então, desejamos subordinar os indivíduos a um organismo ou os ultrapassa? O coletivo é dinâmico, autônomo, emergencial, fractal? Ou é definido e controlado por uma instância que se sobrepõe a ele? (LÉVY, 1999, p. 134)

A inteligência coletiva, portanto, não é uma regra vislumbrada na cibercultura, e, sim, uma possibilidade global e universal, porém, não totalitária, uma vez que “as fontes são sempre heterogêneas”, em que se expressam os mais diversos tipos de identidade e representações que não são determinadas pelo ciberespaço, mas sim de acordo “com critérios humanistas”, nos quais se percebe a permanência de culturas múltiplas e plurais. (Lévy, 1999, p. 136) (Lévy, 1999, p. 170-171)

Assim, aquele circuito de comunicação compreendido entre emissor-mensagem-receptor, em que o receptor receberia o conteúdo de determinada mensagem de forma passiva, tendo a seu cargo somente a responsabilidade pela sua retransmissão, já não existia na era que antecedeu a Internet e, na atualidade, continua em seu movimento de resistência. Conforme defende Hall (2003), em comunicação, não há uma linearidade na transmissão de uma mensagem. Essa, na opinião do autor, nunca segue um parâmetro permanente, fixo ou rotulado.

Na cibercultura, o modelo de transmissão parece ter se modificado de vez, passando do que estava posto para algo semelhante à tríade emissor-mensagem-receptor interativo. Pois o sujeito, nesse novo espaço, é capaz de interagir com o conteúdo da mensagem, a ponto de alterá-la em sua totalidade ou não, podendo atuar, nos casos em que considera interessante, como produtor da informação. Martins (2008) argumenta que “o receptor da internet é um sujeito mundializado, sua relação interativa lhe permite o acesso potencial ao todo”, o que lhe permite, por meio dessa interação, a participação na produção e propagação de determinado conteúdo.

Nesse contexto, “a internet se torna uma nova atmosfera das relações humanas”, ainda que essa relação se dê, por muitas vezes, de modo essencialmente, mecânico. (MARTINS, 2008, p. 68-69)

Com a internet, observa-se o surgimento, no atual cenário mundial, uma nova forma de produção de sentido para o sujeito, não pela tecnologia em si, mas sim pela facilidade do contato com outras pessoas que se efetiva nessa nova realidade virtual denominada de ciberespaço. Martins (2008) compreende que a sociedade encontra, na tecnologia, uma nova oportunidade que reconfigura todo o espaço urbano. Entretanto, não está determinada por esta, uma vez que a palavra final referente ao uso e sentido apropriado sempre depende do poder de escolha do sujeito envolvido na ação.

A tecnologia não deveria ser responsável pelos atos dos homens. Ela não é a encarnação do bem, tampouco a do mal. A tecnologia que permite a comunicação para o mundo inteiro em tempo real será o que se fizer dela. Se quisermos que seja banal e feita para o entretenimento, será. Como se quisermos que ela seja dinâmica, informativa e educativa, ela será. Os carros podem revelar caminhos e paisagens como podem causar acidentes. Nem por isso os carros devem ser julgados como objetos bons ou maus. (MARTINS, 2008, p. 105)

Lévy (1999) segue no mesmo entendimento ao defender que o ciberespaço não é capaz de resolver apenas pelo fato de existir os principais problemas da vida em sociedade.

É certo que eles realizam na prática, novas formas de universalidade, de fraternidade, de estar juntos, de reapropriação pela base dos instrumentos de produção e comunicação. Mas, no mesmo movimento, desestabilizam em grande velocidade, e muitas vezes de maneira violenta, as economias e sociedades. Ao mesmo tempo em que arruinam os antigos poderes, participam da criação de novos, menos visíveis e mais instáveis, mas não menos virulentos (LÉVY, 1999, p. 254-255).

Rüdiger (2011), ressalta que “as máquinas que são boas para nós são as que não pretendem substituir a vida real pelo mundo virtual, ou que neguem ou pretendam abortar nosso desejo de autossuficiência”. Ou seja, as ferramentas e recursos disponíveis no ciberespaço devem colaborar para a construção de uma realidade com sentido e promoção do conhecimento

para os diferentes atores sociais e não para uma tentativa de limitar o sujeito pela existência da máquina. (RÜDIGER, 2011, p. 49).

Portanto, mesmo com tantos recursos de ordem técnica e informacional disponíveis, o sujeito tem o papel de protagonista que determina a forma e o conteúdo do meio onde vive. É ele o responsável por guiar e colocar em prática a sua capacidade de se comunicar e interagir com outros sujeitos.

4.2. A velhice e as novas perspectivas da sociabilidade na cibercultura

O processo comunicativo estabelecido na atualidade com o advento dos novos meios de comunicação assume nova roupagem em decorrência do surgimento de novas formas de sociabilidade. Nessa nova dinâmica em que as relações passam a ser vivenciadas no espaço virtual e constituídas sem a presença do corpo físico, a interação que se observa não é presencial, uma vez que passa a ser intermediada pelo computador.

Diferentemente do que aconteceu com o advento dos meios já existentes de comunicação como rádio, jornal, telefone ou televisão, presume-se que agora o sujeito passa a ser, além de mero receptor, o participante da criação de determinada mensagem. Além disso, é possível interagir com pessoas de diferentes lugares do mundo de maneira instantânea, o que implica em uma participação com característica cada vez mais ativa do sujeito dentro do processo comunicativo.

Contudo, alguns elementos negativos merecem destaque na discussão acerca dos pontos fundamentais da interação na cibercultura. Um deles, a visível perda do contato físico observada nas interações realizadas no mundo virtual, provoca uma espécie de solidão acompanhada onde o velho, ainda que esteja conectado, continua se sentindo só, pois em algumas situações não tem com quem compartilhar suas ideias, angústias ou projetos de vida uma vez que não são levados a sério nem pela sociedade e, muitas vezes, nem mesmo pela própria família. (BOSI, 1994)

Outro ponto que merece destaque na discussão diz respeito à nova característica da comunicação de massa que se apresenta. Na sociedade contemporânea, percebe-se que a nova realidade vivenciada permanece causando na cultura e na sociedade efeitos semelhantes aos

causados no passado. As grandes corporações reconfiguram suas estratégias a fim de se manterem no mercado, rendendo-se a essa nova dinâmica tecnológica com o objetivo exclusivo de perpetuar sua participação no mundo produtivo.

A tendência à massificação da informação observada com o advento do jornal, da televisão e do rádio é novamente verificada na atualidade. O surgimento da internet, como mais uma consequência do processo de globalização, ressalta o entendimento desse fenômeno de massificação que permanece presente e seus efeitos na sociedade podem ser bem maiores no ambiente virtual em razão da rapidez e facilidade de propagação de informações prontas que permanecem dificultando a produção ou a construção de sentido coletivo, uma vez que nunca são pensadas a partir de um diálogo com seus sujeitos.

Um terceiro ponto identificado nessa nova dinâmica da sociedade que se efetiva na cibercultura concerne à qualidade do acesso a esse meio de comunicação. Sabe-se que, no Brasil, existem faixas etárias onde número de usuários se aproxima da totalidade. Entretanto, outras faixas permanecem à margem, seja pelo desinteresse de alguns, seja pela dificuldade de acesso de outros.

Para se ter uma ideia, em 2017, o IBGE divulgou uma pesquisa⁸ na qual foi identificado que do total de usuários conectados à rede mundial de computadores, apenas 24,7% possuem acima de 60 anos. Isso evidencia que a exclusão digital é algo notório no Brasil, já que o aumento do quantitativo da população idosa não ocorre na mesma proporção quando se faz uma relação com o número de usuários da internet.

Outro elemento que pode ser tratado como uma contradição entre a tecnologia e a cultura está relacionado à alteração que ocorre nos padrões comunicativos e de interação entre os sujeitos. As interações mediadas pelo computador visivelmente aceleram o acesso a determinada mensagem, rompe barreiras geográficas e propagam informações de maneira instantânea. Mas essa imposição, inevitavelmente, substitui o calor humano das relações pelos comandos da máquina. Em sua tese de doutorado, Sousa (2008), na tentativa de elucidar essa afirmação, expõe uma importante diferença entre o vínculo estabelecido nas relações sociais, citando o exemplo entre as brincadeiras infantis, com o que se tem por meio do uso do computador. Na sua opinião, “há uma contradição entre a cultura e a tecnologia. O esconde-esconde, a brincadeira de rua está vinculada ao desenvolvimento do ser como social e o

⁸ O compilado da pesquisa está disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/c62c9d551093e4b8e9d9810a6d3baff.pdf> Acesso em 20 mar. 2018.

computador, ao individualismo” (SOUSA, 2008, p. 199). Esse individualismo, necessariamente, causado pelas relações frias e rasas, fruto das mediações que acontecem com o meio virtual limita a sociabilidade e, principalmente, agravam a condição de isolamento social.

Em um cenário de preconceito e discriminação, dada a sua condição socialmente imposta de incapacidade, o velho se vê como oprimido, com a sensação de que seus conhecimentos são ultrapassados no atual contexto tecnológico e suas experiências, sem sentido, restando-lhe apenas a aceitação daquilo que lhe é imposto pela sociedade e das condições impróprias a que está submetido. É nessa realidade que o velho se vê diante da necessidade de desafiar essa condição de opressão para se manter na qualidade de sujeito ativo de seu contexto social.

Numa tentativa de minimizar essa situação de exclusão, observa-se o surgimento de instituições que buscam promover a inclusão do idoso, por meio da criação de projetos e programas sociais específicos, como é o caso da informática para a terceira idade desenvolvida pelo Grupo Os Mais Vividos do SESC Uberlândia, analisada e discutida no tópico anterior deste capítulo.

Embora não seja possível considerar que a desigualdade e exclusão social do velho possam ser resolvidas pela tecnologia, facilitar o contato com a informática é, de certo modo, fornecer subsídios capazes de permitir a efetivação do processo comunicativo da sociedade no mundo contemporâneo, uma vez que esse contato possibilita a participação desse sujeito nessa nova dinâmica de construção do conhecimento por meio da interação e construção do ciberespaço. Lévy (1999) defende que:

As verdadeiras relações, portanto, não são criadas entre a tecnologia (que seria a ordem da causa) e a cultura (que sofreria os efeitos), mas sim entre um grande número de atores humanos que inventam, produzem, utilizam e interpretam de diferentes formas as técnicas”. (LEVY, 1999, p. 23)

Assim sendo, a partir da apresentação dessa discussão sob o ponto de vista teórico-conceitual da tecnologia, espera-se que os depoimentos apresentados no próximo tópico possam imprimir, na prática, o sentido da tecnologia em seus cotidianos, bem como a compreensão de como a questão tecnológica está posta na velhice.

4.3. Perspectivas da velhice na cibercultura: A experiência dos integrantes do Grupo Os Mais Vividos dos Sesc Uberlândia

A discussão em torno do uso do sentido da tecnologia é polêmica. Há um movimento de estudiosos que defende que no futuro o computador, por meio da programação de sistemas de informação, será capaz de executar tarefas que somente o homem consegue realizar. Entretanto, até que ponto essa substituição do homem pela máquina é algo real na sociedade contemporânea? Principalmente para o idoso, é preciso considerar que, hoje, aos 60 anos, ele não vivenciou a mesma realidade que uma criança vivencia hoje. Esse idoso, pela própria ausência do potencial tecnológico à época da sua juventude, não tem a mesma intimidade com o computador e nem reconhece, na mesma intensidade, suas possibilidades quando comparado ao jovem de hoje em dia. O depoimento de Lurdinete (2018), retrata bem essa diferenciação entre o uso da tecnologia entre velhos e jovens, quando a entrevistada relata que suas netas, que ainda são crianças, tem muito mais traquejo e facilidade com o manuseio do telefone celular do que ela mesma.

Esses celulares modernos para mim era o mesmo que um burro olhando para um palácio. Até hoje, as crianças têm mais facilidade do que a gente mais velha. Minhas netas que são pequenas que costumam me socorrer quando eu preciso fazer alguma coisa. (LURDINETE, ENTREVISTA: 09/2018).

O mundo se transformou rapidamente e, conseqüentemente, como já foi abordado, as relações sociais também adquiriram nova configuração que, por sua vez, alteraram o padrão comunicativo entre as pessoas. Bosi (1994), nesse contexto, argumenta que, sobretudo para o velho, é preciso um esforço maior para romper com as barreiras do preconceito e da discriminação e seguir o curso da sua vida de maneira significativa, participando dos assuntos da coletividade e não se sujeitando, portanto, a um papel passivo de incapacidade. O mesmo pensamento é apontado por Lurdinete (2018), ao afirmar que “a gente tem que fazer uma coisa útil para se sentir viva. Ver gente, conversar. É disso que eu gosto.” (LURDINETE, ENTREVISTA: 09/2018).

A sociedade, pela sua dinâmica, ao tentar impor que o velho utilize mecanismos tecnológicos para se manter incluído no contexto social, comete em alguns casos uma violência. Não se pode usar essa referência, uma vez que os valores e a construção das referências

formadoras da identidade são pontos extremamente heterogêneos no contexto social.

Lázaro, por exemplo, manifesta seu pensamento totalmente avesso ao uso do computador e da internet. Ainda que, ao longo de sua trajetória profissional, teve um certo contato com o que ele descreve como “máquinas velhas” por exigência do trabalho, esse fato não lhe despertou o interesse pelo uso do computador. O entrevistado não se identifica e nem consegue perceber sentido em sua utilização e reforça que o trabalho com as máquinas, na ocasião em que atuou em escritório, era algo muito cansativo. Identificava-se muito mais com o trabalho de vendedor, pois, além do retorno financeiro que a atividade lhe rendia, trabalhar com vendas lhe permitia acesso a “um horizonte aberto”, onde ele tinha “contato com todos os lados”. (LÁZARO, ENTREVISTA: 09/2018)

O contato e a convivência com seus clientes era algo que fazia com que Lázaro se sentisse incluído e respeitado no meio em que vivia. Talvez por essa razão, hoje em dia, na condição de aposentado, ele não se sinta valorizado perante a sociedade. Em seu relato, ele expressa que com a aposentadoria, ele perdeu amigos, fato que compromete a sua sociabilidade, refletindo negativamente em sua autoestima.

Meus clientes viravam amigos. Mas quando a gente para, é muito ruim. É muito ruim porque você perde os contatos. A vida de todo mundo vai ficando apertada e os que continuam trabalhando não tem tempo para visitas, essas coisas né. Quem está a toa, já falta o dinheiro para fazer viagens e tal. Então, o ruim é isso. (LÁZARO, ENTREVISTA: 09/2018)

Esse comprometimento da sociabilidade vivenciado no período pós-aposentadoria também é reforçado no depoimento de Lázaro, quando o entrevistado afirma que seu passatempo preferido é assistir “televisão, mas só vejo jornal”. (LÁZARO, ENTREVISTA: 09/2018). A partir desse depoimento, é possível propor a seguinte reflexão: Sobre aquilo que está sendo apresentado no jornal televisivo, como é o caso, há produção de sentido de um determinado discurso? De outro modo, para a compreensão da mensagem, é possível afirmar que Lázaro partiu de um conhecimento construído ou apenas de um discurso dado? Ao se deparar com discursos prontos apresentados nos noticiários, sem envolvimento daquele que transmite e daquele que recebe a mensagem, o processo comunicativo perde forças pela ausência de interação. França (2008), no âmbito dessa discussão, expõe que:

A comunicação enquanto interação é uma relação de dois: um e outro estão lá desde o princípio e não podem ser ignorados (ainda que nosso foco de análise incida mais particularmente sobre a ação de um deles). Não é possível, numa perspectiva interacional, analisar a intervenção de um emissor sem levar em conta o outro a quem ele se dirige e cujas respostas potenciais já atuam com antecedência sobre o seu dizer; não é possível analisar o receptor separado dos estímulos que lhe foram endereçados e que o constituíram como sujeito daquela relação (FRANÇA, 2008, p. 85).

É evidente que a interatividade ocorre entre Lázaro e o aparelho de televisão. Por outro lado, a defesa de Hall (2003) reforça que, a comunicação de massa, como acontece com o jornal televisivo que atinge um público considerável com a transmissão de um conteúdo pronto, é algo que sempre foi prejudicial para a sociabilidade porque a recepção se dá a partir de um conteúdo inalterável, pronto e já determinado, no qual não se pode vislumbrar a participação do sujeito na construção da mensagem produzida.

O uso e o sentido da tecnologia se apresentam de diferentes maneiras para cada sujeito. Essas diferenças possuem características muito particulares e podem ser comprovadas por meio das experiências relatadas pelos entrevistados no curso de informática básica para a terceira idade do SESC. Em cada caso, observa-se um objetivo que perpassa pela necessidade de interação frente à sensação de isolamento provocada pela aposentadoria, até para atividades mais triviais, como conhecer o computador, a internet, aprender a navegar nas redes sociais para se informar, conversar com amigos e parentes distantes. No caso específico de Lázaro, a tecnologia era uma possibilidade de o entrevistado poder voltar ao mercado de trabalho.

Consciente de que é um “mal necessário” hoje em dia, Lázaro conta que sentiu necessidade de aprender a manusear o computador e o aparelho celular para se aperfeiçoar ou mesmo poder se informar das coisas que aconteciam. E, por essa razão, procurou um curso de informática para:

Aprender um pouquinho a mexer com computador, com telefone. O telefone por exemplo eu só sabia fazer ligação. Então eu procurei para me informar. Aprender. Pois não sabia nada. Só fiz esse [curso de informática] e nessa área de informática eu nunca trabalhei. (LÁZARO, ENTREVISTA: 09/2018)

Preocupada com a perda de contato com o mundo, após a aposentadoria, Dejamir vê na tecnologia, um meio de socialização. Na sua visão, o computador é um instrumento que lhe

permite não se sentir isolada, mesmo sem sair de casa.

Quando a gente se aposenta, a gente corre o risco de perder o contato com as outras pessoas. Embora eu ainda tenha contato com os colegas do trabalho, depois que me aposentei, eu não tenho mais aquele convívio diário da rotina de trabalho. Então, a vida da gente se modifica depois que vem a aposentadoria, então é preciso procurar um meio para socializar, para não ficar isolada dentro de casa. (DEJAMIR, ENTREVISTA: 09/2018)

Em muitos casos, verifica-se uma resistência do velho em relação ao uso do computador. Essa resistência não pode ser considerada sinônimo de rejeição. Na maioria das vezes, ela ocorre em função da ausência sentido do velho em relação ao uso da máquina. Basta lembrar que o computador se tornou mais acessível nos últimos 20 anos, quando a Internet se popularizou. É possível afirmar que as condições de acesso, na atualidade, estão mais facilitadas. Além disso, o vínculo afetivo estabelecido entre instrutor e aluno do curso de informática é capaz de afastar o receio de que não será possível assimilar o aprendizado, trazendo uma sensação de segurança ao velho. Atrelada a essa segurança, a popularidade da internet pode ter despertado o interesse de Eunice em aprender as funções básicas do celular e do computador.

Olha, porque eu tinha um telefone e não sabia mexer nele. Eu sempre tive computador na minha casa, mas eu nunca tinha me interessado por ele. Não sabia nem ligar. Nesse dia eu estava fazendo até hidroginástica. Aí cheguei lá tinha inscrição. Fiz a matrícula, fiz o curso. E achei muito bom porque eu não sabia nem ligar o computador. Eu achei aquilo muito bom. Fiz o curso, aprendi muita coisa com o professor Hugo. Foi muito bom, com muita paciência, com amor no que ele estava fazendo. Eu gostei muito. (EUNICE, ENTREVISTA: 09/2018)

A curiosidade foi outro fator determinante para que Lurdinete e Venildes se inscrevessem no curso de informática do SESC. Em busca de estar sempre em movimento e à procura de novos aprendizados, ambas as entrevistadas não tiveram receio de ter contato com algo até então desconhecido e, ao descobrirem a internet, afirmam que se depararam com um mundo novo que, além de preencher seu tempo, melhorou a qualidade de suas relações sociais.

Foi um curso de muitas descobertas. Foi um mundo novo que se abriu para mim. Porque eu só sabia atender o celular. Eu não sabia nem ligar um computador. Aí eu aprendi a mandar mensagem, procurar uma imagem na internet. É muita coisa nova que a gente aprende. Eu comecei [a frequentar as atividades no SESC] na tentativa de preencher meu tempo, porque eu não aguento ficar em casa vendo televisão ou dormindo. Só engordando. Deus me livre. (LURDINETE, ENTREVISTA: 09/2018)

A internet em si é uma descoberta diária. Sempre que estamos utilizando a internet, estamos descobrindo coisas novas, como pagar contas, fazer compras, mandar recados. Inclusive até paqueras. Quando eu me matriculei no curso eu tinha muito pouco conhecimento. Com o curso, esse conhecimento foi ampliado. O curso foi uma porta de entrada para novas descobertas. O curso melhorou meus relacionamentos. Melhorou muito os conceitos que eu tenho da vida em si. E a partir desse curso, eu descobri que não preciso de um jornal ou do aparelho de televisão. Eu posso saber de uma notícia pela internet, assistir um capítulo da novela pelo computador. Então é um conhecimento muito amplo que podemos ter a partir da internet. Isso ajuda muito nos relacionamentos, na aproximação de amigos. Eu me sinto incluída porque tenho acesso a qualquer coisa que eu preciso, inclusive compartilhar esse conhecimento com meus amigos. (VENILDES, ENTREVISTA: 09/2018)

O uso que cada sujeito atribui à tecnologia ou o acesso mediado ao mundo virtual não é fator determinante para a socialização dos sujeitos da pesquisa, mas pode ser considerado uma possibilidade e até mesmo uma condição para a promoção dessa sociabilidade. Entretanto, a expectativa que se busca por meio desse acesso é algo particular e varia, conforme comprovado nos depoimentos dos entrevistados, de sujeito para sujeito.

O entrevistado Lázaro afirma que se matriculou no curso de informática do SESC no ano de 2015, logo depois que se aposentou, para encontrar trabalho e, inclusive, criou seu perfil do Facebook durante o curso e nunca mais se interessou pelo acesso. Alega que não precisa dessas ferramentas porque não trabalha e, assim como ele, sua esposa também costuma acompanhar ou utilizar as redes sociais para se informar ou comunicar com os outros. Lázaro reafirma que seu único objetivo ao procurar aprender um pouco sobre o uso do computador era de se capacitar a fim de conseguir um trabalho. E por não ter conseguido uma oportunidade, em função de, na sua opinião, da sua idade, ele acabou se desinteressando e não praticando o que aprendeu.

A partir de seu depoimento, é possível afirmar que Lázaro não participa da construção do que Lévy (1999) chama de inteligência coletiva por meio da internet, mas sim por outras formas de sociabilidade que ele utiliza para se comunicar com os outros, seja por meio de

contato presencial, seja por meio do telefone. O entrevistado acredita que o uso dos novos meios de comunicação é essencial para aproximar pessoas, todavia, no seu caso, essa utilização limita-se para o trabalho, que, embora seja um desejo pulsante pela exclusão social que sente perante a sociedade, não é uma necessidade.

[No curso de informática] Todo mundo criou [seu Facebook], mas eu só mexi no meu lá no curso. Depois nunca mais me interessei. Não tenho curiosidade de mexer com isso não. Se eu precisar conversar com alguém, rever alguém, eu uso mais o telefone. Nem WhatsApp, eu costumo usar. Prefiro ligar. (LÁZARO, ENTREVISTA: 09/2018)

[O desinteresse ocorre] porque eu nunca tive necessidade de lidar com isso no meu trabalho. Minha esposa também não gosta. Vejo meus filhos envolvidos demais com a internet, eles são do meio. Até o neto de 5 anos também vai gostar porque é curioso demais. Mas eu não. (LÁZARO, ENTREVISTA: 09/2018)

[Se eu estivesse trabalhando] Certeza absoluta que eu procuraria aprender. É só falta da necessidade mesmo. A minha necessidade atual, eu resolvo ligando e pronto. Embora eu saiba que estar conectado seja uma necessidade. É muito mais barato para ter contato com outras pessoas pelo computador. Mas é uma necessidade para muitas coisas hoje em dia. O computador é uma forma de se estar mais próximo de pessoas, de ter acesso a um grupo maior de pessoas. Para o trabalho, hoje em dia é fundamental. (LÁZARO, ENTREVISTA: 09/2018)

A entrevistada Maria Inez, por outro lado, conta que repetiu o mesmo curso por três vezes para aprender usar as redes sociais e que faz uso do Facebook como uma espécie de diário em que posta praticamente tudo que acontece na sua vida. O fato de poder interagir com outras pessoas pelas redes sociais é motivo de satisfação para a entrevistada. Ainda que, em alguns casos, ela nem saiba com quem está falando, Maria Inez acredita que, por meio desse contato, ela consegue estabelecer novos vínculos de amizade.

O Facebook é uma terra sem lei. A gente está jogando no escuro, mas graças a Deus hoje eu já estou lá tem uns seis anos. Nunca fui prejudicada. Ninguém nunca fez maldade comigo...por isso eu continuo investindo. Se eu estou triste eu conto, se eu estou alegre eu conto, conto tudo. O Facebook é meu amigo do coração. (MARIA INEZ, ENTREVISTA: 09/2018)

Entretanto, para Maria Inez, é preciso ter muito cuidado com a linguagem utilizada nas

redes sociais. No seu entendimento, devido à abrangência e à rapidez com que as mensagens são propagadas, é necessário, mais do que nunca, respeitar a opinião do outro para evitar desentendimento ou afastamento das pessoas. Além disso, a substituição da linguagem oral pela escrita provoca falhas de interpretação, uma vez que, nem sempre o emissor quis dizer o que foi compreendido pelo receptor da mensagem. Na opinião dela, esses são dois problemas que ela procura estar sempre atenta, quando se interage com pessoas pelo Facebook.

É diferente porque você tem certas regras, né? Você não pode por tudo que o tem vontade de falar ou escrever... tem hora que você tem uma vontade de xingar a pessoa, mas você tem que ter educação. Agora, assim, cara a cara é melhor que aí você fala o que quer, aí você pode se redimir, falar “não foi isso que eu quis falar”. Agora lá não, lá [na internet] tem que pensar bem no que você vai falar porque depois você pode magoar a pessoa sem você querer. Lá a gente não pode ser assim também com coração aberto. Tem seus prós e os seus contras. Digitando é diferente de quando você fala... Porque, igual, uma mulher falou bom dia para mim e eu entendi ela falando assim: “Jesus tia má”. Eu entendi, eu li assim... aí questionei com ela, porque que ela falou para mim que eu era “tia má” sendo que eu só pratico o bem. Ela falou para mim: “Eu escrevi: Bom dia Jesus te ama”. Então foi uma interpretação errada. Eu não gostei dela me chamar de tia má e ela também não gostou por eu tê-la interpretado mal, porque ela falou que jamais me chamou de má. (MARIA INEZ, ENTREVISTA: 09/2018)

Ainda que, em alguns casos, possa comprometer a qualidade da comunicação entre as pessoas, é inegável que o processo comunicativo é facilitado por meio das novas tecnologias de comunicação e informação. Não se pode negar que “o impacto provocado pelas transformações tecnológicas altera a história de vida do sujeito”. (SOUSA, 2008, p. 177). Maria Inez vê no uso que faz de sua rede social, a possibilidade de acompanhar a vida de familiares distantes que só encontra uma vez a cada ano. Na sua visão:

[Em alguns casos] prejudica bastante a comunicação, mas, infelizmente, hoje é melhor ir através do computador do que ficar esperando, igual, a minha sobrinha, ela mora em Campinas, eu conheço os filhos dela mais pelo computador, pelo Facebook, porque eu vejo o crescimento deles, já que só me encontro com eles uma vez no ano. Então lá [no Facebook] eu participo dos aniversários deles, da rotina deles indo para a aula, das festinhas que eles fazem, tudo que vai para o Facebook. Então, para mim, a rede social é maravilhosa! Apesar dessas coisas, assim, algum probleminha que pode ter por conta dessas coisas que eu já te falei, mas eu confio cegamente na rede social. (ENTREVISTA: MARIA INEZ, 2018, p.)

Na concepção de Venildes, as redes sociais, especificamente o Facebook, tem uma importante utilidade para fazer novos amigos e se sentir mais próxima daqueles amigos distantes. A ausência de contato físico é um fator que prejudica a qualidade de suas amizades, mas não é considerada um problema para a entrevistada. Não há receio, porque ela sente que, embora esteja distante fisicamente, a afinidade provocada pelo contato virtual é suficiente para o estabelecimento do vínculo afetivo entre as pessoas.

Utilizo muito esse meio de comunicação. Tenho pessoas, inclusive, que tenho contato somente pelo computador. Porque faço pesquisa das pessoas que aparecem em meu perfil, então, eu descubro onde elas moram, consigo visualizar os amigos que temos em comum, daí eu me sinto segura para conversar. Embora nem sempre tenha proximidade física, existem pessoas que eu sinto vontade de entrar em contato porque percebo uma certa afinidade pelas coisas que são compartilhadas. Então eu sinto que me relacionar com essa pessoa vai me acrescentar coisas positivas. É uma forma que eu encontro para participar da vida de outras pessoas. (VENILDES, ENTREVISTA: 09/2018)

O velho, nesse novo cenário, precisa ter consciência de que não é possível ignorar ou evitar esses benefícios por desinteresse ou por receio em relação ao seu uso. De acordo com Lévy (1999), essas transformações de ordem tecnológica inserem o sujeito em um novo espaço de novas possibilidades, inclusive, relacionadas a sociabilidade e devem ser utilizadas coletivamente privilegiando toda a sociedade e não como mais uma forma de exclusão. A esse respeito, Lurdinete (2018) relembra um pouco de seu passado, enquanto trabalhou como telefonista para demonstrar, com fatos, um pouco das facilidades que se tem hoje em dia:

Eu sou do tempo em que eu trabalhava no escritório e a minha empresa tinha filial no Rio de Janeiro e São Paulo. A primeira coisa que a gente tinha que fazer quando chegava no trabalho era pedir uma ligação para a telefonista para saber a cotação da bolsa. Tinha dia que a ligação não saia. Não tinha nem DDD. Era direto pela telefonista. A gente não conseguia falar no escritório. Agora hoje, você fica sabendo de tudo na hora e o mundo inteiro vê também. (LURDINETE, ENTREVISTA: 09/2018)

A preocupação de Lurdinete diz respeito ao uso que as pessoas fazem das facilidades advindas da internet. Como em todos os depoimentos, a sabedoria é algo expressivo e, a esse

respeito, merece destaque o trecho em que a entrevistada expõe que:

Não é a tecnologia, mas sim o uso que as pessoas fazem dessa tecnologia que prejudica as pessoas. Eu tenho medo é de partir para o lado errado e a gente perder o controle. A tecnologia tem tudo para melhorar, inclusive a intenção deve ter sido essa. Outro dia eu li que Santos Dumont ao inventar o avião, não teve a intenção de transportar bombas. Mas o problema, então, é o uso que as pessoas fazem. Usam para o mal. (LURDINETE, ENTREVISTA: 09/2018)

Apesar de considerar os novos meios de comunicação algo presente em seu cotidiano, Lurdinete entende que há uma importante distinção entre o uso e o sentido dessa tecnologia. Quase sempre essa utilização se traduz em algo automático e por esse motivo não implica na construção de conhecimento, tampouco contribui para a aproximação entre os sujeitos. Para a entrevistada, apesar de todas as facilidades e praticidades que os novos meios de comunicação possibilitam, o ponto mais importante é a consolidação do vínculo afetivo entre as pessoas. É no contato diário e presencial que as relações se fortalecem:

Na internet é mais difícil. Acho um pouco frio. Mas no dia-a-dia é muito comum. As pessoas com as quais você convive consegue perceber se há algo de errado com você. Na internet é mais difícil. Outro dia mesmo eu cheguei atrasada na aula de flauta. Então eu cheguei correndo e fui pegar as partituras. Como eu costumo ser muito barulhenta, uma colega chegou logo me perguntando porque eu estava chulé, se estava acontecendo alguma coisa. (LURDINETE, ENTREVISTA: 09/2018)

O mesmo pensamento é compartilhado, também, por Lázaro. Embora seja perceptível, no seu caso, uma importante rejeição em relação ao potencial comunicativo propiciado por essas novas técnicas, o uso exagerado dessas ferramentas ao invés de aproximar pode provocar o afastamento entre as pessoas, uma vez que muitas das vezes são priorizadas mais as relações virtuais do que o contato presencial.

Distancia as pessoas do convívio, da conversa. Eu acho que é indecente. Eu tenho raiva. Às vezes você está sentado em um lugar, ou acha uma mesa grande. As pessoas não têm educação. São poucos que conversam um com o outro. O resto fica só no telefone. Eu acho que não precisa disso não. Tem

gente que está dentro de casa e, muitas vezes, um irmão conversa com o outro irmão pelo celular estando dentro de casa. Por que não ir lá e conversar com a pessoa? (LÁZARO, ENTREVISTA: 09/2018).

Sobretudo, nesse universo novo gerado pelo desenvolvimento tecnológico é primordial que a sociedade compreenda e considere que cada sujeito é único e não pode estar reduzido apenas à condição de usuário de uma determinada tecnologia. Mais primordial ainda é poder considerar que as novas possibilidades advindas deste avanço devem permitir ao velho a participação efetiva processo comunicativo. Não somente pelo simples acesso ao chamado mundo virtual, mas, sobretudo, pela possibilidade de inclusão e construção de conhecimento que traga sentido para suas vidas.

5. A VELHICE NA CIBERCULTURA

5.1. O refazer da experiência

Na contramão do desenvolvimento científico, observa-se na atualidade a perda regressiva do valor concedido a experiência para a construção das relações sociais. Benjamin (1986) classifica a perda desses valores que acontecem em detrimento da estrutura produtiva, como “pobreza da experiência”. Para o autor, a modernidade compromete as relações sociais, pois coloca o sujeito à margem do progresso técnico, fazendo emergir uma nova forma de miséria. De acordo com o autor:

A pobreza da experiência aparece como um sintoma ou característica da modernidade, junto com a decadência da arte de narrar, de compartilhar experiências. A solução para o impasse da modernidade para a miséria da experiência seria um novo e positivo conceito de barbárie. (BENJAMIN, 1987, p. 116).

Crítico voraz das consequências que o desenvolvimento tecnológico provocou na sociedade, Benjamin (1987) aponta que o grande desafio, que na atualidade se apresenta ao homem, é lutar para ressignificar os sentidos e os valores humanistas sufocados pela violência e barbárie a que se submete pela ótica capitalista.

Nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadas que a experiência estratégica pela guerra, de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela fome, a experiência moral pelos governantes. (BENJAMIN, 1987, p. 114)

É importante deixar claro que o pano de fundo considerado por Walter Benjamin refere-se ao período em que se deu a Primeira e Segunda Guerra Mundial. Portanto, entre os anos de 1914 a 1945, quando os soldados se deparavam com sua pequenez frente aos potentes aparatos bélicos da guerra e voltavam do combate mudos ou impossibilitados de relatar suas experiências pela violência e terror vivenciados nos campos de batalha. Na visão do autor, esse confronto entre o homem e a tecnologia deixa, nitidamente, o primeiro em situação desfavorável e o joga a uma condição de submissão. Cria-se, com isso, uma atmosfera de desânimo e cansaço que impede que as aspirações mais íntimas de sua essência ganhem voz. O homem, portanto, se vê tolhido de participar, elaborar e acolher experiências, tornando-se uma espécie de “mendigo medieval”. (BENJAMIN, 1987, p. 115)

De maneira analógica, o autor se aproveita desse relato para trazer a lume o que ele define como “uma nova barbárie” introduzida pelo “monstruoso desenvolvimento da técnica” não somente nos campos de batalha, mas em toda a sociedade. Benjamin entende que “esse novo homem, pobre de experiências, formata-se aos espaços modulados e funcionais, adaptados às necessidades práticas da vida moderna”. (MEINERZ, 2008, p. 35).

Ao sufocar a sua experiência, o sujeito abre mão de seu patrimônio humano, perdendo sua capacidade de transmitir seu conhecimento ao outro. Essa desvalorização coloca o presente como ponto de partida, como se o homem fosse uma tábula rasa ou um sujeito “cujos interesses e valores são estritamente materiais, vulgares, convencionais, desprovidos de inteligência e imaginação artística ou intelectual” (MEINERZ, 2008, p. 30). Benjamin (1987) defende que o sujeito não deve aspirar por novas experiências, mas sim, pela libertação de toda a experiência vinculada ao passado e, portanto, ao seu patrimônio histórico, cultura e social. Somente a partir do retorno a sua essência é que, na concepção do autor, será possível que algo verdadeiramente significativo passe a constituir a sua existência.

Meinerz (2008), argumenta que “nos tempos modernos, a pressa, outrora sinônimo de imperfeição, converteu-se na máxima tempo é dinheiro” tornando tudo ao redor algo efêmero. Nesse cenário, constata-se a perda da arte de contar histórias e da troca de conhecimento. Não há mais tempo para diversão e sonhos, o homem se tornou escravo de seu tempo. O sujeito,

isolado e concentrado nas obrigações que o processo produtivo exige, tendo que cumprir jornadas de trabalho extenuantes quase sempre sob a companhia da frieza das máquinas, viu seu contato social violentamente comprometido. Esse fato impacta negativamente no processo de construção da identidade e na memória do sujeito que, por sua vez, afeta o sentido de sua história.

O cansaço do sujeito, fruto de suas batalhas diárias, deve-se à sua busca incessante por algo que se localiza na simplicidade e não em um “plano grandioso” que insiste em moldá-lo e determiná-lo a partir da técnica. É preciso se superar pela cultura, pois a luta contra esse modelo de imposição deve ser contínua na busca pelo fim da mudez, em que seja possível a transmissão das experiências por meio da oralidade e pela arte, inspirando a sua criatividade e trazendo mais humanidade à massa que um dia, talvez, retribua com juros e com os juros dos juros” propiciando um mundo mais justo, solidário e livre. (BENJAMIN, 1987, p. 118-119)

Pouco mais de cem anos depois, o diagnóstico apresentado por Benjamin, ironicamente, permanece presente e até mesmo ampliado no contexto social vivenciado na atualidade. O progresso definitivamente não foi capaz de resolver as barbáries sociais vivenciadas em nenhum momento da história. A fome, a exclusão, a discriminação e o isolamento social agravados pela lógica capitalista são efeitos recorrentes e que só encontraram na mais recente revolução tecnológica, novas vestimentas.

Em todos os momentos da história da civilização existiram crises, revoluções, conflitos e mudanças do padrão produtivo e cultural, porém em nenhum momento o ser humano foi, como era esperado por alguns, descartado de seu lugar na sociedade. Pelo contrário, cada vez mais ele assume um papel crítico de resistência e determinante para que novos paradigmas, inclusive de cunho tecnológico, sejam originados ou modificados ao longo do tempo. E o caminho para o equilíbrio dessas tensões, por sua vez, parece ser na atualidade, o mesmo de outrora.

É preciso construir a identidade social a partir da relação comunicativa e não meramente pelo consumo. O passado, sempre ultrajado como ultrapassado por uma visão tecnológica é entendido como valor para pensar o presente e traçar o futuro. (SOUSA, 2008, p. 242).

O sujeito tem de valorizar sua experiência e não deve, portanto, ter a preocupação

excessiva de “apagar seus rastros” nem se sujeitar a viver em “casas de vidros”, onde nenhuma memória se fixa. (BENJAMIN, 1987, p. 117). Os valores humanos essenciais não se definem ou se constroem pela técnica. Pelo contrário, o essencial não se alterou ao longo de toda a história: o conhecimento, a emoção, a solidariedade e o respeito mútuo, permanecem sendo elementos constituintes da sociabilidade. Esse é o alimento capaz de dar sentido à realidade do sujeito.

Eis que um grande dilema permanece em discussão na atualidade. Sousa (2008) propõe, para análise da atualidade, a seguinte reflexão: “Como é possível ter tanta pobreza em uma realidade onde a tecnologia é tão avançada?” (Sousa, 2008, p. 172). A questão que se apresenta ainda pode ser respondida dentro dessa ideia de nova barbárie proposta por Walter Benjamin no sentido de que o progresso marginaliza a sociedade uma vez que provoca a exclusão pela desigualdade social que sempre existiu, além de impor ao sujeito uma produtividade que, no fim, destaca-se pela perda de sentido de sua própria realidade.

Concomitantemente, pode-se propor outra reflexão: Como é possível explicar o fato de que na velhice considerada historicamente um momento de declínio físico e psicológico, marcado pelo quase sempre violento afastamento do mundo social, alguns velhos permanecem com vitalidade e plena atividade sob o ponto de vista econômico?

São questionamentos que requerem uma reflexão profunda. Ao se considerar o que propôs Walter Benjamin de que se experimenta na atualidade a chamada nova pobreza em contraponto com o movimento que se estabelece por meio dos novos meios de comunicação disponíveis, é preciso que se tenha clareza de que essas novas tecnologias são facilitadoras ou apenas novos mecanismos de reprodução da informação disponível para a massa. Tal proposta será objeto de análise no próximo tópico do trabalho.

5.2. Dilemas da velhice na cibercultura

O que a sociedade espera do velho? Aparentemente, é um questionamento simplista, mas com considerável abrangência. O destino do velho, de certa forma, parece estar dado. Bosi (1994) evidencia esse sentido ao afirmar que “é assim mesmo que deve acontecer, a gente perde a serventia, dá lugar aos moços. Para que serve um velho, só para dar trabalho. (BOSI, 1994, p. 76). Entretanto, esse é apenas mais um dilema vivenciado na velhice.

Como apresentado nos capítulos anteriores, o processo de envelhecimento é vivenciado sob diferentes pontos de vistas. Entretanto, todo o conflito que emerge em relação a existência do velho origina-se a partir do olhar do outro. O outro considera o velho incapaz. O outro, por convenção, determinou que aos 60 anos ele não é mais um sujeito produtivo, devendo-se aposentar. Além disso, muitas vezes é o outro o grande responsável pelo afastamento do velho do contexto social. Esse é o percurso que a humanidade tem trilhado de modo geral nos últimos tempos. Recorrendo-se a julgamentos prontos baseados em determinações, o homem cria novas identidades e representações sociais que, quase sempre, se distanciam de sua essência e da sua visão de mundo. Com o progresso tecnológico, cada vez mais essa lógica se consolida.

Em consequência desse pensamento pragmático, desse caminhar somente para frente, busca-se desesperadamente encontrar respostas de problemas históricos na sociedade em cada nova tecnologia que se apresenta em nossa realidade. E, como num círculo vicioso, a esperança é deslocada cada vez mais do humano à tecnologia e passada, na comparação do mal feito pela máquina anterior e do bem que pode se suceder na atual. (SOUSA, 2003, p. 148)

O afastamento do convívio social provocado pela aposentadoria é, em muitos casos, uma condição perceptível. Para Lázaro, a sensação de isolamento não se resolve pelo uso das facilidades viabilizadas por meio das novas tecnologias da comunicação e informação, pois é decorrente de algo muito mais abrangente dentro da sociedade, o sentimento de desvalorização.

[sinto-me valorizado] Dentro do meu círculo, sim. Em outros lugares a gente não tem reconhecimento nenhum. Só mesmo dos meus amigos e familiares próximos. Agora, quando você está trabalhando não. Sempre tem um horizonte diferente, uma coisa nova. A gente pode se destacar e por isso vem a valorização. (LÁZARO, ENTREVISTA: 09/2018).

Com o objetivo de recuperar seu valor Lázaro, um ano após se aposentar, matriculou-se no curso de informática do SESC Uberlândia a fim de se capacitar e conseguir outra oportunidade de trabalho. A instituição oferecia o curso dividindo em dois tipos de turmas: a Informática Básica e a Informática Básica para a terceira idade. Automaticamente, pela idade, Lázaro foi incluído na turma para a terceira idade. Na velhice, percebe-se a segregação de mundos que Bosi (1994) chama a atenção por seu caráter preocupante. A dificuldade de Lázaro é um problema histórico. Por qual motivo a sociedade insiste em separá-lo, não valorizando,

portanto, sua experiência de vida?

A grande questão que se instala nesse ponto da discussão gira em torno, mais uma vez, da ideologia imposta pelo discurso hegemônico. A sociedade, pelo seu próprio movimento histórico, constrói e impõe valores que, de maneira violenta, sufocam a essência do homem. Por essa razão, pode-se afirmar que o sujeito não é livre, porém, mesmo em decorrência dessas determinações, ele não deve se anular. Ao ser indagada sobre a importância da internet nas relações sociais da atualidade, Venildes argumenta que:

O computador, atualmente, é algo muito necessário. Onde você vai, sempre tem a informática presente. Então eu percebo que as pessoas cada vez mais dependem do seu uso para se relacionar com o outro. E nós, na terceira idade, não tivemos muita oportunidade de aprender essas coisas atuais. Então, esses cursos, mesmo sendo básicos, nos mantém atualizados e nos dá a oportunidade de nos sentirmos incluídos no meio social. Eu acho que se a pessoa ficar focada somente no computador e na internet, as coisas tendem a ficar mais distantes e as relações mais frias. Não há aquele calor humano do contato. Então, por isso eu dou tanto valor aos cursos que participo. Eu acho a internet ajuda e agiliza bastante a vida. Mas, por outro lado, eu acho importantíssimo, o contato real com as pessoas. (VENILDES, ENTREVISTA: 09/2018)

Sousa (2003) afirma que embora o progresso tecnológico sempre tenha sido capaz de alterar a percepção do sujeito em seu cotidiano, a crítica se estabelece está relacionada à crença de que é possível “solucionar determinado fato nas possibilidades anunciadas pelos novos meios tecnológicos e não na tensão que ainda pulsa na cultura.” (SOUSA, 2003, p. 170).

Dejamir, em seu depoimento, alega que “quando a gente se aposenta, a gente corre o risco de perder o contato com as outras pessoas”. (DEJAMIR, ENTREVISTA: 09/2018). Ora, como é possível essa perda de contato em um momento que, finalmente, a entrevistada pode ter mais controle sobre seu tempo? A aposentadoria, embora, seja uma espécie de prêmio que Dejamir pode, finalmente, descansar, vem acompanhada de uma espécie de punição: O isolamento. Em muitos casos, no frenético cotidiano das pessoas, são nos pequenos intervalos durante a jornada de trabalho que as pessoas cultivam suas relações de amizade.

Talvez, por esse motivo, Eunice afirma que “sem amigos não é possível chegar a lugar nenhum, principalmente, para fluir no trabalho”. (EUNICE, ENTREVISTA: 09/2018). Essa ênfase dada ao trabalho pode ser uma maneira encontrada por Eunice para manter seu vínculo social. A entrevistada declara que já poderia usufruir do benefício da aposentadoria, entretanto,

continua trabalhando, possivelmente, por receio do afastamento dos amigos do trabalho com os quais ela já se relaciona há anos.

Lurdinete, há dez anos, revela que procurou o SESC logo depois de sua aposentadoria para preencher-se do vazio que essa nova fase trouxe. Em certo momento do depoimento, num tom saudosista, parece não entender a razão de todo o afastamento, tentando justificar a situação em função das responsabilidades e afazeres de seus amigos:

Eu sinto muita falta da rotina de quando eu trabalhava. Era tão bom. É por isso que eu frequento o SESC. Eu sempre convivi com muita gente no trabalho. Sempre meus departamentos eram compostos por muitas pessoas. Tinha aquele convívio gostoso. Finais de semana a gente sempre se reunia. Hoje em dia todo mundo tem suas responsabilidades, seus afazeres e com isso acabava se afastando. Por isso eu passei a vir para o SESC. (LURDINETE, ENTREVISTA: 09/2018)

Aos 64 anos, Maria Inez, embora esteja aposentada, continua trabalhando. Atualmente, é monitora do transporte escolar da cidade. Ela conta que logo que parou de trabalhar teve que planejar toda a sua vida. Pelo seu depoimento, nessa nova etapa da vida, seu objetivo é “abraçar o mundo” e preencher seu tempo com todo o conhecimento que puder alcançar, inclusive, dedicando-se a trabalhos voluntários.

Depois que eu aposentei, eu vejo a vida de outro tipo, então quero abraçar o mundo, eu quero fazer cursos, então eu preencho meus dias com cursos e atividade física. De manhã eu faço Pilates, eu faço acupuntura. À tarde, eu fico um pouco na minha casa, mas também faço curso na Casa da Cultura. E também faço trabalho voluntário. Hoje, o meu tempo é mais distribuído, assim eu sinto que faço mais coisas para as pessoas. E antigamente eu fazia mais para mim, sabe? No passado eu tinha que me dedicar ao trabalho. Porque eu era muito dedicada. Eu era obrigada a trabalhar seis horas e eu trabalhava dez. Eu não tinha pressa para ir embora, sabe? (MARIA INEZ, ENTREVISTA: 09/2018)

O discurso de Maria Inez induz a seguinte reflexão acerca do significado da terceira idade defendido por Debert (1999):

A invenção da terceira idade revela uma experiência inusitada de

envelhecimento. Essa invenção requer a existência de uma comunidade de aposentados com peso suficiente na sociedade, demonstrando dispor de saúde, independência financeira e outros meios apropriados para tornar reais as expectativas de que esse período é propício à realização e satisfação pessoal. (DEBERT, 1999, p. 77)

O Estatuto do Idoso⁹, sancionado por meio da Lei Federal nº 10.741/2003, prevê em seu artigo 3º, que:

Art. 3º É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária. (BRASIL, 2003)

Contudo, qual a justificativa atribuída ao Estado para assegurar ao sujeito, na velhice, “com absoluta prioridade” a efetivação do direito à vida? Por qual motivo foi preciso convencionar esse modelo pronto que determina que o velho deve se posicionar, passivamente, no contexto social, como se fosse acometido por uma doença incapacitante? Qual a melhor idade para a realização pessoal em que o sujeito sente o desejo de “abraçar o mundo”? Sousa (2008) responde a esse questionamento ao encerrar sua tese de doutorado, propondo outra reflexão:

A melhor idade é o momento de realização do hoje, violentado no passado pela estrutura. (...) E não se trata mais de impor a consciência ao outro ou mostrar a estrutura que o destitui de construir seu próprio eu. Basta indagar a pluralidade a partir da simples interrogação: qual é o sonho de vida? (SOUSA, 2008, p. 244)

Quando alguém se refere ao velho como um sujeito saudável e disposto não é possível limitar essa compreensão à ausência de uma determinada doença. O mesmo acontece quando o assunto é aposentadoria. A sociedade precisa compreender que ao velho não resta somente esperar pela morte. Lurdinete, por exemplo, não relaciona a aposentadoria com a ideia de velhice. Na concepção dela, trata-se apenas de uma nova fase da vida. E segue seu discurso dizendo que não entende muito bem porque as pessoas lhe tratam de maneira diferente.

Eu ainda estranho muito quando as pessoas me dão lugar no ônibus para

⁹ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.741.htm> Acesso em 10 dez. 2018.

assentar. Quando eu vou ao banco ou a qualquer outro lugar eu, dificilmente, pego a fila do idoso, porque eu acho que se eu estou bem, eu não preciso da prioridade. (LURDINETE, ENTREVISTA: 09/2018)

Ao considerar a velhice como a última fase da existência, a sociedade já está, de certa forma, aniquilando qualquer expectativa do velho. Considerar que a velhice é o fim da existência humana é mais uma forma encontrada pela sociedade para negar, violentamente, a velhice. O antídoto para esse mal parece ser um só: dar voz a esse sujeito para que ele possa ressignificar e compartilhar experiências, muitas vezes proteladas ou anuladas por toda uma vida.

Assim, apropriando-se da dinâmica proposta por SOUSA (2008), é relevante avaliar a concepção de cada entrevistado em relação aos seus sonhos: Dejamir tem o sonho de aprender a tocar viola caipira. Eunice diz que tem o sonho de conhecer a Bahia. Já Lurdinete, que já visitou muitos países da Europa, sonha em conhecer o Egito. Maria Inez tem o desejo de voltar a morar em casa, pois apartamento é “fechado, cheio de regras”, as quais ela não se adaptou. Lázaro admite ter o sonho de ganhar na loteria, mas que já se dará por satisfeito se puder ver sua família unida. E, por fim, Venildes se desvencilha dessas fantasias do discurso hegemônico, uma vez que parece sonhar todos os dias ao acordar.

Um sonho... eu acho o seguinte, a pessoa de qualquer idade, ela tem que ter objetivo, que não deixa de ser um sonho, ela tem que ter ilusão, porque ilusão faz parte da vida. Ela tem que ter vaidade, porque a pessoa vaidosa é bonita, agradável e ela tem que ter sonhos. A pessoa que não tem sonho, objetivo e vaidade...acabou a vida para ela. Então, a pessoa precisa ter sonhos. Não importa o sonho que ela queira realizar. Simplesmente o sonho aparece de momento. Por exemplo, hoje eu vou fazer uma comida diferente. É um sonho. Hoje eu vou passear no shopping. Também não deixa de ser um sonho. Então, você junta o objetivo, um sonho e a vaidade. A felicidade é um momento. A pessoa tem que aprender a aproveitar os momentos felizes. Porque felicidade permanente não existe. Mas existem momentos felizes que a pessoa tem que aproveitar ao máximo. Não reclamar de coisas do passado e olhar só as coisas boas. (VENILDES, ENTREVISTA: 09/2018).

Hoje em dia, nota-se um arsenal de informações disparado pelos meios de comunicação de massa, aquela atmosfera de desânimo que a “nova barbárie” provoca, novamente, toma forma. Viver implica sonhar. Ainda que, na maioria das vezes, esse sonho possa ser imaginado a partir das “fantasias da indústria do entretenimento, veiculados pelos meios de comunicação”.

As mudanças impostas pela vida moderna causam o que Meinerz (2008) define como uma “overdose de cultura”. (MEINERZ, 2008, p. 36). E nessa busca pelas referências, muitas vezes, o resultado é o afogamento em informações elaboradas que colocam o velho no mero papel de reprodutor de determinada mensagem. Outras vezes, o reflexo é a resistência, como no caso de Lázaro que, pela estranheza que sente, rejeita qualquer proximidade com as redes sociais virtuais. Esse discernimento para selecionar ou descartar informações é que define o capital cultural do sujeito. De acordo com Sousa (2003) “é este capital cultural o definidor do poder de selecionar ou descartar determinadas informações. A cultura de cada indivíduo determina o que será memorizado. Esta é a história da vida”. (SOUSA, 2003, p. 28)

Apesar de todos as benesses e facilidades trazidas pelos novos meios de comunicação disponíveis, as relações sociais permanecem se fortalecendo por meio da comunicação oral. Inclusive, como já afirmado nos capítulos anteriores, o processo comunicativo estabelecido por meio da interação social é um dos elementos que dá sentido à vida. Benjamin (1992), nesse sentido, afirma que “a narrativa tem gravadas as marcas do narrador, tal como o vaso de barro traz as marcas da mão do oleiro que o modelou. (BENJAMIN, 1992, p. 37).

Diferentemente do que acontece, atualmente, por meio dos contatos virtuais, as trocas de mensagens não têm impressas a forma de seu autor. Talvez por esse motivo, Dejamir revela que privilegia o “intimismo” em suas relações de amizade. A entrevistada afirma que, muitas vezes, utiliza as redes sociais quase que forçadamente, caso contrário não teria como manter contato com amigos que vivem longe ou com quem tem o hábito de conversar somente por intermédio da internet. Mas que ainda hoje, curiosamente, fala com outras pessoas por meio de cartas e que isso torna suas relações de amizades mais verdadeiras. E justifica seu raciocínio afirmando que:

Eu tenho muitas amigas, por exemplo, que eu sei que se eu não tivesse o Facebook ou o *zap* seria mais difícil para elas entrarem em contato comigo. Então, o contato delas comigo, com certeza, é facilitado [pela internet]. No meu caso, eu prefiro pegar o telefone fixo e ligar. Você acredita que eu prefiro mandar um cartão? Eu gosto do intimismo. A internet deixa as relações muito frias. Eu, até hoje, mando cartas. Eu tinha uma amiga em Guarulhos, que faleceu, que a gente se escrevia o ano inteiro. Tenho outra em Guarulhos que a gente se escreve com frequência. Eu acho que isso torna as relações mais afetivas e verdadeiras. (DEJAMIR, ENTREVISTA: 09/2018).

O depoimento de Dejamir revela o caráter superficial e individualista que se estabelece por meio dos contatos pela internet. A entrevistada conta que tem muitos amigos virtuais, entretanto, poucos a procuram a fim de saber de sua vida. No seu ponto de vista, compreende que há um afastamento porque as pessoas não se importam muito com o outro, apenas em si mesmas. Por isso, ela afirma sentir muita frieza nas relações que se estabelecem no meio virtual. Hoje em dia, verifica-se que as pessoas não valorizam mais o contato físico, somente o virtual e isso a deixa angustiada. Mais uma vez, ressalta que, na sua opinião, a internet é apenas um meio de informação que, eventualmente, pode tornar ágil a solução de muitos problemas, mas que não é capaz de substituir o contato face a face entre as pessoas:

Eu tenho algumas pessoas que sempre procuram saber de mim. Eu vejo que essas pessoas têm interesse de saber da minha família, como eu estou, o que ando fazendo. Se eu não respondo, elas insistem e pergunto porque eu sumi do *face* ou do *zap*. Elas são amigas de verdade. Eu perdi duas, recentemente, uma em dezembro e outra em janeiro. Essas duas tinham essa preocupação comigo e eu com elas. Hoje em dia isso é raro, as pessoas não estão se preocupando mais umas com as outras. Está todo mundo se preocupando mais com seu mundinho, seu umbiguinho. Um pouco da frieza nas relações sociais é fruto desse comportamento. Eu vejo minha sobrinha com o marido. Os dois preferem conversar pelo celular dentro da própria casa. Eu acho isso um absurdo. Ele lá de cima e ela lá de baixo trocando mensagens pelo celular. Essa atitude me deixa muito angustiada e é um dos motivos da minha resistência a informática. Eu falo para eles, gente, não façam isso. Nada como sentar, conversar lado a lado. Tudo bem, a gente pode usar numa eventualidade, num momento de pressa você buscar a informática, mas dentro de casa eu não consigo entender. Mais uma vez, o mal-uso que compromete esses benefícios da modernidade. (DEJAMIR, ENTREVISTA: 09/2018)

Maria Inez, apesar de considerar seu Facebook, um “amigo do coração”, deixa transparecer em seu depoimento, essa mesma sensação de frieza apontada pelos demais entrevistados. Tal apontamento fica evidente quando ela revela que conversa com pessoas como se já as conhecesse há muito tempo, mas que nem sabe quem é. Parece ser uma relação sem sentido, marcada por um ato mecânico, sem muito significado do ponto de vista lógico. Talvez seja, para ela, algo importante no sentido de que o simples fato de se estar mantendo contato com o maior número de pessoas possível, a faz cumprir seu propósito de, literalmente, “abraçar o mundo”. (MARIA INEZ, ENTREVISTA: 09/2018)

Nesse ponto da discussão, é preciso ter clareza em relação ao seguinte questionamento: o fato de se estar conectado ao mundo virtual é garantia de que o sujeito está sendo capaz de

construir e exteriorizar seu conhecimento e suas experiências? O depoimento de Lurdinete demonstra que o acesso a internet é algo muito importante, pois fornece a ela a possibilidade de se comunicar, ainda que de maneira virtual, de sua filha e neta que moram no exterior. É através da internet que ela consegue acompanhar a vida e o crescimento de sua família mesmo estando tão distante: “Eu acho um meio de comunicação muito importante. Eu posto uma coisa aqui e minha filha lá em Londres vê na hora”. (LURDINETE, ENTREVISTA: 09/18).

Do mesmo modo, Maria Inez afirma que sem suas redes sociais não seria possível participar da rotina de seus sobrinhos que moram em outra cidade.

É pelo Facebook porque eu encontro com eles só em dezembro, depois nunca mais. Então lá [no Facebook] eu participo dos aniversários deles, da rotina deles indo para a aula, das festinhas que eles fazem, tudo que vai para o Facebook. [Se não fosse o Facebook] eu não saberia de nadinha [que acontece com eles]. Então, para mim, a rede social é maravilhosa! Apesar dessas coisas, assim, algum probleminha que pode ter por conta dessas coisas que eu já te falei, mas eu confio cegamente na rede social. (MARIA INEZ, ENTREVISTA: 09/18)

Venildes, que também tem um filho que reside no exterior, sabe que tem na internet, uma maneira de encurtar distâncias e, principalmente, de se comunicar de modo instantâneo com pessoas as quais tem vínculo afetivo. Além disso, a entrevistada considera a internet um canal fundamental para pesquisar sobre algo que tem um significado muito importante na sua vida: seus roteiros de viagens.

Eu tenho um filho que mora no exterior que eu sempre converso e por isso, me sinto mesmo com a distância, próxima dele. Nas viagens que programo, eu sempre faço pesquisa do lugar, o que este lugar oferece, como é o local que vou ficar. Então, eu considero uma ferramenta muito importante. (VENILDES, ENTREVISTA: 09/18)

A entrevistada Eunice compreende que nas redes sociais, as relações estabelecidas são mais rasas. Grande parte de seus contatos do Facebook, por exemplo, são familiares próximos. E sua utilização se restringe a troca de informações. Eunice afirma que não utiliza essa ferramenta para se comunicar com amigos.

Acho que ninguém tem muita paciência não. Só mandam um oi e olha lá. Não tem uma conversa mais profunda não. A conexão é mais para trocar informações mesmo. Sem aprofundar muito nas conversas. O interesse é restrito de amigos mais próximos e família. Hoje em dia, na correria, as pessoas mal falam com gente. Pode estar no WhatsApp, mas ao mesmo tempo não está. As pessoas se esquecem do corpo a corpo. As relações ficam frias. As vezes acontece de em uma festa as pessoas ficam só mexendo no celular e se esquecem do corpo a corpo. (EUNICE, ENTREVISTA: 09/2018)

Como se pode observar, na atualidade, o sujeito se depara com inúmeras facilidades advindas dos novos meios de comunicação. A agilidade de se obter determinada informação e a rapidez de conseguir comunicar-se com um familiar que mora longe são alguns exemplos considerados positivos dentro da cibercultura. No entanto, outros apontamentos demonstram que há uma sensível perda de sentido e na qualidade da sociabilidade na medida em que o sujeito não consegue estabelecer uma troca de conhecimento nas relações que ocorrem por meio do ciberespaço, sobretudo quando as relações envolvem pessoas desconhecidas ou não tão próximas.

É essa a atmosfera de “pobreza” fundamentada, em absoluto, por todos os autores a que se faz referência neste trabalho, sobretudo por Walter Benjamin (1987) que assola a sociedade. Em meio a tantos recursos e tantas facilidades que poderiam (ou deveriam) ser utilizadas para a melhoria das relações humanas e o fortalecimento dos vínculos sociais entre os sujeitos de diferentes gêneros, lugares e posição social, percebe-se, na realidade, um movimento em sentido oposto.

De certa forma, os novos meios de comunicação disponíveis caminham na contramão do processo porque trazem, dentro de sua estrutura de funcionamento, o interesse que se mantém na mesma perspectiva do discurso hegemônico que sempre foi e ainda continua sendo a acumulação infinita ou desproporcional de riqueza. O cenário que se vislumbra não permite enxergar o outro a partir da sua essência ou pelo seu valor enquanto ser humano, mas sim como uma peça que faz parte da construção fria, baseada em modelos prontos, do processo produtivo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dos dois últimos anos, a presente pesquisa procurou propor a reflexão em torno do sentido da velhice nos tempos atuais, em que os novos meios de comunicação seguem, pelo seu desenvolvimento, modificando sensivelmente as características que compõem o processo comunicativo entre os sujeitos.

A questão que norteou todo o desenvolvimento do estudo visou a compreender a necessidade da construção do conhecimento possibilitado por essa nova relação comunicativa, que se efetiva entre os sujeitos interconectados nessa nova estrutura, denominada de cibercultura, de características novas, desconhecidas e em constante transformação.

Na cibercultura, a dinâmica das relações sociais adquire um novo corpo que coloca o sujeito em conflito com a estrutura e diante de outras perspectivas. Por esse motivo, buscou-se compreender se o velho consegue materializar seus conhecimentos, sua história de vida e sua identidade dentro desse novo espaço real e, ao mesmo tempo, virtual.

A análise realizada revelou a angústia do velho frente ao volume e a velocidade com que as informações são criadas e compartilhadas na atualidade, deixando a impressão de que as relações intermediadas pelo computador são frias e rasas, comprometendo seu nível de sociabilidade.

Sabe-se que, por razões diversas, a população com idade superior a 60 anos tem ocupado, cada vez mais, um local de destaque no cenário social sobretudo do ponto de vista quantitativo. O aumento dessa população é, portanto, mais uma variável a ser considerada para que a sociedade tenha consciência da importância e do papel desses sujeitos. Não é possível ignorar a existência do velho e reduzi-lo a uma condição de isolamento e dependência.

É preciso repensar a questão da exclusão social a qual o velho está submetido pela perspectiva da incapacidade atribuída pela sociedade e ressignificar o sentido da velhice como característica principal de um sujeito improdutivo. enxergar o velho como um ser humano que tem valores e experiências que podem contribuir para a construção do conhecimento e para a melhora das desigualdades sociais talvez seja o caminho para que ele consiga acompanhar, de forma sincrônica, as profundas transformações do mundo contemporâneo.

O aprofundamento do estudo em torno da velhice, inevitavelmente, proporciona um mergulho na história de vida dos sujeitos da pesquisa. Saber ouvir e valorizar suas memórias e sua sabedoria acumulada no decorrer de sua existência é um ponto que, certamente, tornaria mais rica a cultura de um povo. Não é possível, na atual conjuntura, que a sociedade permaneça com o entendimento de que o velho, o aposentado, é um sujeito inativo, sem perspectiva e, portanto, sem sonhos.

Do mesmo modo, negar a velhice usando subterfúgios ou fórmulas mágicas capazes para compreender o velho como alguém que precisa se esforçar para competir com o jovem ou o adulto certamente não pode ser melhor opção. De modo especial, é preocupante o fato de que, aos 64 anos, um sujeito necessite se matricular em um curso de *games* para poder compreender e ser aceito em um grupo de jovens e adolescentes. Esse foi um dos apontamentos observados no depoimento de um dos sujeitos analisados na pesquisa.

Todavia, em meio ao aparato tecnológico a que se tem acesso na rede mundial de computadores, é do mesmo modo considerado, neste trabalho, que a exclusão social observada em relação ao acesso e participação nos meios de comunicação disponíveis na atualidade seja algo presente e atuante na contramão da melhoria das relações sociais. Adorno (1995), dando ênfase ao referencial teórico até aqui defendido, ressalta que “as pessoas tendem a tomar a técnica como uma força com vida própria, esquecendo, porém, que ela é o prolongamento do braço humano”. (ADORNO, 1995, p. 118). É a partir dessa perspectiva de que os valores humanos essenciais não se definem ou se constroem pela técnica que o objetivo geral dessa dissertação foi delineado.

A internet, para o velho, é um meio importante que facilita, em muitos aspectos, o movimento do cotidiano das pessoas hoje em dia. Contudo, é preciso compreender que esse importante e tão presente meio de comunicação não é capaz por si só de efetivar o processo comunicativo com significado e sentido que privilegie o compartilhamento de sabedoria ou a exteriorização de seu conhecimento. Em muitos casos, quando não acontece o isolamento, o que ocorre é a transmissão de uma mensagem congelada, pronta e até mesmo sem sentido, em que não é possível participar de sua construção e, portanto, seu significado possui limites para a compreensão do sujeito.

Para conseguir acompanhar aqueles aos quais a sociedade considera como sujeito produtivo, os mais vividos precisam estar dispostos a empreender um esforço pessoal

considerável para desconstruir ou rejeitar a sensação de preconceito e discriminação a que estão submetidos no contexto social. É preciso romper as barreiras que o discurso hegemônico insiste em definir como padrão social.

Várias alternativas são encontradas para que esse rompimento se efetive. Dentre elas, a participação do velho em instituições, como o SESC, que visam à inclusão do velho por meio de sua participação em cursos e atividades diversas para a promoção de sua socialização. Essa participação, embora inicialmente tivesse o objetivo de apreender novas coisas, quase sempre significava uma possibilidade de convivência e de troca de experiências, onde novos laços afetivos se formam.

Pela riqueza de valores e pluralidade de sentidos que envolvem a construção da identidade do sujeito, o trabalho não teve a pretensão de estabelecer um modelo de velhice ideal para a sociedade contemporânea. Tal definição é algo impossível de se obter, uma vez que o sujeito possui características heterogêneas e muito particulares que o definem e o colocam em sintonia com seu meio, não podendo advir de um modelo pré-determinado.

Por essa razão é tão primordial que se desloque a compreensão a partir daquilo que o discurso hegemônico defende para o entendimento de que o sujeito, com seus valores, sua experiência e sua identidade deve estar no centro de toda a discussão. O desafio deve privilegiar e valorizar, portanto, a experiência e a memória de cada sujeito e, em especial, do velho para que o futuro reserve o respeito mútuo e a participação de todos na construção de uma inteligência coletiva que permita ao sujeito beneficiar-se do desenvolvimento tecnológico e não dele tornar vítima.

7. BIBLIOGRAFIA

ADORNO, T.W. Progresso. In: ADORNO, T.W. **Palavras e sinais: modelos críticos 2**. Petrópolis: Vozes, 1995.

ARAÚJO, Ludgleydson Fernandes de; CARVALHO, Virgínia Ângela M. de Lucena e. Aspectos Sócio Históricos e Psicológicos da Velhice. Fortaleza: **Revista de Humanidades**. 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/278/254>> Acesso em 21 set. 2018.

BEAUVOIR, Simone. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1990.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas**. Volume 1. Magia e técnica, arte e política: Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Editora Brasiliense. 1987.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**. São Paulo: Editora Companhia das Letras. 1994.

BRASIL. Decreto Lei nº 8854/1946. Atribui à Confederação Nacional do Comércio o encargo de criar e organizar o Serviço Social do Comércio e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 13 set. 1946.

BRASIL. Lei nº. 10.741, de 01 de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF. 10 out. 2003.

BRASIL. IBGE. **Acesso à Internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2016**. PNAD Contínua. 2017. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/c62c9d551093e4b8e9d9810a6d3baff.pdf> Acesso em 20 mar. 2018.

BRASIL. IBGE. **Projeção da população do Brasil e das Unidades da Federação**. 2018. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao>> Acesso em 10 jul. 2018.

CANCLINI, Nestor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp. 1998.

CANCLINI, Nestor García. **Diferentes, desiguais e desconectados**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 2015.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo: Boitempo Editorial. 2003.

CUNHA, Raquel Cantarelli Vieira. **Os conceitos de cultura e comunicação em Raymond Williams**. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília. 2010. Disponível em: <http://www.repositorio.unb.br/bitstream/10482/8198/1/2010_RaquelCantarelliVieiradaCunha.pdf>. Acesso em 19 fev. 2018.

DALMONTE, Edson Fernando. Estudos culturais em comunicação: da tradição britânica à contribuição latino-americana. São Paulo: **Revista Idade Mídia**. 2002. Disponível em: <https://www.infoamerica.org/documentos_pdf/dalmonete.pdf>. Acesso em 10 jan. 2018.

DEBERT, Guita Grin. Velhice e o curso da vida pós-moderno. São Paulo: **Revista USP**. 1999.

Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/28456/30313>> Acesso em 10 out. 2018.

DEBERT, Guita Grin. **A Reinvenção da Velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp. 2004.

FRANÇA, Vera Veiga. Interações comunicativas: a matriz conceitual de G. H. Mead. In: PRIMO, Alex; OLIVEIRA, A.C.; NASCIMENTO, G.; RONSINI, V.M. (Org.). **Comunicação e Interações**. Porto Alegre: Sulina. 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória coletiva**. São Paulo: Editora Centauro. 2006.

HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. Brasília: **Revista do Patrimônio Cultural e Artístico Nacional**, p. 64-74. 1996. Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=RevIPHAN&PagFis=8701&Pesq=>>> Acesso em 23 mar 2018.

HALL, Stuart. **Da diáspora identidade e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Editora DP&A. 2006. Disponível em: <<https://www.slideshare.net/praetece/hall-stuart-a-identidade-cultural-na-ps-modernidade-79567891>> Acesso em 10 fev. 2018.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio. 2016.

LAJOLO, Laurana. **Antônio Gramsci: Uma Vida**. São Paulo: Editora Brasiliense. 1982.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Loyola. 1998.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34. 1999.

LÉVY, Pierre. **A emergência do cyberspace e as mutações culturais**. In: PELLANDA, Nize Maria Campos; PELLANDA, Eduardo Campos (Org.). **Ciberespaço: um hipertexto com Pierre Lévy**. Porto Alegre: Artes e Ofícios. 2000.

LOPES, Ruth Gelehrter da Costa. **Velhos “Indignos” Investigação a respeito do projeto de vida de idosos que se mantém socialmente ativos**. 1990. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em: <<http://www.nuteses.temp.ufu.br/tde/busca/arquivo.php?codArquivo=2042&acordo=>>> Acesso em 18 nov. 2018.

MARTIN-BARBERO, Jesus. **Dos Meios às Mediações: Comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 1997.

MARTINS, Francisco Menezes. **Impressões Digitais: Cibercultura, comunicação e pensamento contemporâneo**. Porto Alegre: Sulina. 2008.

MEINERZ, Andréia. **Concepção de experiência em Walter Benjamin**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2008. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/15305>>. Acesso em 09 dez.

2018.

MORAES, Ana Luiza Coiro. Do materialismo dialético ao materialismo cultural: o legado metodológico de Marx aos Estudos Culturais. Sergipe: **Revista Eptic**. 2018. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/epitic/article/viewFile/8520/pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e Cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense. 1994.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Rio de Janeiro: **Estudos Históricos**. Volume 02. 1989. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>>. Acesso em 11 abr. 2018.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. Rio de Janeiro: Estudos Históricos. Volume 05. 1992. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>>. Acesso em 15 mar. 2018.

RETONDAR, Anderson Moebus. A (re) construção do indivíduo: a sociedade de consumo como “contexto social” de produção de subjetividades. Brasília: Revista Sociedade e Estado. 2008. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/html/3399/339930892006>>. Acesso em 06 nov. 2018.
<https://doi.org/10.1590/S0102-69922008000100006>

RIOS, Fábio Daniel. Memória coletiva e lembranças individuais a partir das perspectivas de Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Beatriz Sarlo. Rio de Janeiro: **Revista Intratextos**. 2013. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intratextos/article/view/7102/9367>>. Acesso em: 07 abr. 2018.
<https://doi.org/10.12957/intratextos.2013.7102>

ROSA, Ana Elisa Sena Klein Da. Suicídio e fragilidade social na velhice, uma triste realidade. **Revista Virtual Portal de Divulgação**. 2011. Disponível em: <<http://www.portaldoenvelhecimento.com/revista-nova/index.php/revistaportal/article/view/171>> Acesso em 20 nov. 2018.

RÜDIGER, Francisco. **As Teorias da Cibercultura: Perspectivas, questões e autores**. Porto Alegre: Sulina. 2011.

SALGADO, Marcelo Antônio. Aposentadoria e Ética Social. São Paulo: **Revista Terceira Idade**, SESC, Outubro/1989. Disponível em: <<https://www.sescsp.org.br/files/edicaorevista/783a31b8-7b6a-44db-9bbc-5c210ade239f.pdf>> Acesso em 10 out. 2018.

SESC – Serviço Social do Comércio – Departamento Nacional. **Regimento do SESC**. Rio de Janeiro. 1968. Disponível em: <<http://www.sesc.com.br/wps/wcm/connect/b91529ea-b42f-43a4-8252-ab0c1d2d95b7/Regimento+do+Sesc.pdf?MOD=AJPERES&CACHEID=b91529ea-b42f-3a4-8252-ab0c1d2d95b7>> Acesso em 20 abr. 2018.

SESC – Serviço Social do Comércio – Departamento Nacional. **Carta da Paz Social**. Rio de Janeiro. 1971. Disponível em: <<http://www.sesc.com.br/wps/wcm/connect/490c55a9-a7c5-4a25-83a4-bb2f09491dea/Carta+da+Paz+Social.pdf?MOD=AJPERES&CACHEID=490c55a9-a7c5-a25-83a4-bb2f09491dea>> Acesso em: 24 abr. 2018.

SESC – Serviço Social do Comércio - Departamento Nacional. **Diretrizes para o quinquênio 2016-2020**. Rio de Janeiro. 2016. Disponível em: <<http://www.sesc.com.br/wps/wcm/connect/39f2c509-4b54-4d8d-ac7d-36699c8fa9ea/DiretrizesQuinquenio2016-2020w>>

eb.pdf?MOD=AJPERES&CACHEID=39f2c509-4b54-4d8d-ac7d-36699c8fa9ea> Acesso em: 24 abr. 2018.

SESC – Serviço Social do Comércio – Departamento Regional. **Diretrizes para Planejamento 2017 do Curso de Informática**. Belo Horizonte. 2016.

SESC – Serviço Social do Comércio – Departamento Regional. **Manual de Atividade Sistemática. Uberlândia**. 2017.

SESC – Serviço Social do Comércio – Departamento Nacional. **Diretriz nº 01/2017: Orientações para Formação de Grupos Sociais – SESC 60+**. Rio de Janeiro. 2017.

SESC – Serviço Social do Comércio – Departamento Regional. **Manual de Atividade Sistemática. Uberlândia**. 2018.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento. Abaetetuba: **Revista Margens Interdisciplinar**. 2004. Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/2831/2963>>. Acesso em 10 dez. 2018. <https://doi.org/10.22287/ag.v0i6.57>

SOUSA, Gerson de. **A Experiência de Estudantes da Terceira Idade no Projeto Universidade Aberta da USP**. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Comunicação/Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. 2003.

SOUSA, Gerson de. **Memória e velhice: Entre a imaginação na arte de contar histórias e a emoção ao narrar a história vivida**. Tese (Doutorado). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. 2008. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-30042009-101336/pt-br.php>>. Acesso em 10 jan. 2018.

TEDESCO, João Carlos. **Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração**. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo. 2014. Disponível em: <http://editora.upf.br/images/ebook/nas_cercanias_da_memoria.pdf> Acesso em 04 mar. 2018.

WILLIAMS, Raymond. **A cultura é de todos. (Culture is Ordinary)**. Tradução Maria Elisa Cevasco. 1958. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/68474445/A-Cultura-eOrdinaria1>> Acesso em 21 jan. 2018.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1979.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1992.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Materialismo**. São Paulo: Editora UNESP. 2011.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Sociedade: de Coleridge a Orwell**. Petrópolis: Vozes, 2011.

ZIVIANI, Paula. Comunicação e cultura no campo dos estudos culturais. São Bernardo do Campo: **Revista Comunicação e Sociedade**. 2017. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/viewFile/5288/5947>>. Acesso em 10 mar. 2018.

<https://doi.org/10.15603/2175-7755/cs.v39n2p7-31>

8. APÊNDICE

APÊNDICE A – Transcrições das entrevistas

ENTREVISTADA I - Dejamir Cristina

Data: 21/09/2018

Horário de início: 9h50min

Horário de encerramento: 11 horas

Idade: 63 anos

Escolaridade: Ensino Médio

Divorciada. Mora com a filha.

Fez o curso de informática do SESC em 2016.

Atualmente faz aulas de musculação no SESC.

CATEGORIA: SOCIABILIDADE

P: Descreva sua trajetória profissional, se trabalhava, por quanto tempo. Comente um pouco sobre sua experiência profissional

E: Eu trabalhava na saúde bucal, trabalhei na zona rural e na cidade. Trabalhava nas escolas e nas UBS - Unidade Básica de Saúde. Trabalhei por 25 anos e quando me aposentei eu estava atuando na UBS do bairro Dona Zulmira. Quando eu morava em São Paulo eu fiz muitas coisas até me mudar para Uberlândia, em 1988. Daí em diante, sempre atuei na Prefeitura Municipal de Uberlândia, na função que desempenhei por 25 anos. Nos 25 anos em que trabalhei na saúde bucal, trabalhei em vários lugares da cidade, inclusive na zona rural.

O que eu mais gostava no meu trabalho era o bem que a gente fazia para as outras pessoas. Principalmente crianças. Eu me lembro que quando eu trabalhava na zona rural e nas periferias da cidade, passavam pela mão da equipe que eu fazia parte, todos os membros de uma família: avós, mães e netos. Então todos os membros das famílias passavam pelas nossas mãos. Então eu via na boca de uma família inteira, o nosso trabalho do tempo de escola. Assim, grande parte da população de Uberlândia tem a dentição boa graças a implementação desse trabalho e a nossa dedicação. No início as condições de trabalho eram bem precárias, não tínhamos materiais suficientes, mas todo o esforço valeu a pena. Eu fiz parte da 2ª equipe da saúde bucal em Uberlândia. Quando esse trabalho havia sido implementado há 1 ano. Eu considero que esse trabalho nosso foi muito importante para as famílias carentes e sem acesso à saúde bucal.

Foi um serviço essencial que nós executamos e por isso foi muito gratificante para mim.

P: Existia uma relação de amizade entre a equipe de trabalho e a população atendida?

E: Sim. A gente tinha uma proximidade muito grande. Fiz muitos amigos da equipe de trabalho e também com os professores, enfermeiros, médicos e até mesmo dos alunos atendidos e seus pais. Até hoje essas pessoas lembram de mim. Outro dia eu fui comprar um sapato e quem me atendeu foi uma menina que eu atendi há muito tempo na comunidade de Olhos D'Água, que fica na zona rural daqui. Eu não a reconheci, porque ela já está adulta, mas ela me reconheceu. Eu fiquei muito feliz.

P: Qual seu conceito de amizade?

E: Para mim, amizade é você ter aquele contentamento ao encontrar pessoas, de lembrar passagens do tempo em que estive mais próxima daquelas pessoas. É ter intimidade com outra pessoa. Às vezes eu encontro pessoas que me perguntam coisas da minha vida, da minha família. Então, ainda que já tenha passado muito tempo sem encontrar, esse amigo lembra de coisas que eu compartilhei em conversas.

Amizade é uma escolha. Então se eu escolho uma pessoa, eu vou ter contato, vou ter intimidade e convivência com aquela pessoa. Toda a minha vida eu penso minhas amizades dessa forma. Apesar da velhice, eu não acho que hoje seja diferente.

P: Há quanto tempo frequenta o SESC? O que te motivou a procurar a instituição?

E: Há dois anos. Embora eu tenha ficado quase 1 ano afastada, mas comecei a frequentar o SESC há dois anos. Quando eu entrei na informática, eu já fazia coral, alongamento, academia. Eu procurei o SESC pela necessidade de fazer uma atividade física e de manter a socialização com outras pessoas. Quando a gente se aposenta, a gente corre o risco de perder o contato com as outras pessoas. Embora eu ainda tenha contato com os colegas do trabalho, depois que me aposentei, eu não tenho mais aquele convívio diário da rotina de trabalho. Então, a vida da gente se modifica depois que vem a aposentadoria, então é preciso de procurar um meio para socializar, para não ficar isolada dentro de casa. E por questão de saúde, também, houve recomendação médica porque eu tenho histórico de problemas de saúde que exigem que eu faça atividade física.

Quando eu trabalhava, a minha vida era muito corrida por causa do trabalho. Sempre eu tive que cuidar da minha casa, da minha família. Era casada, mas depois me separei. Aí depois que me aposentei tive mais tempo para cuidar de mim. Eu procuro fazer mais coisas pensando na minha saúde.

P: No SESC, durante o curso de informática, você se lembra de alguma atividade que marcou sua memória?

E: Eu gostava muito do professor. Ele era muito atencioso e delicado com a gente. Quando eu entrei na informática, eu entrei mesmo pela necessidade porque hoje em dia é tudo informatizado na vida. Mas eu tenho uma certa resistência a informatização, embora eu saiba que é um mal necessário. Eu sempre fui muito desenvolta com o que faço e eu vejo que na informática as coisas são muito lentas, travam muito. Eu acho que não tem muito suporte. Então, quando eu estou conectada ou preciso fazer alguma coisa, eu fico muito angustiada porque as coisas são muito lentas e ficam travando demais.

A minha rejeição é mais nesse aspecto. Embora eu tenha consciência do risco que temos de perder a nossa privacidade porque tem muita gente fazendo maldade e dando golpes por aí. Isso também me preocupa porque eu acho que não tem uma lei que garante a preservação da privacidade das pessoas que usam a internet. Então, eu acho que a internet ajuda muito em determinados pontos, mas em outros, prejudica.

Principalmente para pessoas da minha idade ou o pessoal mais antigo que não tem muita intimidade com a informatização cai muito em golpes.

Eu, felizmente, mexo pouco. Só o necessário, aprendo uma coisa aqui, outra lá. E não vou dando muita abertura não, por isso é mais difícil para alguém me enganar. Mas não é todo mundo que consegue se segurar, filtrar e analisar se aquilo pode ser algo positivo ou negativo.

P: No curso do SESC foi seu primeiro contato com a informática?

E: Domínio, domínio eu não tenho até hoje. Na época do curso eu não tinha computador. O professor pedia sempre para a gente fazer tarefas no computador em casa para treinar. Então, eu usava o computador da minha filha, mas como ela é professora, eu tinha muito de sumir com algumas coisas de escola dela, por isso eu tinha um pouco de medo de mexer. Quando eu comprei o meu, já estava no final do curso. Eu até levei ele para o professor ver. Muita gente do curso comprou também. Só que aí eu comecei a ter problemas de saúde na família, então não deu tempo de treinar muito. Mas ainda assim, de vez enquanto eu uso o meu, faço alguns joguinhos, abro meu e-mail, pesquiso algum lugar de férias que eu pretendo viajar. Então me ajuda em algumas coisas.

P: Você acha que esse curso de informática que você fez melhorou ou dificultou as suas relações

de amizade?

E: O nosso grupinho é um grupinho bom, mas são poucas as pessoas que eu tenho contato. Porque eu não sou muito de ficar em rede social. Tem algumas pessoas que eu não tenho como não responder porque mandam coisas para mim todos os dias. Mas, no geral, eu creio que melhorou.

P: Você acha que após ter aprendido a acessar as redes sociais no curso de informática, seu número de amigos se ampliou?

E: Não. Eu acho que o número de amigos que eu tenho não foi ampliado por causa do curso de informática.

P: Quem são as pessoas que estão em seu Facebook?

E: São amigos que eu acumulei ao longo da vida e pessoas da minha família.

P: O que você pensa do Facebook, WhatsApp?

E: Como eu te disse eu não sou muito ligada nisso. Mas eu acho que agiliza o contato imediato com alguém, o acesso a notícias, do nascimento ou da morte de alguém. Coisas que levariam mais tempo para ficar sabendo, a gente descobre nas redes sociais. Eu uso minhas redes sociais só para isso. Compartilhar e, principalmente, receber informações. Tem vez que eu passo até 1 semana sem usar o Facebook.

Agora a gente tem o "zap" fica mais fácil saber das coisas, combinar coisas pelo celular. Então o Facebook, eu quase nem uso mais para isso.

P: O acesso as redes sociais pelo computador ou celular te faz ficar mais próxima ou mais distante das outras pessoas?

E: Eu acredito que vai de lá para cá. Eu tenho muitas amigas, por exemplo, que eu sei que se eu não tivesse o Facebook ou o zap seria mais difícil para elas entrarem em contato comigo. Então, o contato delas comigo, com certeza, é facilitado. No meu caso, eu prefiro pegar o telefone fixo e ligar. Você acredita que eu prefiro mandar um cartão? Eu gosto do intimismo. A internet deixa as relações muito frias. Eu, até hoje, mando cartas. Eu tinha uma amiga em Guarulhos, que faleceu, que e a gente se escrevia o ano inteiro. Tenho outra em Guarulhos que a gente se escreve com frequência. Eu acho que isso torna as relações mais afetivas e verdadeiras.

CATEGORIA: VELHICE

P: Fale um pouco sobre o seu contexto familiar do passado. Com quem vivia, como era o convívio familiar.

E: Eu nasci no município de Estrela do Sul, me criei na roça até os 10 anos de idade. Depois, minha mãe adoeceu e nos mudamos para a cidade. E na adolescência, fui morar em São Paulo. Fiquei morando por lá 25 anos. Mudei com alguns irmãos. Em São Paulo, me casei tive minha filha. Minha filha, hoje, tem 44 anos. Mora comigo.

P: Você tem receio que sua filha se case e, com isso, você fique sozinha?

E: Nunca. Criei minha filha para sair de casa aos 18 anos. Ela que não sai. Eu falo para minha filha, eu criei você para sair de casa. Eu, na sua idade, morria de vontade de sair de casa, agora você não sai. Ela vive dizendo: Eu não vou te larga nunca.

P: Conte um fato do passado que guarda na memória até hoje. Algo que tenha sido noticiado pelo jornal, televisão ou que tenha presenciado.

E: Eu tenho tantas lembranças... é que a minha vida foi, realmente, uma vida muito intensa. Daria para fazer uma penca de filmes. Eu tenho muita lembrança, muita saudade da minha vida em São Paulo. Eu amo São Paulo. Voltei para Uberlândia por causa da família. Mas a minha vida em São Paulo foi muito boa. Na época em que eu conheci o pai da minha família é uma data que eu não me esqueço. Que marcou muito para mim.

P: Não te assustou sair de Estrela do Sul e ir para São Paulo, pelo tamanho dessa cidade?

E: Eu passei muito tempo só dentro de casa. Morria de medo de atravessar a rua no meio daqueles carros porque aquilo me apavorava. Foi difícil me acostumar com aquele movimento e com o frio. Minhas irmãs enfrentavam aquele movimento mais fácil, elas iam trabalhar tranquilamente. Então, eu ficava sozinha em casa porque não tinha idade para trabalhar. Quando me mudei para São Paulo, eu fui para cuidar de um dos meus sobrinhos que teve meningite. Mas acabou que a sogra de minha irmã levou ela para a casa dela e eu não quis ir embora. Então eu fiquei em São Paulo.

Uma coisa boa que eu lembro: Como eu morava pertinho do Teatro Record, que ficava a meio quarteirão na mesma calçada da minha casa, então foi um lugar que eu passei a frequentar muito. Lá eu conheci uma porrada de artista que eram meus ídolos: Roberto Carlos, Agnaldo Timóteo, Erasmo Carlos, todos faziam shows no teatro e eu ia em todas as gravações dos programas de TV da época. Programas como do Randal Juliano, Hélio Ansaldo, Arnaud Rodrigues, Roberto Carlos eram gravados toda a semana, em dias alternados. Então, eu ia em todos. Era a minha diversão. Eu era macaca de auditório.

Depois eu aprendi a andar em São Paulo. Então eu passei a ir ao programa do Sílvio Santos todos os domingos. Assistia aqueles galãs que eram meus ídolos. Isso tudo foi por volta de 1969 até 1972.

P: O que é velhice para você?

E: Para mim, a velhice está mais na cabeça das pessoas. Por exemplo, a minha mãe era velha, já a minha avó era jovem. Minha mãe morreu aos 56 anos e minha avó, com 72 anos. Mas naquela época, quando minha avó tinha seus 60 anos, ela já era considerada pela sociedade, como uma pessoa velha. E a minha avó era uma pessoa muito alta astral, muito para a frente. Ela não tinha preconceito. Ela ajudava quem precisava que não se importava com o que os outros falavam dela. Ela queria fazer o que tinha vontade e o que o coração dela mandava. Ela não preocupava se alguém ia falar mal ou se ia reparar com o jeito que ela se vestia. Ela nunca colocou um sapato no pé, não comia de garfo, só com a mão. Minha avó era neta de índio, então foi acostumada assim. Já a minha mãe, era muito fechada, muito preocupada com o que a sociedade ia pensar ou falar. Ela era muito certinha e foi muito rígida com os filhos. Então minha avó mesmo falava para a minha mãe: "você é muito mais velha do que eu!"

E isso acontece lá em casa. Eu mesmo falo isso para a minha filha, hoje em dia.

Então para mim, o conceito de velhice está muito na atitude, e como a pessoa se deixa levar. Não tem nada a ver com aparência não.

Eu acho que minhas atitudes, a minha cabeça. Eu ser eu mesma. Acho que é isso que define a pessoa.

Mesmo aos 63 anos, eu me considero uma pessoa madura e, ainda, sem juízo. Eu nunca tive juízo na vida. É claro que, às vezes, eu fico pensando se em tal época eu tivesse tido essa maturidade que tenho hoje, certamente, eu teria me dado muito bem, teria feito muita coisa diferente. Não que eu me arrependo de algo que eu fiz na vida. Só me arrependo do que deixei de fazer.

Mas a gente amadurece, fica mais observador, pensa um pouco mais antes de agir.

P: O fato de ser aposentada, te fez sentir uma pessoa velha?

E: Não. A minha aposentadoria foi apenas um descanso merecido. Porque desde quando me entendo por gente, eu trabalho. Tem dias que eu sinto saudade de trabalhar porque naquela época eu tinha mais energia. Hoje em dia, eu me vejo mais sedentária, quieta e fechada. Talvez até por conta do tempo que tenho livre. Então, eu me dou ao luxo de ficar mais quieta. Porque quando eu trabalhava eu tinha que cumprir meu tempo de trabalho, tinha as coisas de casa para organizar e cuidar. Como eu me casei novamente, eu tinha meu marido e meu enteado para cuidar, tinha minha filha. Então depois que me aposentei, eu pude breocar um pouco a minha vida para ter mais sossego.

Então eu não acho que isso tudo aconteceu porque eu fiquei velha. Acho que é apenas uma nova

fase da minha vida.

P: A velhice ou esta nova fase, trouxe mais coisas positivas ou negativas para a sua vida?

E: Eu acho que trouxe mais coisas positivas. Por exemplo, eu ter a disposição e disponibilidade para ajudar meus irmãos, coisa que se eu tivesse trabalhando eu não poderia. Mas ao mesmo tempo, eu não deixei de sonhar. Tenho muitas coisas que eu ainda pretendo fazer. Por exemplo, dançar. Eu tenho muita vontade de dançar, mas eu preciso priorizar as coisas porque preciso, também, de cuidar dos meus filhos. Mas não desisti de dançar. Só esperando as coisas acalmarem que eu vou procurar um lugar para aprender a dançar.

P: Você acredita que, pelo fato de ter mais de 60 anos, as pessoas lhe tratam de maneira diferente?

E: Eu não sei se é porque eu nunca fui de ficar pensando no que as pessoas estão pensando, se os outros estão me julgando ou não. Eu vivo a minha vida. Eu faço aquilo que eu acho que é certo. Eu cumpro as minhas obrigações e se eu posso te ajudar, eu te ajudo. Mas eu não sou de ficar cuidando da vida dos outros. Então, eu não fico reparando se os outros estão me tratando diferente não. Eu acho que as pessoas me tratam normalmente, de maneira igual em relação as demais pessoas.

Eu ainda estranho muito quando as pessoas me dão lugar no ônibus para assentar. Quando eu vou ao banco ou a qualquer outro lugar eu, dificilmente, pego a fila do idoso, porque eu acho que se eu estou bem, eu não preciso da prioridade. Mas se eu precisar, eu uso. Eu conheço meus direitos, se eu necessitar de alguma prioridade, eu vou usar. Tanto que se alguém de oferece lugar eu não recuso. Eu agradeço a gentileza. Mas, se eu estou, por exemplo, próximo de parar no ônibus, eu até digo que não precisa se preocupar. Agora se é uma pessoa bem mais jovem, eu costumo aceitar porque o jovem anda muito mal-educado e não andam respeitando o idoso ou alguém que tenha alguma necessidade especial. Então, nesses casos, eu costumo aceitar porque se a gente ficar recusando, mais mal-educados eles vão ficando porque não criam o hábito. Nesse ponto, eu vejo muito mais pelos outros do que por mim mesma.

P: Com os passar dos anos, você passou a depender de outras pessoas para resolver problemas que até então resolvia sozinha?

E: Acho que não. Tem algumas coisas que eu tenho mais dificuldade para fazer que eu falo para a minha filha fazer por achar que ela tem mais conhecimento do que eu. Por exemplo, quando a gente viaja, eu deixo sempre para ela resolver. Recentemente, fizemos um cruzeiro e ela que escolheu os lugares e pesquisou os orçamentos pela Internet. Então, quando os trâmites são mais complicados e requer uma atenção maior por ter dinheiro envolvido ou por ser necessário acessar sites para pagamentos eu prefiro deixar para ela resolver.

Mas se eu não a tivesse eu, certamente, buscaria o recurso. Eu sempre fui muito independente. Casei-me com 18 anos e tive minha filha aos 19. Aos 23 anos já estava separada. Então a criei sozinha. Tentei fazer com que ela fosse muito independente também, por entender que a gente não pode depender dos outros.

P: Você acha que, hoje em dia, as pessoas com mais de 60 anos são respeitadas da forma com que eram antigamente?

E: Eu acho que ninguém hoje em dia está sendo respeitado como antigamente. Não somente os idosos. Hoje em dia não se respeita mais os professores. Acho que o que mudou é a falta de vínculo familiar. Atualmente, não existe mais isso. As famílias estão muito desestruturadas. As pessoas vivem muito para os outros e pouco para si. Eu vejo pessoas casando, tendo filhos só para dar uma satisfação para a sociedade. Outro dia mesmo eu vi uma pessoa dizendo que não queria ter filhos, mas as pessoas estão o tempo todo cobrando, nossos amigos da mesma idade todos estão tendo filhos, então, por causa dessa cobrança, a gente vai encomendar uma criança. Eu penso que a gente tem filho por uma opção. E com os filhos vem uma responsabilidade muito grande. Então é preciso pensar bem para decidir ter um filho ou não. Eu acho que hoje em dia você conhece até o marginal que teve uma família do outro que não teve. Eles têm

atitude diferente. Eles são criminosos, mas a diferença existe. O marginal que não teve família ou cobrança é muito mais agressivo e sem sentimentos do que aquele que, mesmo optando pelo erro, teve um lar.

P: Você acha que essa desestruturação familiar tem alguma relação com as mudanças com as quais o mundo tem vivenciado atualmente?

E: A evolução dos meios de comunicação existe. É algo real. Mas as pessoas não estão sabendo absorver esse conhecimento. Por exemplo, no caso das mulheres, quando a mulher resolver lutar pela liberdade, a maioria acabou confundindo esse desejo por liberdade por libertinagem, ou seja, confundiu os conceitos por não saber diferenciar isso no seu dia-a-dia. E hoje ela sofre as consequências dessa confusão.

Hoje, eu penso que essas leis e estatutos, ou seja, a busca por direitos existe só no papel porque as pessoas não conseguem assimilar, compreender o que, de fato, importa. É muita informação e isso confunde as pessoas. Veja o caso de um aparelho celular. Hoje eu posso ter o modelo mais moderno, daqui a um mês ele já é obsoleto. Então as pessoas não têm tempo de assimilar e aproveitar os ganhos e as vantagens que a modernidade tem trazido. E, por isso, elas ficam perdidas em meio a desordem do mundo.

CATEGORIA: DILEMAS DE VIDA

P: Como é a sua rotina diária?

E: Meu dia, hoje em dia, é uma loucura. Eu queria muito aprender a administrar meu tempo. Quando eu trabalhava, eu era obrigada a cumprir meus horários. Eu tinha meus horários de trabalho. Depois, em casa, eu sabia que tinha que fazer as coisas de casa. Agora, principalmente, eu não sei aproveitar mais o meu tempo como eu deveria. Eu vejo pessoas que fazem mil coisas durante o dia. Eu não consigo.

Hoje, meu dia é assim: Se eu estou disponível e não tenho nenhum problema excepcional, eu vou a academia de manhã, volto para a casa, faço meu almoço, organizo minha cozinha e depois vou dormir. Mais tarde, acordo e vou ver televisão.

Outra coisa que eu preciso fazer é desligar a televisão e ler um livro. Antes eu lia um livro em uma semana. Hoje em dia, eu levo um mês, porque a televisão tem roubado muito meu tempo. Além disso, essa temperatura também anda me atrapalhando. Nesse calor, eu entro na minha casa e não tenho ânimo para sair. E não é questão de saúde. Minha saúde está ótima. Quando eu tenho disposição, eu sou uma pessoa animada para viajar, passear no campo, na praia, subir em árvore. Minha agilidade é muito boa. Mas essa falta de umidade e calor tem me deixado cansada. Eu descobri que tenho vitiligo, então minha tolerância para o calor tem diminuído ainda mais. Então, eu tenho preferido ficar em casa porque está mais fresco, e com isso, desperdiçado muito meu tempo para fazer coisas que eu gosto, sei que ando muito ociosa. Ultimamente, eu tenho aproveitado meu tempo mais em função dos outros como por exemplo, cuidando dos meus irmãos que são mais velhos do que eu e estão com a saúde debilitada.

P: Você sente falta da rotina de quando trabalhava?

E: Muito de vez em quando. Quando eu trabalhava eu era mais produtiva, eu fazia mais coisas. Saía mais, acontecia mais. Agora, chegou a minha época de descansar então é isso que eu tenho que fazer.

P: Qual seu passatempo preferido?

E: No momento eu acho que é ver TV. Eu adoro séries. Então eu fico muito presa em casa porque enquanto não termino de assistir todos os episódios, eu não consigo me desligar. Gosto de ver alguns programas de canal aberto, também, mas os seriados me prendem mais. Atualmente, eu estou assistindo *Lúcifer*, o ator é lindo! Terminei de assistir *Grey's*, recentemente.

P: Você acredita que, ao estar conectada a um computador ou celular, você tem a oportunidade

de compartilhar seu conhecimento e sua experiência de vida par outras pessoas? As pessoas têm interesse de saber ou conhecer um pouco da sua história?

E: Eu tenho algumas pessoas que sempre procuram saber de mim. Eu vejo que essas pessoas têm interesse de saber da minha família, como eu estou, o que ando fazendo. Se eu não respondo, elas insistem e pergunto porque eu sumi do *face* ou do *zap*. Elas são amigas de verdade. Eu perdi duas, recentemente, uma em dezembro e outra em janeiro. Essas duas tinham essa preocupação comigo e eu com elas.

Hoje em dia isso é raro, as pessoas não estão se preocupando mais umas com as outras. Está todo mundo se preocupando mais com seu mundinho, seu umbiguinho. Um pouco da frieza nas relações sociais é fruto desse comportamento. Eu vejo minha sobrinha com o marido. Os dois preferem conversar pelo celular dentro da própria casa. Eu acho isso um absurdo. Ele lá de cima e ela lá de baixo trocando mensagens pelo celular. Essa atitude me deixa muito angustiada e é um dos motivos da minha resistência a informática. Eu falo para eles, gente, não façam isso. Nada como sentar, conversar lado a lado. Tudo bem, a gente pode usar numa eventualidade, num momento de pressa você buscar a informática, mas dentro de casa eu não consigo entender. Mais uma vez, o mal-uso que compromete esses benefícios da modernidade.

P: Qual o sonho que você gostaria de realizar?

E: Eu tenho sonho de aprender a tocar viola caipira. Sou apaixonada nesse estilo. Mas eu preciso resolver esses problemas de doença na família para poder me dedicar a esse sonho. Eu até tentei me organizar, mas aconteceram coisas inesperadas e mais uma vez eu precisei adiar. Eu tenho muita vontade aprender.

P: Como você imagina seu futuro?

E: Você sabe que eu não penso e nem me preocupo com o futuro. Eu não sei se vou chegar lá. Eu, às vezes, fico lembrando demais do meu passado, aí eu digo: Credo. Eu preciso esquecer do meu passado. Da mesma forma que você precisa deixar o passado que já passou e por isso você não recupera, você precisa não se preocupar tanto com o futuro também. O passado serve de experiência para não repetir o erro ou tomar decisões não muito boas. E no futuro para você ter equilíbrio de coisas que você sabe que vai precisar. Meu ex-marido achava um absurdo eu pagar plano funerário, mas eu sempre dizia a ele que esse era o futuro mais certo que eu posso ter e sempre acontece no momento mais inesperado e pega sempre a gente de surpresa. Eu vou morrer e vou precisar dele. De modo que eu não me preocupo como futuro não. As únicas coisas que eu preocupo é de ter saúde, de ter meu cantinho para morar arrumadinho. Eu sei que meu corpo não é o mesmo de 30 anos atrás, eu tenho eu preciso respeitar e me cuidar. Agora, fazer planos, isso eu não costumo fazer. Não preocupo com guardar nada. Vivo o presente e procuro viver com qualidade de vida.

P: Eu agradeço sua participação. Foi uma entrevista muito produtiva.

E: Obrigada. Foi uma conversa muito boa. Fiquei feliz por ter contribuído com sua pesquisa.

ENTREVISTADA II - Eunice de Jesus Marques

Data: 24/09/2018

Horário de início: 10h20min

Horário de encerramento: 11h20min

Idade: 68 anos

Escolaridade: Ensino Fundamental

Casada. Mãe de dois filhos.

Fez o curso de informática do SESC em 2017, na qualidade de dependente de comerciário. (O marido era comerciante, na época).

Trabalha na Prefeitura Municipal de Uberlândia, com lotação na EMEI Prof^a Carmelita Vieira dos Santos desde o ano de 2001.

CATEGORIA: SOCIABILIDADE

P: Eunice, como é, atualmente seu núcleo familiar?

E: Eu, meu marido e meus filhos. Dois filhos. Uma com 40 e outro com 38 anos.

P: Atualmente, você faz alguma atividade no SESC?

E: Não. Fiz por algum tempo hidroginástica. Mas parei.

P: Fale um pouco sobre sua trajetória profissional.

E: A prefeitura foi meu primeiro emprego.

P: Qual seu conceito de amizade?

E: Amizade é uma coisa muito importante para o convívio né. Sem o convívio não vamos para lugar nenhum. É preciso ter amizades para fluir no trabalho, principalmente.

P: Você acha que ao longo do tempo seu conceito de amizade mudou?

E: Ah modificou. A gente estuda, aprende coisa, viaja. Então a gente amplia mais as amizades. Um pouquinho, mas sim.

P: Você acha que no mundo que a gente vive atualmente, influencia para você ter mais ou menos amigos?

E: Sim. Tem os grupos que a gente participa, da igreja, dos lugares onde a gente frequente, mesmo trabalho. Isso influencia para mais. A participação maior dos grupos onde passeamos, fazemos viagem.

P: Você tem amigos antigos?

E: Sim. Não muitos, mas tenho amigos desde quando comecei na prefeitura. De vez em quando, não no cotidiano, mas falamos por telefone. Mantemos nosso contato.

P: Em relação aos amigos antigos, qual a forma de relacionamento com essas pessoas?

E: Telefone. WhatsApp. De vez em quando liga, a gente se encontra no cinema, em uma festa, numa ida ao médico. É até mesmo em reuniões da prefeitura. É muito bom. Não tem o convívio diário porque em ambientes de trabalho diferentes fica mais difícil.

P: Você acha que a internet, os grupos aproximam ou afastam as pessoas?

E: Acho que aproxima. As vezes a falta de tempo deixa a gente afastada. Aí os grupos facilitam a aproximação.

P: O que te motivou a buscar o curso de informática do SESC no ano de 2015?

E: Olha, porque eu tinha um telefone e não sabia mexer nele. Eu sempre tive computador na minha casa, mas eu nunca tinha me interessado por ele. Não sabia nem ligar. Nesse dia eu estava fazendo até hidroginástica. Aí cheguei lá tinha inscrição.

Fiz a matrícula, fiz o curso. E achei muito bom porque eu não sabia nem ligar o computador. Eu achei aquilo muito bom. Fiz o curso, aprendi muita coisa com o professor Hugo. Foi muito bom, com muita paciência, com amor no que ele estava fazendo. Eu gostei muito.

Pena que muito no final não deu muito certo, mas foi muito bom.

P: Você achou que foi muita informação?

E: No início me assustou sim. No início, até pensei em desistir. Se um consegue, eu também vou conseguir. Aí persisti e consegui.

Aí fui melhorando e deu tudo certo. Fui, com o tempo, me acostumando com as coisas.

P: Você fez amizades no curso ou ficava mais restrito ao conteúdo ministrado pelo professor?

E: Nosso grupinho era muito bom. A gente se comunicava, um ajudava o outro. Quando a gente não sabia, às vezes, o professor estava ensinando outra pessoa e sempre se colocava pronto para ajudar, os colegas também se ajudavam quando podiam.

P: O curso de informática do SESC foi o primeiro contato com a informática?

E: Sim. No telefone sim. Mas no computador eu parei. Porque tive que ficar um mês sem mexer por causa de uma cirurgia nos olhos e até hoje não voltei a utilizar. Uso só o telefone.

P: Pelo telefone celular você acessa a internet?

E: Sim. Pelo telefone eu uso bastante o WhatsApp.

P: Na época do curso você criou a conta do Facebook?

E: Ultimamente não. Não voltei a utilizar.

P: Você usa com frequência as redes sociais: WhatsApp ou Facebook? O que você acha das redes sociais?

E: Eu acho muito válido o WhatsApp. Você comunica com pessoas de outros lugares, com a família. Consegue buscar a informação. A rapidez ajuda bastante.

Às vezes você está preocupado com um assunto vai lá no WhatsApp e resolve rapidinho.

Eu estou em quatro grupos. Dois da família e dois do trabalho. Fico informada de todos os assuntos. Os grupos de WhatsApp, para mim, funcionam como um canal de informação, para recados e tarefas do trabalho e da igreja.

P: Teve alguma atividade que você realizou no curso de informática do SESC que te marcou?

E: Eu acho que foi no dia de fazer a apresentação da prova. Eu falei: Ih, não vou conseguir fazer isso nunca. Não vou dar conta. Não vou lembrar.

P: Como foi essa apresentação?

E: A gente tinha que fazer uma apresentação de desenho e explicar sobre o trânsito. Eu escolhi esse tema. O trabalho foi feito em dupla. Um ficava responsável pela digitação e o outro falava sobre o tema trânsito lá na frente.

Eu quis ser a primeira para não ficar com medo de não saber e ficar ansiosa.

Então eu expliquei sobre o trânsito, apresentei um desenho. Expliquei tudo que tinha planejado e deu tudo certo. Consegui chegar no meu objetivo.

P: Você acha que objetivo final do curso de informática do SESC era fazer o trabalho de apresentação no final do módulo?

E: Eu acho que não. O convívio com os colegas da turma ampliou minhas relações de amizade. Fiz muitos amigos e adquiri muito conhecimento para a minha vida. Eu acredito que esse era o principal objetivo do curso.

P: Você acha que na internet (redes sociais) é possível fazer amigos verdadeiros?

E: Só da família. Hoje em dia não está podendo confiar muito.

P: Por que você tem esse certo receio de confiar?

E: Não entendi a pergunta...

P: Por que no WhatsApp ou no Facebook você acredita que há um receio de se tornar amigo?

E: Pode ser, mas só me relaciono nas redes sociais com pessoas do meu convívio, pessoas com as quais tenho afinidade.

P: Você acha que os contatos das redes sociais é uma porta aberta para se fazer novos amigos?

E: Às vezes acontece com pessoas que conheço, mas não são tão próximas. Mas não no meu caso. Sou mais fechada.

P: Na sua opinião, o computador aproxima ou distancia as pessoas?

E: Eu acho que no meio onde a gente comunica mais, quando se conhece, fica tudo mais fácil.

CATEGORIA: SENTIDO DA VELHICE

P: Fale um pouco do seu contexto familiar do passado. Onde morava, com o que trabalhava.

E: Toda a minha vida morei em Uberlândia. Morava com meus pais. Perdi meu pai e só fiquei com minha mãe.

Depois me casei em 1975. Construí minha casa. Tive dois filhos. Um se casou e o outro continua comigo. Meu primeiro emprego foi na Prefeitura.

P: Como era o convívio da época da infância e adolescência?

E: Era muito bom. O bairro Aparecida (antigo Operário) tinha muita família. Brincávamos muito. Tinha a vizinhança sempre presente também.

P: Tem alguma lembrança marcante do passado que você viu pela Televisão, Jornal, Rádio ou coisa assim?

E: Eu me lembro bem de uma coisa. A revolução de 64. Que a gente sofreu, passou muito medo. Eu era jovem e não sabia nem o que estava acontecendo. Eu lembro sempre do medo. A gente ficava sabendo disso pela boca a boca. Não tínhamos televisão na época. Ficávamos assustados porque as pessoas falavam que era guerra.

P: Mas esse medo era real? Havia coisas acontecendo próximo a vocês?

E: Era próximo sim. Em Uberlândia, eles entravam em as casas. Entraram na minha, dos vizinhos, dos familiares. Eu vivi esse medo na pele.

Havia pessoas assaltando as máquinas de arroz, os supermercados. Então os policiais ficavam fazendo busca nas casas para encontrar o que estava sendo roubado. Foi terrível.

P: Qual seu conceito de velhice?

E: Olha se você teve um passado bom, eu acredito que a velhice não seja ruim. Eu tenho 68 anos e não me considero velha. Eu quero trabalhar, fazer as coisas, viajar. Eu não tenho isso de não posso, não dou conta. Eu penso que temos que cuidar da saúde, fazer atividade física. Se precisar de ir ao médico, vai. Então eu tenho uma saúde boa e uma vida normal. Eu não tenho medo da velhice.

P: A velhice, então, está ligada a idade que a pessoa tem?

E: Sim. Só a idade. A idade da cabeça. Tem gente que está até mais novo e acha que está velho e que não dá conta disso ou daquilo.

Eu até esqueço da minha idade que eu tenho quando eu estou no trabalho, fazendo alguma coisa, alguma compra, uma viagem, no dia-a-dia, no contato com as pessoas. Penso que é tudo igual.

P: Sua aposentadoria está próxima?

E: Olha, para que eu me aposente por tempo não dá tempo, porque já estou com quase 70 anos. Eu tenho que me aposentar só por idade. Como eu gosto muito do trabalho eu já poderia estar aposentada, mas eu estou andando um pouco mais. Com sessenta anos eu já poderia se tivesse 10 anos de prefeitura. Mas eu gosto de me sentir ativa.

P: Você acha que o fato de uma pessoa estar aposentada pode mudar a concepção de velhice?

E: Olha eu falo pela minha irmã. Ela se aposentou, mas hoje em dia a rotina dela é muito mais agitada do que antes. Ela faz os tapetes dela, ela vende. A rotina ficou muito mais agitada, com certeza.

P: Você acha que a velhice traz mais coisa positiva ou negativa para vida?

E: Algumas coisas são boas, outras...não sendo doença, é tudo positivo. Não há nada de negativo.

Pelo menos hoje, eu não penso assim.

Acredito que pode se viver eternamente, independentemente da idade.

P: O fato de você ter mais de 60 anos, prestes a se aposentar muda a forma de tratamento das outras pessoas?

E: Pela idade não.

P: O que te faz sentir excluído ou desvalorizado?

E: Às vezes você se sente excluído por outros motivos. Até porque se você já está na idade de se aposentar, os colegas mais novos ficam fazendo pressão dizendo "por que você não se aposenta?" Dos outros, apenas.

P: Você acha que esta pressão acontece por qual motivo?

E: Eu acho que pela convivência mesmo. Preocupação dos colegas.

P: Com o passar dos anos você se tornou dependente dos outros?

E: Não. O que eu tenho que fazer eu faço. Eu tenho ajuda do meu marido, da filha para ir ao

médico, por exemplo, só mesmo pela companhia. Mas se eu tiver que ir só ou fazer algo sozinha, eu resolvo do mesmo jeito.

P: Você se sente respeitada pelas outras pessoas?

E: Nem sempre. Tem lugares que você vai que ninguém te olha. Não tem respeito. Por exemplo, na igreja. Na missa tem uma filha enorme da comunhão. As pessoas educadas cedem lugar para você não pegar a fila ou um banco também. Então eu acho que as pessoas não olham a gente pela idade. Porque eu, com a idade que eu tenho se eu ver alguém mais velho, eu cedo o lugar para a pessoa. Ontem mesmo, na igreja eu vivi isso. Ninguém. Nem uma pessoa me ofereceu a frente. Eu fiquei esperando até chegar a minha vez. Mas não me incomodei. A vida é assim. A gente ganha, a gente perde.

P: Mas ao te tratarem assim, as pessoas não estão te tratando de igual para igual?

E: Sim. Tratamento igual. Não acho que seja pelo tratamento diferente porque se falar que vai fazer isso só pela minha idade, aí a gente se julga mais velho, impotente. Esse comportamento deve acontecer por respeito e por educação. O que falta é educação e respeito entre as pessoas.

CATEGORIA: DILEMAS DE VIDA

P: Apesar de não estar aposentada ainda, hoje em dia, você acha que administra melhor seu tempo?

E: Hoje está bem melhor. Os filhos estão criados. Todos independentes. Eles não dependem mais de mim para a educação. Para viagem, por exemplo, eu dependo do marido e da filha. Mas é só nisso mesmo.

P: Como é a sua rotina diária?

E: Eu trabalho de manhã. Faço hidroginástica no CEAI duas vezes por semana. De vez em quando eu faço caminhada, faço as minhas coisas de casa. Gosto de ir a missa. No trabalho eu sou readaptada, mas eu faço tudo que posso.

P: Gosta do trabalho?

E: Gosto muito do trabalho. Sou muito feliz aqui. Uma das coisas mais importantes que me mantém aqui é o contato com as crianças. Eu gosto muito porque me faz sentir mais jovem.

P: Qual seu passatempo preferido?

E: Ver televisão. Gosto de novela.

P: Você acredita que ao estar conectada a internet, você tem a oportunidade de compartilhar o que você é e as suas experiências com as outras pessoas?

E: Acho que ninguém tem muita paciência não. Só mandam um oi e olha lá. Não tem uma conversa mais profunda não. A conexão é mais para trocar informações mesmo. Sem aprofundar muito nas conversas.

O interesse é restrito de amigos mais próximos e família.

Hoje em dia, na correria, as pessoas mal falam com gente. Pode estar no WhatsApp, mas ao mesmo tempo não está. As pessoas se esquecem do corpo a corpo. As relações ficam frias. As vezes acontece de em uma festa as pessoas ficam só mexendo no celular e se esquecem do corpo a corpo.

P: Você acha que esse comportamento torna as relações humanas mais isoladas?

E: Acho a internet muito boa, mas ao mesmo tempo ela rouba muito a afinidade entre as pessoas para falar, explicar o que está sentindo ou pensando para o outro. Tem que haver um equilíbrio no uso.

P: Qual o sonho você gostaria de realizar?

E: Viagem. Eu tenho sonho de conhecer a Bahia. Eu gosto muito de praia. E as de lá eu ainda não conheço.

P: E quanto ao seu futuro?

E: Olha, eu imagino que esteja bem, que eu continue ativa por muitos anos, junto com minha

família e amigos. Tendo saúde. Imagino meu futuro assim.

P: Finalizamos a entrevista às 1h18min, agradecendo pela participação da entrevistada.

E: Eu agradeço pelas suas perguntas. Por me fazer lembrar um pouco do meu passado. Pelo seu interesse de saber do meu presente, das coisas que eu pretendo fazer. Foi muito bom, eu que agradeço seu interesse.

ENTREVISTADO III - Lázaro Marques Rodrigues

Data: 24/09/2018

Horário de início: 16h40min

Horário de encerramento: 17h50min

Escolaridade: Ensino Médio (começou faculdade de direito e letras, sem concluir)

Idade: 67 anos

Casado. Tem dois filhos e um neto.

Fez o curso de informática no SESC em 2015.

P: Prefere ser chamado de senhor ou você?

E: Você! Ainda estou novo.

CATEGORIA: SOCIABILIDADE

P: Descreva sua trajetória profissional. Com o que trabalhava, por quanto tempo, se gostava do ofício

E: Eu sempre gostei demais de trabalhar. A maior parte da minha vida eu trabalhei com vendas. No início da minha vida trabalhei 7 anos em escritório. Depois mais 12 anos trabalhando com vendas em um único lugar: Companhia de Petróleo. Depois, eu fui ser proprietário. Aluguei um posto de gasolina e fui trabalhar pra mim. E nisso aí, eu me dei mal. Não foi bom não. Foi ruim financeiramente, mas por causa de sociedade. Não foi por causa de mim e nem pelo negócio que era bom. Mas a sociedade foi desastrosa.

Na grande parte do tempo, eu passei viajando. Vendendo combustível e lubrificante.

Ficamos 7 anos com a sociedade no posto de gasolina, mas foi ruim demais porque perdemos muito. Aí desisti e voltei a ser vendedor novamente, vendendo combustível uma temporada aqui em Uberlândia e fui por dois anos, morar no norte de Goiás, cidade de Mara Rosa, na Belém-Brasília. Por lá fiquei dois anos. Voltei para cá e retornei para a venda de combustível novamente. Depois, fiquei um período à toa. Depois trabalhei dois anos em outra atividade. E agora estou sem trabalhar novamente.

P: Na sua situação, eu percebo que quem trabalha com vendas precisa ter um potencial comunicativo tremendo não é mesmo?

E: Sim. É fundamental ter argumentação para conseguir vender.

P: Essa comunicação era fácil no desenvolvimento do seu trabalho?

E: Era sim. A gente já tinha os clientes certo e você tinha que procurar outros também. Tanto na revenda da gasolina, do óleo diesel e também nos lubrificantes das marcas correntes. E graças a Deus, sempre deu muito certo.

P: Como eram feitos os contatos para a efetivação dessas vendas?

E: Era no local. A gente pegava o carro e ia atrás de comprador. A gente fazia uma faixa de 300 km de raio. E andava muito. Eu gostava muito da minha profissão.

P: Qual seu conceito de amizade?

E: Os amigos antigos existem até hoje. Meus clientes viravam amigos. Mas quando a gente para, é muito ruim. É muito ruim porque você perde os contatos. A vida de todo mundo vai

ficando apertada e os que continuam trabalhando não tem tempo para visitas, essas coisas né. Quem está à toa, já falta o dinheiro para fazer viagens e tal. Então, o ruim é isso.

P: Então esses contatos de amizades são mais ligados ao trabalho ou você tem amigos da época da infância e da juventude?

E: Sim. Tenho amigos da vida inteira. Por exemplo, eu tenho 68 anos. Eu tenho amigos de 45 anos ou mais.

P: Esses amigos antigos moram próximos ou distantes?

E: Tenho amigos aqui perto e outros longe. E o pior de tudo são os que se foram. Tenho vários colegas de trabalho que morreram novos. Todos morreram jovens. Só uns três que morreram velhos que nem eu, os outros morreram jovens.

P: Você sempre morou em Uberlândia?

E: Só por um período de 2 anos que eu tive que morar em Uberaba, por exigência da companhia, melhor dizendo de um subgerente. Aí quando ele foi mandado embora, o gerente que entrou no lugar mandou eu voltar para Uberlândia, dizendo que discordava do antigo gerente.

Para mim, foi muito melhor. Porque eu sempre morei aqui.

P: Nesse período ficou separado da família?

E: Tive que mudar com a família. Estava casado há dois anos e já tinha um filho pequeno.

P: Como você costuma rever esses amigos antigos?

E: Os que estão aqui, a gente encontra em locais diversos. Mais em mercado. E algum, muito de vez em quando liga para trocar umas ideias, perguntar como estão as coisas, o que tem feito. Coisa do tipo.

P: Em relação ao SESC, você participou do curso de informática em 2015. Concluiu?

E: Sim. Foi um curso pequeno. 60 horas. Eu fui até o final.

P: Qual seu objetivo ao se interessar por esse curso?

E: Aprender um pouquinho a mexer com computador, com telefone. O telefone por exemplo eu só sabia fazer ligação. Então eu procurei para me informar. Aprender. Pois não sabia nada. No passado, eu sempre soube mexer com as máquinas velhas, mas computador, nada. Máquina de escrever normal e aquelas máquinas de contabilidade, de sistema de lançamento débito e crédito. Essas eu dominava pois trabalhei um ano e tanto com isso no escritório.

P: Você gostava desse trabalho?

E: Sempre gostei. Apesar do trabalho ser cansativo e repetitivo, sempre gostei. Agora, claro, eu gostava mais de trabalhar com vendas. Vendas é um horizonte aberto. Você tem contato com todos os lados.

P: Essa sua preferência por trabalhar com vendas é mais por estar perto das pessoas, pela sua facilidade de conversar?

E: Eu gostava sim. Mas o que mais me motivava era o salário. A gente ganhava muito mais. Porque trabalhando com vendas a gente não tem salário. A gente que faz o salário, ganha comissão.

P: Foi o primeiro e único curso no SESC?

E: Sim. Só fiz esse e nessa área de informática eu nunca trabalhei. Logo em seguida eu trabalhei de 2016 até janeiro de 2018. Então, infelizmente, eu peguei uma anemia muito forte. Emagreci 17 quilos. Então tive que parar de trabalhar. Trabalhei nesse período em portaria, totalmente diferente. Mas eu gostava porque tinha que atender e receber pessoas. Era divertido.

P: Durante o curso de informática do SESC, tem alguma lembrança de atividade que você gostou de fazer?

E: Tinha sim. Tiveram vários trabalhos que a gente fazia no computador que eu jamais pensei que fosse dar conta de fazer. Mas é claro, se tiver qualquer pessoa explicando, fica mais fácil. No SESC era o Hugo Daniel. Rapaz novinho, bom demais, atencioso. Então todo mundo aprendia fácil. No curso tinha umas 25 pessoas.

P: Eram interessantes as aulas?

E: O curso era bem didático. Ele ensinava no quadro e a gente acompanhava no computador. Ele era muito paciente. Fiz vários trabalhos que hoje eu nem imagino como faz. Porque não dei continuidade. Então parei e acabei esquecendo. Hoje em dia não tem como viver sem informática.

P: Você acredita que o curso melhorou ou dificultou suas relações de amizade?

E: Foi uma pena que eu não continuei. Porque acabou o curso e aí não precisei mexer mais.

P: E quanto as redes sociais, Facebook, WhatsApp?

E: Não gosto não.

P: No curso, vocês aprenderam a mexer no Facebook, vocês criaram Facebook?

E: Sim. Todo mundo criou, mas eu só mexi no meu lá no curso. Depois nunca mais me interessei. Não tenho curiosidade de mexer com isso não. Se eu precisar conversar com alguém, rever alguém, eu uso mais o telefone. Nem WhatsApp, eu costumo usar. Prefiro ligar.

P: De onde vem o desinteresse por essas ferramentas?

E: Porque eu nunca tive necessidade de lidar com isso no meu trabalho. Minha esposa também não gosta. Vejo meus filhos envolvidos demais com a internet, eles são do meio. Até o neto de 5 anos também vai gostar porque é curioso demais. Mas eu não.

P: Se você ainda estivesse trabalhando, acha que teria mais interesse nessas ferramentas?

E: Certeza absoluta que sim. É só falta da necessidade mesmo. A minha necessidade atual, eu resolvo ligando e pronto.

P: Na sua visão, ter acesso ao computador é indiferente para seus vínculos de amizade?

E: Sim. Embora eu saiba que estar conectado seja uma necessidade. É muito mais barato para ter contato com outras pessoas pelo computador. Mas é uma necessidade para muitas coisas hoje em dia. O computador é uma forma de se estar mais próximo de pessoas, de ter acesso a um grupo maior de pessoas. Para o trabalho, hoje em dia é fundamental.

CATEGORIA: VELHICE

P: Fale um pouco sobre seu contexto do passado. Com quem morava, onde nasceu.

E: Eu nasci em Tupaciguara. E quando eu tinha 3 anos de idade, meu pai e minha mãe nos levaram para morar numa fazenda na cidade de Rio dos Bois, Goiás. Nessa época, eu tinha 3 irmãs. Lá em Goiás, nasceu um irmão. Mas eu fiquei nessa cidade por 4 anos. E vim para Uberlândia para estudar, morando na casa de uma irmã por muitos anos. Por volta de 1972, nós voltamos para buscar meus pais. Nessa época, todos os irmãos já moravam aqui. Só saí daqui para ficar 2 anos para mulher em Uberaba e mais recentemente, entre 1998 e 1999 eu morei no norte de minas.

P: Dessa época, você se lembra de algum fato do passado que guardava na memória até hoje que tenha marcado sua vida?

E: Não lembro de nada da época não. Lá só tinha rádio. A fazenda ficava afastada da cidade. Ficava no distrito da cidade que hoje chamada Castelândia, há uns 35 km de Quirinópolis. Na beira do Rio dos Bois.

P: E quando você mudou para Uberlândia, tenha alguma lembrança marcante?

E: Ah, sei lá. Eu não sou muito de me ligar nisso não. Coisas ruins, que a gente chama de mágoa ou raiva, eu não guardo. E as coisas boas eu também não sou de ficar lembrando. Passou, passou.

P: Qual é o sentido da velhice?

E: É triste. É ruim.

P: O fato de estar aposentado te faz sentir uma pessoa velha?

E: É péssimo. É muito ruim. Esse negócio, igual, por exemplo, atualmente, estou sendo uma doméstica. Ficar em casa, parado. Para mim, isso é horrível.

P: Mas você não pensa que já trabalhou o tempo necessário e que agora pode se dedicar a outras

coisas?

E: Pode até ser. Mas se eu tivesse muito dinheiro e pudesse viajar, passear. Tudo bem, era outra história. Mas aposentar para ficar em casa, sabendo que eu posso trabalhar porque graças a Deus eu tenho saúde não presta não. O certo é trabalhar. Foi isso que eu fiz a vida inteira.

P: Essa fase da sua vida, ela trouxe mais coisas positivas ou negativas?

E: A velhice só trouxe coisas negativas. A velhice não é boa não. Nada melhorou. A única vantagem que eu percebo por ser velho foi a chegada do velho. É a melhor coisa do mundo. Melhor do que ter filho. Meu neto tem 5 aninhos. Mas é muito bom poder conviver com ele.

P: Você se sente desvalorizado?

E: Sim. Me sinto desvalorizado porque o velho não consegue emprego. Porque assim, o país atravessa uma fase muito ruim. Nem os novos estão arrumando emprego, imagina os velhos?

E: A sua dificuldade de voltar a trabalhar não estaria ligado ao ramo de atividade que você procura?

P: Não. Eu acabei sendo porteiro, por último. Foi a única oportunidade que eu consegui.

E: Com o passar dos anos, você passou a depender de outras pessoas para resolver problemas que até então você sempre fez sozinho?

P: Até que para fazer tarefas do dia-a-dia eu ainda faço sozinho. Mas coisa que eu fazia antes e hoje os filhos que me ajudam demais. A dependência é financeira. Hoje os filhos me ajudam demais em casa.

P: É difícil para você aceitar essa situação de ajuda?

E: Pela ajuda não. Mas o ruim é você levantar cedo e ficar a toa. Mas graças a Deus eu tenho meus filhos que são bons demais para mim.

P: Hoje em dia você acha que os idosos são respeitados como eram antigamente?

E: Não. Apesar de antigamente não tinha nada do que se mostra na televisão ou no rádio. Mas o jovem respeitava mais. Hoje em dia, eles não têm educação. Por exemplo, eu não ando de ônibus, mas minha mulher anda e ela diz que é um horror. A minha mulher fala que é um horror. Minha mulher tem 72 anos e fala que às vezes pede para um jovem dar lugar para ela no ônibus para outro velho e ela muitas vezes é maltratada. Antigamente isso não acontecia.

Hoje em dia, os pais perderam a autoridade. Eles querem que a escola dê educação. Mas a educação vem de casa. Então, a culpa de tudo isso é dos pais que não educam.

P: A sua esposa trabalha com que?

E: Ela é assistente social. Lá tem um asilo e uma clínica psiquiátrica. Minha mulher precisava parar, porque a cabeça já está falhando muito. E ela não quer parar de jeito nenhum. Como eu, ela gosta demais do que faz. Ela gosta muito dos velhinhos, o pessoal deficiente mental. Ela não tem medo dos deficientes mentais. Anda no meio deles, abraça eles. E eles também gostam muito dela.

Então eu fico preocupado porque na hora que ela tiver que parar, eu acho que ela vai sentir muito mais do que eu. Ela é muito ativa. Não sossega. Ela é uma velhinha elétrica. E falar que ela vai ter que ficar dentro de casa, eu fico preocupado.

E graças a Deus ela é muito sadia. Parece que ela que é filha do meu pai. Meu pai morreu com 94 anos e nunca teve pressão alterada. Nunca teve doença nenhuma. A família do meu avô por parte de pais são todos assim. Meu pai tinha 10 irmãs, só um morreu com 78 anos de AVC. O resto tudo passou dos 90 anos. Todo mundo pensa que ela era a filha do meu pai, porque ele era branquinha, de olho azul e ela é branquinha, de olho verde...então ela parece meu pai muito mais do que eu.

CATEGORIA: DILEMAS DE VIDA

P: Hoje em dia você administra melhor seu tempo?

E: Eu preferia antes, quando eu tinha que cumprir meus horários. Detesto ficar a toa. Você vai

ver o dia que chegar a sua vez. Nossa é triste.

P: Era melhor administrar o tempo enquanto trabalhava?

E: Mil vezes melhor. Eu tinha uma atividade, uma obrigação para cumprir, coisas para preocupar. Sonhos para realizar.

P: Qual sua rotina diária?

E: Nada. Só mesmo em casa. Ajudo bastante a minha esposa e só. Passeio bastante, os filhos sempre levam a gente para Caldas Novas. Hoje, por exemplo, eu fiz uma caminhada cedo e estou aqui desde então. Eu não consigo me acostumar com isso. Eu sinto falta da rotina estressante. Aquilo que era bom. Mas eu preocupo mesmo é com a minha mulher. Ela vai ter muito mais dificuldade do que eu.

P: Você se aposentou por idade?

E: Foi. Por contribuição eu já poderia ter aposentado com 53 anos. Eu aposentei com 65. Com isso, eu perdi 13 anos, mas de raiva. Quando eu fui me aposentar em 1998, faltava um ano de contribuição. Aí tinha o coeficiente do Fernando Henrique. Eu contribuía por 2 salários mínimos. Eu pensava que a gente poderia usar 80% dos maiores salários. E não pode ser assim, nem entrando na justiça. Aí eu parei de pagar esse tempo que faltava, porque não tinha outra opção, eu esperei completar 65 anos. Eu perdi 13 anos de contribuição. São as burrices da vida. Eu joguei fora 160 meses de contribuição. Deveria ter guardado esse dinheiro. Ficou para esses governantes ladrões. Não adianta chorar, acabou.

P: O que você mais sente falta da época do trabalho?

E: Da ocupação que eu tinha e do rendimento, porque hoje é muito apertado o orçamento.

P: Qual seu passatempo favorito?

E: Eu gosto de televisão, mas só vejo jornal. E rádio. Eu ouço muito rádio. Rádio a gente liga, escuta enquanto faz outras coisas. Não tem que ficar parado, entende?

P: Vamos tentar não pensar somente na questão do trabalho. Você se sente valorizado e reconhecido pela sociedade?

E: Dentro do meu círculo, sim. Em outros lugares a gente não tem reconhecimento nenhum. Só mesmo dos meus amigos e familiares próximos. Agora, quando você está trabalhando não. Sempre tem um horizonte diferente, uma coisa nova. A gente pode se destacar e por isso vem a valorização.

P: Você recebe elogios?

E: Hoje em dia não. Só no passado mesmo. Mas é o tal negócio: Velho vive é de passado mesmo né?! (risos)

P: Em relação ao computador ou uso da internet, você acha que quando está conectado com outras pessoas você tem a oportunidade de demonstrar o seu conhecimento e sua experiência de vida ou é somente compartilhamento de imagens, informações em geral?

E: Não. Só conversa informal. Nada de muito profundo, tudo muito superficial. Igual eu te falei no início. Eu não gosto desse trem não. Melhor falar pessoalmente ou, se não der, pelo telefone. Tanto é que meu Facebook eu fiz durante o curso, mas nunca mais me interessei em usar.

P: O curso do SESC foi uma experiência boa?

E: Foi muito interessante. Hoje eu sei fazer pesquisa. Mas se a gente tivesse trabalhando e tivesse usando, teria uma aplicação muito melhor.

P: Qual o sonho que você gostaria de realizar?

E: Ganhar na Megasena. Ganhar muito dinheiro. Mas é brincadeira. O sonho mesmo que a gente tem vontade de ter é de ter uma família boa. Tenho um casal de filho que nunca deu problema para mim ou para a minha mulher. Então eu considero isso essencial na minha vida. A gente vê tantos filhos que dão trabalho demais para os pais. Eu, graças a Deus, não vivi isso. Além disso, é ter saúde. Eu e minha mulher sempre trabalhamos muito. Ela até hoje está na ativa. Meus filhos serem tão bons hoje eu devo a ela, que deu educação a eles sozinha porque eu viajava demais.

Minha filha é advogada, é oficial de justiça. Meu rapaz fez administração. Ficou parado um tempo e voltou a estudar. Nesse ano está terminado o curso de engenharia civil. Então família é tudo.

Eu tentei estudar também. Fiz o curso de Direito, mas não consegui terminar por causa das viagens. Depois fiz mais um ano de outro curso, dessa vez Letras, mas não consegui concluir. Comecei dois cursos, mas não fiz nenhum. Na firma, quem tinha curso superior ganhava mais, então eu tentei, mas não consegui concluir.

P: Como você imagina seu futuro?

E: Muito triste porque de agora para a frente é só ficar cada vez mais velho. É triste. Não é nada interessante. O bom da vida é a renovação, a chegada dos netos melhora um pouco esse peso de se sentir velho.

P: Você acha que o convívio entre velhos e jovens é algo importante?

E: O convívio é algo comum. Tem que acontecer pela convivência. Mas é muito bom a sensação de renovação que se tem com a chegada dos netos. É a renovação da casa. Você não imagina a alegria que é. Todos os sábados ele vem para cá. Durante a semana não dá tempo pois o meu genro e minha filha são muitos ocupados. Eles trabalham durante o dia e a noite eles trabalham na academia deles. O netinho sai da escola e vai direto para a academia. E só vão para a casa depois das 21 horas. Então é muito corrido. Mas na minha opinião, isso é que é bom. Como eu queria ter uma rotina assim, também.

P: Você imagina que nesse mundo em que vivemos hoje, há uma tendência de proximidade ou distanciamento entre as pessoas?

E: Para a juventude, essas novas tecnologias são um leque enorme. Vejo meu filho fazendo seus trabalhos de faculdade. Nas redes sociais, durante o dia e noite. Ele gosta. O que eu detesto, ele adora. A minha filha, por outro lado, só usa para o trabalho. Ela controla os recebimentos na academia e controla as tarefas de oficial de justiça. Então, para a juventude isso é imprescindível.

P: Você acha que essas tecnologias aproximam ou distanciam as pessoas?

E: Distancia. Distancia do convívio, da conversa. Eu acho que é indecente. Eu tenho raiva. Às vezes você está sentado em um lugar, ou acha uma mesa grande. As pessoas não têm educação. São poucos que conversam um com o outro. O resto fica só no telefone. Eu acho que não precisa disso não.

Tem gente que está dentro de casa e, muitas vezes, um irmão conversa com o outro irmão pelo celular estando dentro de casa. Por que não ir lá e conversar com a pessoa?

P: Lázaro, a gente encerra aqui a nossa entrevista. Eu agradeço muito por sua disponibilidade e por poder compartilhar um pouco da sua história de vida. Ouvir sua história me mostrou pontos muito importantes para o desenvolvimento do meu trabalho e, claro, para o meu desenvolvimento pessoal.

E: Eu que agradeço a oportunidade de ser ouvido. Desejo muito sucesso.

ENTREVISTADA IV - Lurdinete Dantas Manzi

Data: 27/09/2018

Horário de início: 15 horas

Horário de encerramento: 16h30min

Idade: 73 anos

Escolaridade: Ensino Médio

Casada. Tem duas filhas e duas netas.

Fez o curso de informática no SESC em 2015.

CATEGORIA: SOCIABILIDADE

P: Descreva sua trajetória profissional. Com o que trabalhava, por quanto tempo se dedicou ao ofício e se gostava do que fazia.

E: Eu comecei a trabalhar para ser remunerada aos 14 anos. E nunca mais parei. Eu fiz de tudo na vida. Meu primeiro emprego foi numa fábrica de caixa de papelão chamada Tipografia Brasil que fica no bairro Martins. Trabalhei lá por um período, mas nem carteira assinada eu tinha. Naquele tempo não existia esses direitos trabalhistas. E eu era muito novinha né. Depois disso, eu e minha família nos mudamos do bairro aparecida (antigo bairro operário) para o bairro patrimônio, próximo ao Clube Praia Clube. E lá era difícil para ir estudar e trabalhar porque era um lugar mais afastado do centro. Então, eu arrumei outro emprego na Fábrica do Guaraná Mineiro. Não me lembro do tempo, mas foi bastante tempo. Nessa época, eu estudava no Liceu. O Liceu ficava onde hoje fica a Caixa Econômica do Fórum. Eu sempre trabalhei porque minha família era pobre, e eu queria comprar minhas coisas, porque já era mocinha. Então, apesar das dificuldades, eu sempre estudei e trabalhei. Depois, eu arrumei um emprego no escritório de uma cerealista. Nessa cerealista eu tinha registro na carteira de trabalho, fiquei lá por 5 anos. Durante esse tempo, eu terminei o curso de contabilidade. Então, eu sempre trabalhei no comércio na área administrativa. Quando eu saí da cerealista, eu entrei na comunicação da Rádio Bela Vista de Uberlândia, emissoras coligadas, trabalhava no escritório. Na época a emissora teve um problema na justiça e dispensou todos os funcionários. Isso foi em 1973. Lá eu trabalhei de 69 a 73. Quando a rádio fechou eu arrumei um serviço na Nacional Expresso, mas meu marido ficou colocando empecilho, que eu precisava cuidar dos filhos eram pequenos. Eu sempre coloquei o casamento muito na frente de tudo. Tanto é que eu estou há 47 anos casada. Nesse período eu já era casada e já tinha filhos pequenos, por isso, fiquei um período de 2 anos cuidando da casa e dos filhos. Meu marido trabalhava em uma empresa e pediu para o chefe dele acertar os direitos dele para abrir um negócio. Meu marido era mecânico. Então, ele abriu a oficina e eu fui trabalhar com ele. Eu cuidava de toda a parte administrativa da oficina. Por fim, eu já estava quase fazendo consertos. Eu fazia orçamentos, pagamentos, cobranças, saía para levar o cliente que deixava o carro na oficina em casa, de lá eu já saía para comprar as peças necessárias para o conserto e quando eu vi, já tinham se passado 10 anos. Eu digo que essa foi a maior burrada que eu fiz na vida. Ao todo, eu trabalhei na oficina com ele 20 anos. Eu brincava com ele que ia levá-lo na justiça porque ele nunca me deu férias e nem pagava meus direitos. Aí o tempo passou. Nós trabalhamos, criamos os filhos. Quando minha filha caçula passou no vestibular e tirou carteira de motorista aos 18 anos, eu comecei a me sentir inútil e sem chão, porque eu que sempre levava e buscava para todos os lugares, e a partir desse momento, ela começou a pegar o carro e ir sozinha e não precisar mais de mim. Então eu me perguntei: O que eu estou fazendo aqui? Eu vou é tratar de arrumar um emprego. Na oficina, o movimento já não era o mesmo. Teve uma época tinha 7 mecânicos, por fim, era só o meu marido e mais um funcionário. Então eu comecei a ficar muito ociosa, só cuidando de casa. Aquilo foi me deixando muito triste. Eu já tinha 50 anos. Então eu comecei a pensar o que eu poderia fazer. As pessoas falavam que o comércio estava inchado e muito parado, que para conseguir arrumar emprego era preciso de muita capacitação. Então eu alertei, mas pensei: Capacitação eu tenho. E isso não vai me desanimar. Eu só não sei muito bem mexer no computador, mas isso eu aprendo. Eu fiz meu currículo com a ajuda da minha família e fui para a rua. Todo lugar que eu via uma loja que eu achava que daria certo para mim, eu entregava o currículo e dizia: gente eu estou querendo voltar para o mercado do trabalho, dê uma analisada no meu currículo, quem sabe meu perfil possa se encaixar em alguma vaga e eu possa ser aproveitada, eu tenho muito conhecimento e muitas amizades. Dez dias depois que eu passei a entregar currículos eu fui chamada para uma entrevista na Granja Rezende. Eu concorri com 19 candidatos, para 4 vagas. Eu fui umas das 4 classificadas. Na época, o salário mínimo era 336 reais e eles me ofereceram 700, 00 para trabalhar 6 horas. Na hora eu aceitei. Para mim, estava

muito bom. Eu trabalhava só para os meus alfinetes mesmo. Então eu trabalhei na Rezende por 4 anos. Saí de lá porque a firma fechou. Na Rezende eu trabalhava no marketing. Como eu te falei eu já fiz de tudo na minha vida. Eu gostava muito de trabalhar lá. Uma turma muito boa, um ambiente maravilhoso. Daí teve uns desentendimentos do dono e, por fim, a Sadia comprou a Rezende. E a Sadia não ficou com nenhum funcionário. Eles dispensavam por grupos. Eu fui da última remessa. Uma das últimas a serem desligadas. Enquanto eu ainda estava na Rezende, a assistente social de lá pediu a minha carteira porque eu já tinha idade para aposentar. Mas eu continuaria trabalhando lá mesmo depois de aposentada, segundo a assistente social. Aí eu levei a minha carteira e o tempo que trabalhei com o marido deixou uma janela de 20 anos porque eu não contribuí com a previdência. Resumindo: Eu tinha idade, mas não tinha tempo. Então eu disse, vamos trabalhar então para dar o tempo. Aí quando a Rezende fechou e ainda não dava a minha contagem de tempo.

Mas como eu fiz muitos contatos na Rezende, eu passei a conhecer muita gente do comércio. Carrefour, Makro, supermercados em geral. Fiz muitas amizades, eu arrumei outro emprego como promotora de vendas em uma loja de essências (Aromata). Nessa empresa, eu fiquei até me aposentar. Estou aposentada há 9 anos.

Quando eu me aposentei eu falei que não queria fazer mais nada, mas ficou muito pior. Porque agora eu divido meu tempo com uma porção de coisas. Atualmente, as minhas manhãs, são das minhas netas. Eu as levo para o SESC, ensino tarefa, levo para aula de música, aula de Ballet, dou almoço aí a mãe delas vai almoçar e leva para a Escola Estadual 6 de junho. Na parte da tarde, eu faço minhas coisas.

P: Você tem muita experiência profissional. Sempre foi feliz nos lugares em que trabalhou?

E: Em sempre fui muito dinâmica. Nunca gostei de ficar parada. Em toda a minha vida laboral, eu só trabalhei em um lugar que não gostei. Mas não era bem o emprego ou a função que eu exercia. Era uma livraria e eu trabalhava no faturamento. Só que tinha um gerente lá que eu não tinha afinidade. Consegui ficar lá por 1 ano, mas muito forçada, por obrigação e necessidade mesmo. Nos outros lugares, nossa, eu fui muito feliz. Porque eu me considero uma pessoa muito fácil de relacionar. Em todos os lugares em que trabalhei eu só deixei amizades.

P: Qual seu conceito de amizade?

E: Então, como eu passei a maior parte do tempo trabalhando, fiz minhas amizades no meio onde eu trabalhava. Eu tenho amigas dos escritórios das firmas em que trabalhei que até hoje eu tenho essa amizade. Até hoje, eu frequento a casa das meninas que trabalhavam comigo e elas frequentam a minha. A gente liga uma para a outra nos aniversários. Só mesmo com esse gerente que não foi possível porque nosso santo não bateu.

P: Você acha que esse conceito de amizade se modificou ou permanece o mesmo nos dias atuais?

E: Eu acho que amizade quando é sincera não muda com o tempo. Agora hoje em dia tem muita traiagem, muita gente querendo puxar o tapete do outro que, infelizmente, não dá para confiar. Amizade para mim é assim: Você conhece uma pessoa há muito tempo e por isso, você confia nela. E você faz qualquer coisa por aquela pessoa. Eu acho que amizade é isso. Se você precisar de mim, eu estou pronta para te servir e se eu precisar eu não tenho constrangimento de te ocupar para pedir ajuda. E também aceitar e respeitar se o outro naquele momento não pode te oferecer o apoio que você está necessitando.

P: Existe alguma lembrança marcante da época que você estudava ou trabalhava?

E: Minha vida sempre foi muito corrida porque eu trabalhava e estudava. Era muito difícil. Naquela época a gente não tinha carro. Para ir aos lugares a gente ia a pé ou de ônibus. Minha vida sempre foi normal. Um livro aberto. E muito corrido. Não tenho uma lembrança marcante que eu possa citar agora.

P: Como é que você convive e se relaciona com seus amigos?

E: Nossa, quando eu vejo uma pessoa do meu passado na rua, igual por exemplo a Edite que ia

muito na minha casa no tempo de solteira é uma festa. Aí a gente se encontra casualmente no banco, no mercado e é uma festa. A gente se abraça, quer saber da vida uma da outra, onde está morando, essas coisas. Desde que casei eu moro na mesma casa, há 47 anos. Aí ela fica surpresa perguntando se eu ainda moro na Araxá. Eu brinco dizendo que só vou mudar de lá para ir para o Bom Pastor (cemitério), mas não estou com a menor pressa também. É uma festa. Eu tive muita sorte. Nessa casa que eu moro, meus vizinhos são os mesmos de sempre. Agora meus vizinhos estão como eu, criando netos. Eu tenho vizinhos de 40 anos. É tudo uma grande família.

Eu lembro que em frente a minha casa, havia um casarão velho em um terreno muito grande. A senhora que morava lá tinha 3 filhos. Inclusive a filha do meio se casou no mesmo dia que eu. Como esse terreno é muito grande eles fizeram um predinho com seis apartamentos. Então, os vizinhos mais novos são os que moram nesse predinho. Isso faz 30 anos. Tudo meu é antigo. A casa onde eu moro, minha conta do banco é antiga, o telefone nunca mudou o número. Então não tem muita mudança. A vida vai continuando com coisas novas que vem, mas as coisas antigas permanecem.

P: Há quanto tempo você frequenta o SESC?

E: Ah foi tão engraçado eu começar a vir aqui (no SESC). Eu levava minhas netas para fazer aula de ballet lá na academia Uai Q Dança. E a mais novinha que tinha 2 anos era muito pequena. Eu a pegava na escolinha e ia para o ballet as 18h. Ela me pedia para faltar porque ficava muito cansada de brincar na escolinha e, por isso, não gostava de ir para o ballet. Então, eu conversei com a minha filha para ela procurar outra atividade para a Natália fazer porque eu achava que estava judiando dela e, além disso, eu achava que minha filha estava desperdiçando dinheiro. Primeiro, ela tentou mudar o horário, para ela não ficar muito cansada, mas nessa escola não tinha o horário. Então eu fiquei sabendo que tinha ballet no SESC e falei para a minha filha ir lá conversar para ver se o horário era melhor para a minha neta poder frequentar. Chegando no SESC, minha filha não conseguiu vaga no horário que precisava, apenas fez a inscrição. Mas a pessoa que a atendeu disse que estava montando turma para a terceira idade. Minha mãe chegou em casa dizendo que não deu certo para as meninas, mas eu achei ballet para a senhora.

Eu falei: Lilian, você está gozando com a minha cara? Olha a minha idade. Juntas duras, velha, com 60 anos no ballet? Nada mãe, a professora é um doce de pessoa. Nós vamos lá hoje à noite para a senhora conversar e ver como funciona as aulas. E fomos. Quando chegamos no SESC eu fui conversar com a professora e me apaixonei. Que menina legal, boa demais da conta. Então ao invés de fazer a matrícula das netas, eu fiz foi a minha! Foi assim que eu entrei no SESC.

Aí meu marido falou assim: Ballet? O que você está querendo com isso? Eu respondi: Qualidade de vida. E encerrei o assunto. Eu e meu marido nos entendemos bem, mas de vez em quando marido tem umas frescuras né?!

Então eu comecei a frequentar, estava adorando. Tinha 34 alunas que começaram na mesma época. Eu, a Hilda, a irmã dela, a Benedita, a Lurdes, a Honória somos exemplos de pessoas que são pioneiras no Ballet. Eu já estava no ballet há um ano e meio e minha filha ia ganhar neném e eu precisava viajar para ficar com ela. Aí eu falei com a Letícia, que era a professora. Ela disse que eu poderia ir. Eu fiquei com medo porque com 03 faltas a gente perdia a vaga e eu precisava ficar lá por 4 meses. Quando eu voltei, a professora estava despedindo. Eu fiquei muito chateada. Aí começou outra professora. Ficamos 1 ano e meio com essa professora, mas foi tempo perdido. Não avançamos nada no Ballet. Muita gente saiu, desmotivou. Eu fiquei firme, apesar de desanimada. Até que entrou o Cesar que está até hoje, que é outro departamento. Excelente professor. Aí melhorou de novo.

Então eu comecei a frequentar o SESC por isso. Comecei no Ballet, uma coisa puxou outra. Eu gosto muito de cantar, ingressei no coral. Por intermédio desse professor eu comecei a fazer

flauta no tempo que eu trazia as netas e ficava esperando. Então eu comprei a flauta e comecei. Estou tocando que você precisa ver, que gracinha. Nós fazemos muitas apresentações musicais do curso de flauta. Também faço curso de violão. Tem 5 anos que eu comecei a frequentar o SESC.

P: De onde surgiu o interesse de fazer atividades no SESC?

E: Eu comecei na tentativa de preencher meu tempo, porque eu não aguento ficar em casa vendo televisão ou dormindo. Só engordando. Deus me livre. A gente tem que fazer uma coisa útil para se sentir viva. Ver gente, conversar. É disso que eu gosto.

P: Qual a atividade que mais lhe marcou no período em que frequentou as aulas de informática do SESC?

E: Fiz o curso no ano de 2015. Foi um curso de muitas descobertas. Foi um mundo novo que se abriu para mim. Porque eu só sabia atender o celular. Esses celulares modernos para mim era o mesmo que um burro olhando para um palácio. Até hoje, as crianças têm mais facilidade do que a gente mais velha. Minhas netas que são pequenas que costumam me socorrer quando eu preciso fazer alguma coisa.

Eu não sabia nem ligar um computador. Aí eu aprendi a mandar mensagem, procurar uma imagem na internet. É muita coisa nova que a gente aprende.

No final do ano a gente fez um trabalho de dupla que precisava apresentar no Datashow, foi uma apresentação. Eu e meu colega fizemos o trabalho sobre esportes. Então foi uma experiência nova e positiva. Até hoje eu sigo o professor Hugo. Eu vi no Facebook que ele esteve, recentemente, nos Estados Unidos de férias eu mandava recadinho para ele. Eu chamo ele de "meu professor" e digo que ele abriu as portas do mundo virtual para mim. Foi muito marcante para mim.

P: Você acredita que o curso de informática do SESC teve significado para as suas relações de amizade?

E: Muito. Eu aumentei o número de amigos. Na época foram 26 novos amigos que eu adquiri. Eu não tinha e-mail, Facebook, WhatsApp.

P: O que você acha do Facebook?

E: Eu acho um meio de comunicação muito importante. Eu posto uma coisa aqui e minha filha lá em Londres vê na hora.

Eu sou do tempo que eu trabalhava no escritório e a minha empresa tinha filial no Rio de Janeiro e São Paulo. A primeira coisa que a gente tinha que fazer quando chegava no trabalho era pedir uma ligação para a telefonista para saber a cotação da bolsa. Tinha dia que a ligação não saía. Não tinha nem DDD. Era direto pela telefonista. A gente não conseguia falar no escritório. Agora hoje, você fica sabendo de tudo na hora e o mundo inteiro vê também.

P: Qual o maior avanço que essas redes sociais trouxeram para o mundo que vivemos hoje?

E: Bom. Tem um lado positivo e outro negativo. Tem gente que usa para o lado errado que dá muito prejuízo. Tem muito golpe, esses hackers, por isso lado é ruim. Mas para quem usa para lado positivo é um avanço para a sociedade.

P: Ao ter acesso à Internet, você acha que você amplia seu conhecimento?

E: Acho que traz muito conhecimento. Não é só para fofoca do WhatsApp não. Eu acho que o acesso à internet traz muito conhecimento.

P: Você tem muitos contatos/amigos do Facebook?

E: Tenho muitos amigos. A maioria é do meu convívio. Tem pessoas que pedem a amizade porque tem amigos em comum, então a gente aceita a amizade por isso. A grande maioria são amigos antigos ou familiares, amigos com "A" maiúsculo.

P: Você acha que a internet contribui para a gente ter mais amigos?

E: Sim. Eu acho que faz a gente angariar mais amigos.

CATEGORIA: VELHICE

P: Qual seu conceito de velhice?

E: Eu acho que velho é aquele que entrega os pontos. Meu marido é um velho. Nós temos diferença de 4 meses de idade, mas ele é um velho. Eu tenho 15 anos perto dele. Ele não gosta de nada. Essas modernidades...Ele não sabe de nada. Ele não sabe a senha da nossa conta no banco. Ele não interessa pelas coisas, porque eu costumei toda a vida a dar tudo mastigado para ele. Às vezes eu falo: "Bem precisa fazer isso". Ele diz: "Uai faz lá. Porque você está perguntando?" Ele não atende um telefone. Ele tinha um celular de tanto que os meninos insistiram para ele ter. Mas ele já perdeu dois. Então eu larguei mão de insistir com ele em relação a isso. Ele não tem interesse de progredir, de atualizar. Ele ficou no passado. Ele sempre foi acomodado. E depois que foi ficando mais velho ele foi ficando pior. Eu acho que ele pensa que por estar velho não precisa aprender ou buscar essas facilidades.

P: Como é seu contexto familiar?

E: Agora vivemos só eu e meu marido porque os filhos já casaram. Eu tenho duas filhas. Uma mora aqui e a outra mora em Londres.

P: No passado, como era a sua estrutura e o convívio familiar?

E: Para mim, família é a base de tudo. Eu saí de casa com 27 anos, casada. Eu tenho uma irmã solteira que mora na casa onde era dos meus pais, que já são falecidos. Eu só tenho essa irmã viva. A minha irmã caçula morreu há 23 anos. Eu sou a mais velha.

Acredito que a família hoje é a mesma coisa, o conceito permanece. A base de tudo é o respeito. Sempre respeitei muito meus pais.

P: Conte-me um fato que você guarda na memória até hoje. Algo que tenha sido noticiado pela televisão, jornal ou rádio que tenha presenciado.

E: Nossa, em 73 anos eu já vivi muita coisa. Bom, que me marcou muito foi quando nasceu meus netos. Para mim, foi a coisa mais marcante. A primeira neta, que tem dez anos foi uma coisa única na minha vida.

P: Foi diferente de quando nasceu os filhos?

E: Quando nasce um filho, você se sente realizado. A gente pensa: Agora eu tenho um filho, eu tenho que viver por isso, essa é a minha razão de viver. Mas quando nasce um neto, é tudo dobrado. É um entusiasmo. Tudo que minha neta pede eu faço.

P: O fato de você estar aposentada te dá a sensação de ser uma pessoa velha?

E: De jeito nenhum. Eu me sinto com 20 anos. A minha disposição para trabalhar, para fazer as coisas, para passear, viajar é enorme. Eu só me sinto velha quando eu quero fazer alguma coisa. Por exemplo: empregado não faz as coisas de casa direito, aí eu vou ajudar. Quando chega o fim do dia, eu me sinto moída. Aí eu me lembro que fiquei velha porque fico três dias doente. Mas para as coisas que eu gosto, eu me sinto capaz e disposta para fazer qualquer coisa.

P: A velhice trouxe mais coisas positivas ou negativas para a sua vida? O que ficou melhor ou pior?

E: Positivas. Eu só acho ruim essa fase porque a aposentadoria é pouco. Às vezes você quer fazer alguma coisa, mas precisa se conter financeiramente.

P: Você sente falta da rotina de quando trabalhava?

E: Ah sinto. Eu sinto muita falta da rotina de quando eu trabalhava. Era tão bom. É por isso que eu frequento o SESC. Eu sempre convivi com muita gente no trabalho. Sempre meus departamentos eram compostos por muitas pessoas. Tinha aquele convívio gostoso. Finais de semana a gente sempre se reunia. Hoje em dia todo mundo tem suas responsabilidades, seus afazeres e com isso acabava se afastando. Por isso eu passei a vir para o SESC.

P: Você acredita que, pelo fato de ter mais de 60 anos, as pessoas lhe tratam de maneira diferente? Sente-se valorizado ou desvalorizado?

E: De jeito nenhum. Não me sinto desvalorizada. Eu me sinto totalmente incluída no contexto. Não há nenhuma diferença. Eu viajo muito, inclusive, nas excursões do SESC. Eu sempre fui

muito bem tratada. A única diferença é que às vezes eu acho que eles protegem a gente demais, porque eu ainda me sinto capaz de cuidar de mim. Mas isso não me incomoda, pelo contrário, eu me sinto bem por saber que existe alguém preocupada com a gente.

P: Com o passar dos anos, você passou a depender de outras pessoas para resolver problemas que até então resolvia sozinha?

E: Não tem dependência. Não dependo de ninguém. Sou autônoma. Tomo as minhas decisões. Tenho o meu dinheiro e resolvo todas as minhas coisas.

P: Você acha que, hoje em dia, as pessoas idosas são respeitadas como eram antigamente?

E: Eu acho que hoje, as pessoas são mais respeitadas. Antigamente a mulher, principalmente, dependia demais do pai, depois do marido. Eu toda a vida fui independente. Graças a Deus eu me casei com um homem compreensivo, porque ele nunca me podou ou me proibiu de fazer algo. A gente sempre tomou as decisões em comum acordo, mas ele sempre respeitou a minha decisão.

Antes, qualquer coisinha a gente ficava ouvindo os outros tratar as pessoas mais velhas de forma pejorativa e desrespeitosa. Conforme o tempo vai passando, o povo vai ficando mais esclarecido. A vivência muda as pessoas. Hoje em dia, velhos convivem com jovens em ambientes iguais, de forma harmoniosa.

CATEGORIA: DILEMAS DE VIDA

P: Você acha que, hoje em dia, você consegue administrar melhor o seu tempo?

E: Com certeza. Eu faço tanta coisa que eu às vezes fico pensando como que eu dei conta. Além de todas essas atividades que eu faço, eu ainda bordo enxoval de neném. Agora, por exemplo, eu estou bordando um enxoval que a avó vai para Londres cuidar do neto. Ele me ligou essa semana avisando que vai viajar dia 11/10 e eu ainda tenho muita coisa para fazer. Eu estou apertada.

P: Como é sua rotina diária?

E: Eu levanto às 6h. Tomo meu café. Trato dos meus bichos, eu tenho um gato e um passarinho. Jogo água nas minhas plantas. Às quartas, eu vou às 8h para o SESC para o ensaio do coral e depois para a aula de flauta. Vou para a casa correndo na hora do almoço para preparar a refeição. Depois volto para o SESC às 13h. Minha rotina é assim. Bem corrido meu tempo. Na sexta-feira, é corrido também porque às 8h eu tenho que levar a minha neta para a aula de violino. Tenho que voltar correndo para preparar o almoço das netas que precisam estar na escola às 13h. Os outros dias eu fico por conta das netas. O enxoval eu bordo nos momentos em que estou em casa. Meu tempo é todo cronometrado. Eu sento na máquina e penso, eu tenho 40 minutos para fazer um desenho bordado à máquina. Então eu tento planejar o tempo direitinho para realizar tudo que me proponho a fazer.

P: Você acha que a aposentadoria chegou em boa hora?

E: Eu acredito que sim. É pouquinho mas é um dinheiro certo. Eu conto com minha aposentadoria. O que eu ganho por fora com meus bordados é só para complementar uma despesa extra como viagens que faço, presentes para o neto.

P: Qual seu passatempo preferido?

E: Bordar.

P: Frequentar o SESC também é um passatempo?

E: Não. O SESC é uma obrigação. Não vejo como passatempo. Apesar de vir aqui converso com amigos de assuntos diversos, nas atividades que a gente faz. Mas é um compromisso que levo muito a sério.

Por exemplo, no Ballet, ano passado éramos 40 pessoas. Nesse ano, somos 24. A gente se esforça para se destacar. Esse ano teve apresentação e só foram escolhidas, das 24 bailarinas da

terceira idade, apenas 4. Eu fui uma delas, fiquei me achando!

P: Por que você acha que muitas pessoas param de frequentar as atividades do SESC?

E: Eu acho que a maioria é porque não queria pagar. A maioria é "PCG", aí para pagar setenta reais por mês elas acharam pesado e não quiseram continuar. A maioria então, para em razão de questão financeira. Mas se quisesse poderiam pagar. É dó de gastar dinheiro mesmo.

P: Você se sente valorizada e reconhecida pela sociedade?

E: Com toda a certeza. Principalmente mulher, antigamente, eram só dona de casa. As mulheres da minha época não eram tão valorizadas. Eu penso que hoje em dia, somos muito mais respeitadas e reconhecidas pela sociedade.

P: Você acredita que, ao estar conectada a um computador, você tem a oportunidade de compartilhar seu conhecimento e experiência de vida com outras pessoas?

E: Compartilho muitas coisas. E recebo conhecimento dos outros também. Tem horas que eu me assusto com coisas que descubro na internet. Eu compartilho mais com quem é meu amigo de verdade. Aí eu costumo direcionar as coisas. Por exemplo, eu tenho uma comadre que só compartilha comigo coisas de política. Eu nem leio porque eu não gosto de política. Não é algo mecânico e indiscriminado. Eu tento selecionar as coisas pensando no gosto e na personalidade dos outros para agradar.

P: Você costuma compartilhar fatos de sua vida?

E: Na internet é mais difícil. Acho um pouco frio. Mas no dia-a-dia é muito comum. As pessoas com as quais você convive consegue perceber se há algo de errado com você. Na internet é mais difícil. Outro dia mesmo eu cheguei atrasada na aula de flauta. Então eu cheguei correndo e fui pegar as partituras. Como eu costumo ser muito barulhenta, uma colega chegou logo me perguntando porque eu estava chué, se estava acontecendo alguma coisa.

P: Você tem algum sonho?

E: Tenho. Se a gente parar de sonhar, a gente morre. Eu tenho muita vontade de conhecer o Egito. Não sei porque, mas acho que é pela história do país. Eu já fui 7 vezes para a Europa. Já viajei bastante. Mas eu ainda vou conseguir realizar meu sonho. Se Deus quiser. Na Europa, por exemplo, tem muita coisa bonita, muita cultura diferente. Você aprende muito. É muito diferente do Brasil. Mas o Brasil tem seus encantos. Viajar por turismo, no Brasil tem muitas opções. Eu fui a Europa tantas vezes por causa da minha filha, que vive lá.

P: O que você pensa do futuro?

E: Eu ando um pouco amedrontada com o Brasil. Eu vejo que a situação do Brasil não é das melhores. Não sei se nossos governantes vão ter pulso para mudar essa rota que o Brasil está tomando. Só Deus para iluminar esses políticos para mudar essa situação. O futuro é meio incerto. Eu tenho medo pelos filhos, pelas minhas netas. Eu queria ter confiança em um país melhor.

P: Você acha que essas novas tecnologias ajudam a melhorar a vida das pessoas?

E: Não é a tecnologia, mas sim o uso que as pessoas fazem dessa tecnologia que prejudica as pessoas. Eu tenho medo é de partir para o lado errado e a gente perder o controle. A tecnologia tem tudo para melhorar, inclusive a intenção deve ter sido essa. Outro dia eu li que Santos Dumont ao inventar o avião, não teve a intenção de transportar bombas. Mas o problema, então, é o uso que as pessoas fazem. Usam para o mal.

P: Qual a mensagem que você deixaria para os jovens que estão iniciando seu caminho?

E: Eu diria que essas pessoas precisam ter fé em Deus. Se você tem fé em Deus e um bom direcionamento familiar - porque a família é a base de tudo - você consegue chegar aonde você quiser. Eu espero que essa juventude saiba aproveitar as facilidades que tem hoje para o bem. E é a fé em Deus que vai fazer com que tudo se encaminhe para o lado do bem.

P: Lurdinete, obrigada pela entrevista. Quero agradecer por você ter compartilhado tantas coisas e tantas passagens da sua vida comigo.

E: Eu também fico muito feliz e espero que você possa tirar proveito das coisas que eu

compartilhei com o maior carinho com você.

ENTREVISTADA V - Maria Inez Otaviano Abreu

Data: 05/09/2018

Horário de início: 15 horas

Horário de encerramento: 16 horas

Idade: 64 anos

Escolaridade: Superior – Licenciatura em Pedagogia

Casada. Não tem filhos.

Fez o curso de informática no SESC nos anos de 2014 e 2015.

CATEGORIA: SOCIABILIDADE

P: Eu queria que você descrevesse sua trajetória profissional, que você falasse um pouco em que você trabalhou, por quanto tempo se dedicou a esse trabalho, se era uma atividade que te dava prazer, enfim, contar um pouco dessa questão da sua experiência profissional.

E: O meu nome é Maria Inez Otaviano de Abreu, sou uma pessoa muito feliz. Comecei a trabalhar aos 20 anos e 9 meses, na cidade de Patrocínio. Eu era operária. Trabalhava numa fábrica de tecelagem. Eu trabalhei nessa fábrica durante 5 anos e 9 meses. Aí depois eu me senti um pouco cansada e com o incentivo da minha mãe, ela falou: “Minha filha, muda de profissão. Você já terminou o segundo grau, vai dar aula”. Aí assim eu fiz. Fui na prefeitura, procurei vaga e consegui. Aí eu fui ser professora primária; fui durante dois anos. Aí me casei, vim pra Uberlândia. Aqui, fiquei sem trabalhar durante quatro anos, porque meu marido não deixava eu trabalhar. Falava que eu ia ganhar pouco, que chegava em casa eu estava cansada. Conversa de homem. Aí fiquei mal, muito mal, fiquei com depressão, mas aí ele foi vendo a minha tristeza aí ele abriu mão, deixou eu trabalhar de novo. Aí eu comecei numa creche. Nessa creche, eu fiquei trabalhando durante 25 anos.

P: Que ano que foi, você lembra?

E: Lembro, 1987 que eu entrei lá. Era uma ONG, era comunitária. A comunidade que ajudava, né? Aí depois quando chegou 1993, estava muito difícil, sem recurso. Aí meu marido falou assim: “Essa ONG não é sua, entrega para prefeitura para eles ajudar”. E assim eu fiz. Entreguei para prefeitura a ONG e depois fiz o concurso e passei. Aí a ONG teve uma trajetória, passou pra UDI (Unidade de Desenvolvimento Infantil), depois EMEI (Escola Municipal de Educação Infantil). Aí então eu fiquei no mesmo lugar durante 25 anos. Foi lindo, maravilhoso, meu trabalho!

Em 2013 eu aposentei. Não queria aposentar não, porque eu já estava com 59 anos, aí eu ficava com medo de não arrumar outro serviço. Aí, com o incentivo das amigas que falavam assim “pode sair que você consegue outro trabalho”, eu pedi minha aposentadoria. E assim foi, eu aposentei e fui dar aula no Estado. Lá eu dei aula durante 1 ano, depois a gente ia pra designação para conseguir aula, era quase um processo seletivo, tinha critérios. Foi ficando cada vez mais difícil. Tinha vez que eu ia para três designações e não pegava nada. Aí eu fui e entrei no transporte escolar, hoje estou lá já há quatro anos e meio. Trabalho de carteira assinada, sou muito feliz com o meu trabalho.

P: E como é que era o seu trabalho? Qual era a sua atividade, sua função?

E: Em relação a que você quer saber? Primeiro trabalho?

P: Sim.

E: Na tecelagem eu era fiandeira, aí enfiava o fio num botãozinho do tamanho do fundo de agulha. Aí, era bastante interessante, a gente via o casulo, aí via o cozinamento, via fazer o fio, para chegar no pano, no tecido. Foi maravilhoso meu trabalho.

P: E como era seu relacionamento com os outros funcionários? Tinha muita gente trabalhando?

E: A gente era pré-adolescente, porque lá tinha gente até 25 anos. Tinha menina de 13 anos até 25 anos. Mais de 25 anos considerava velha para eles, não pegava não, porque tinha que trabalhar em pé, eles ficavam com medo da nossa resistência. Então eu estava com 20 anos e 9 meses. Eu não me considerava velha, mas eu, hoje comparando, eu era jovem também, né? Foi muito interessante, mas era puxado. Era muito puxado.

Porque nessa época eu sempre gostei de estudar, então eu tinha feito colegial, aí eu fui trabalhar de fiandeira, depois eu fui fazer antigo comércio. Não sei se você lembra, era o antigo comércio, depois fui fazer o magistério, então eu sempre estudei. Então, trabalhar e estudar era difícil.

Era muito cansativo. Aí depois quando eu terminei o magistério, minha mãe sugeriu que eu fosse dar aula.

Então eu me encontrei. Como professora era uma coisa que eu gostava. Na tecelagem também eu gostava, mas era mais difícil, trabalhava em pé, trabalhava durante oito horas. A gente tinha que levar marmita, era um trabalho diferente, trabalho de operária, né? Agora, como professora, você tinha suas regalias, você tinha módulo, é diferente.

E: Então você se sentiu mais realizada quando foi trabalhar na escola?

P: Sim. Pelo convívio social, porque na escola eu fiz muita amizade. A gente era uma família com os pais deles. Na tecelagem não, na tecelagem eu só via o chefe, você não podia conversar com ninguém, você levava gancho, então era diferente. Na escola eu conheci outro mundo, um mundo delicado, um mundo bom. Agora na tecelagem você ficava agressiva porque se você olhasse para uma colega o chefe já implicava com você, então a gente ficava rebelde. Eu era um pouco rebelde.

P: E na escola, era diferente. Aí você se abriu para as amigas?

E: Abriu amigas. Você aprende a conviver melhor com os alunos, com as famílias, você vê gente de tudo quanto é tipo. Então, você é obrigada a mudar os seus hábitos. E pelo próprio convívio com as crianças isso já vai amolecendo o coração...

E: É... porque depois eu fiz vários cursos, então você tem que ser uma pessoa fina. Você não pode ser uma pessoa grossa no convívio com as pessoas, não pode ser uma pessoa grossa. Você tem que mudar suas atitudes.

P: Você acha que, na tecelagem, a postura do pessoal que coordenava era errada?

E: É... viam a gente como se fôssemos uma máquina porque só queria ver a produção. Você fazia tudo para dar certo, você não recebia um elogio. Então isso mexia com os seus nervos porque se você arrebentasse o cordão você tinha que emendar tudo. Então era muito difícil. Eu fiquei lá por 5 anos e 9 meses. Saí de lá por causa do stress.

P: Continuando essa questão do convívio, das amigas, como é que, qual o seu conceito de amizade?

E: Amizade para mim é fundamental na vida. Hoje eu não consigo viver sem as minhas amigas, porque amizade ajuda, amizade, para mim, só faz levantar a minha autoestima. Então, se você está triste... igual, eu não sou de Uberlândia. Se eu, hoje eu estou triste, eu falo para uma amiga, a outra amiga fala para outra, aí num instantinho eu estou naquele aconchego gostoso. Porque eu vim de uma cidade onde todo mundo se conhece, uma cidade pequena, muita aconchegante. E cheguei aqui e senti falta daquele aconchego, sabe? Então, amizade para mim é muito importante!

P: E o seu entendimento de amizade, hoje em dia, mudou depois que você mudou para Uberlândia que é uma cidade maior do que Patrocínio ou continua o mesmo da época da adolescência?

E: Hoje, as pessoas andam muito sem tempo, então caiu um pouco. Porque, igual, antes a gente ligava muito uma para a outra, ia nas casas, hoje a gente não tem esse convívio... É uma pressa. Então, caiu muito, muito, muito, mas ainda continuo e tenho fé nas amigas.

P: Antes de você começar a trabalhar, você tinha convívio com pessoas na época de escola, da

adolescência e fase adulta... Então, existe alguma lembrança marcante na fase quando você estudava na adolescência, na fase adulta? Você ainda tem amigos dessa época?

E: Teenho, tenho, tenho muitas amigas e a gente se encontra até hoje. Eu tenho amiga de infância, amiga lá de quando eu tinha 10 anos. Aí a gente ainda mantém o contato até hoje, então, é maravilhoso, sabe, mas nessa proporção igual eu te falei... essa correria. A rotina apressada das nossas vidas fez com que esses encontros diminuíssem, mas, ainda, a gente ainda tem contato. Mas, infelizmente, não dá para tomar um café sem pressa, demorar, porque hoje é tudo hora marcada.

P: Como você costuma se relacionar e manter contato com essas pessoas?

E: É... algumas estão aqui em Uberlândia, outras é por meio de *Facebook*, por meio de *WhatsApp*. As de Uberlândia a gente encontra, mas não é igual antigamente por causa da correria, né? Mas eu fico muito feliz quando me encontro com elas.

P: Você conversa pelo *WhatsApp* ou *Facebook* com elas?

E: Conversamos, conversamos muito.

P: Você ainda costuma ir com frequência a Patrocínio?

E: Vou, vou... não, não vou muito agora não devido ao meu marido. Ele não gosta muito de viajar, então agora de dois em dois meses, mas antes eu ia muito, muito mesmo. E sempre era aquela alegria, aquela amizade, mas agora maneirou um pouco.

P: Por que suas visitas diminuíram?

E: É a circunstância, porque hoje meu marido é cardíaco, ele não tem aquela disposição. Antes a gente ia para a casa de minha mãe em Patrocínio. A gente ia para almoçar. Hoje a gente não faz isso mais. Então a gente vai para ficar o dia todo, para aproveitar bastante. Mas antes a gente viajava nesse sábado e ia no outro sábado também. Era diferente, era bem mais fácil a convivência. Mas estamos tentando manter.

P: Vamos voltar um pouco a sua experiência no SESC. Você fez o curso de informática no SESC, informática básica para idosos? Quando você ingressou nesse curso qual era seu objetivo?

E: Olha, eu cheguei no SESC procurando me aperfeiçoar, porque eu adoro rede social. Então, como lá tinha o curso para a terceira idade, eu abracei, assim, numa proporção imensa. Então o professor muito legal, a turma muito legal, eu entrei e lá eu *fiz* três vezes o curso. Cada vez que eu fui aprendi coisa diferente. Então foi muito importante para mim ter feito o curso de informática da terceira idade.

P: Tem alguma atividade desse curso que te marcou? Alguma lembrança mais viva, de alguma atividade que você desenvolveu nesse período? Algum aprendizado que você teve e considera que foi importante para sua vida?

E: No SESC?

P: É.

E: Lá cada dia lá era uma etapa nova, então, assim, o importante é quando a gente fazia aquelas brincadeiras que eu não sei te falar o nome, que, que foi assim, projeção de slide. Eu não sei definir direito como que era, como que eu te falo, mas você é mais experiente nessas coisas do que eu, você vai me entender. Então o professor dava aula, cada dia era um tema. Ele falava que a gente ia brincar, ia fazer uma projeção. Então ele pedia, dava o trabalho para gente, passava a matéria lá. Então através desse conhecimento a gente ia montando nosso trabalho. Então, cada dia a gente fazia cinco slides, um por um você colocava na projeção e todo mundo via.

P: Você desenvolvia os temas, cada um escolhia os temas ou eles eram previamente definidos?

E: Não, a gente desenvolvia os temas, mas para poder fazer, para ficar bonito assim. É... nessas coisas assim para ficar bonito, que eu não sei falar, eu não estou preparada para falar para você o que eu trabalhei lá, eu não sei te explicar.

P: Eu entendi. Você fazia as projeções lá para todo mundo na tela, é isso?

E: sim. Na tela, para ficar bonito. Então, quando ele elogiava, nossa, era um imenso prazer, porque eu cheguei lá não sabia nada disso. E das três vezes que eu passei lá eu fiz trabalho diferente, muito bonito, então eu ficava encantada.

P: Como você escolhia esses temas? O professor que te dava ou era você que escolhia?

E: Não, a gente que escolhia, a gente era livre para escolher.

P: Você se lembra de algum tema que você escolheu?

E: Era sempre era dentro da Educação, sabe? Dentro do meu trabalho da EMEI. Da minha experiência de vida, aí eu montava, montava o trabalho com a sequência. Era muito bonito.

P: Foi o seu primeiro contato com o computador ou você já tinha alguma noção?

E: Eu tinha noção de casa. Então lá foi melhor para mim porque eu aprendi direito a mexer.

P: E como eram as outras pessoas que faziam com você o curso? Todo mundo se envolvia?

E: Envolvia. Tinha gente que sabia mais, outras sabiam menos, outras no mesmo nível, mas lá ninguém menosprezava ninguém, então era muito legal.

P: E você acha que esse curso melhorou as suas relações de amizade? Você acha que a partir desses cursos você conseguiu se aproximar mais das pessoas?

E: Da rede social, né, porque eu não sabia mexer direito, então lá eu criei lá um vínculo e a gente dava força uma para outra e então através da rede social fui aumentando as minhas amizades.

P: Então, hoje seus amigos são da rede social ou são amigos da sua vida, da época em que você era adolescente até os seus contatos atuais ou é separado?

E: É assim... eu tenho amigas que eu fiz no Facebook, tenho as minhas amigas antigas e tenho amigas que eu fiz em Uberlândia, do meu trabalho. Então são, são três modos diferentes.

P: E como é que você conhece essas pessoas que não estão próximas fisicamente de você?

E: Através do diálogo, todo os dias conversamos. Aí no Messenger a gente conversa e, comisso, aprendemos a ter uma aproximação muito legal. E dois, duas pessoas já vieram me visitar do Facebook.

P: Pessoas de fora, de longe?

E: É... Um da Bahia, é... Jair Lisboa, que é um escritor. E a outra é amiga dele, é a Osana. Aí então, ele veio assim na expectativa de conhecer uma amiga muito doente com câncer, então, já veio e me conheceu também. Aí ele se hospedou na minha casa e a amiga se hospedou na casa da amiga dela que estava doente. Depois eu os levei para Patrocínio para conhecer a minha mãe. Então foi muito legal, sabe?

P: E como é que você encontrou com ele?

E: É... uma amiga apresentou, porque ele vendia livros. Ele é escritor... então, para me vender o livro, aí ela foi me mostrando o conhecimento dele... foi muito legal.

P: Então você acha que o Facebook, o WhatsApp contribui para estreitar vínculos de amizade hoje em dia?

E: O Facebook é uma terra sem lei. A gente está jogando no escuro, mas graças a Deus hoje eu já estou lá tem uns seis anos. Nunca fui prejudicada. Ninguém nunca fez maldade comigo...por isso eu continuo investindo.

P: Então você tem pessoas no seu Facebook que mantém contato apenas pelo computador. Você considera essas pessoas como amigos?

E: Sim. Como amigos. É... aí põe lá "Oi, amiga! ". Parecendo que já se conhece há muito tempo, mas a gente nem sabe quem que é.

P: Mas você troca, assim, experiências da sua vida ou você só, só compartilha imagens, manda foto...

E: Não, foto... se eu estou triste eu conto, se eu estou alegre eu conto, conto tudo. Facebook é meu amigo do coração.

P: E as pessoas também dão ouvido ao que você fala, elas dão força aos seus comentários?

E: Elas dão sim. Dão ouvido, dão força, dão palpite. Uns xingam, outros dão conselhos, e aí a

gente vai levando assim.

P: Você acha que é uma relação de amizade normal?

E: É diferente, é diferente, porque você tem certas regras, né? Você não pode por tudo que o tem vontade de falar ou escrever... tem hora que você tem uma vontade de xingar a pessoa, mas você tem que ter educação. Agora, assim, cara a cara é melhor que aí você fala o que quer, aí você pode se redimir, falar “não foi isso que eu quis falar”. Agora lá não, lá [na internet] tem que pensar bem no que você vai falar porque depois você pode magoar a pessoa sem você querer. Lá a gente não pode ser assim também com coração aberto. Tem seus prós e os seus contras.

P: O seu receio com as coisas que diz nesse contato virtual, pelo computador, seria mais para magoar as pessoas por não as conhecer pessoalmente ou você tem medo de, de repente, perder o contato com elas?

E: É...perder o contato da pessoa, a pessoa interpretar mal aquilo que eu queria falar.

Digitando é diferente quando você fala... Porque, igual, uma mulher falou bom dia para mim e, e... eu entendi ela falando assim: “Jesus tia má”. Eu entendi, eu li assim... aí questionei com ela, porque que ela falou para mim que eu era “tia má” sendo que eu só pratico o bem. Ela falou para mim: “Eu escrevi bom dia Jesus te ama”. Então foi uma interpretação errada. Eu não gostei dela me chamar de tia má e ela também não gostou por eu tê-la interpretado mal, porque ela falou que jamais ela me chamou de má.

P: Você achou que ela estava dizendo que você é “tia má”?

E: Eu entendi assim, fui lá e deletei também. Deletei a mensagem dela e falei pra ela que queria uma explicação porque ela me chamou de tia má. Ela falou assim que é, ela falou é, é... Jesus te ama. E deve que, que dela digitar, digitou errado, né. Então é complicado.

P: Então o computador pode dar essa falha, essa dificuldade, porque quando você está escrevendo nem sempre você está falando, é, é... às vezes pode não ficar claro.

E: É... Pode não ficar claro, então é igual, ela, eu senti magoada... ela não quis me magoar, mas eu senti magoada, então eu não quero magoar meus amigos certas horas. Porque tem hora que eu não estou dando aquela resposta, a gente está só conversando, mas agora tem hora que eu tenho vontade de dar uma boa duma resposta. Mas, assim, eu dou, mas, é... merecia outra, sabe, outra mais forte.

P: Você acha que essa distância física entre as pessoas que estão conversando pelo computador atrapalha a comunicação?

E: Prejudica bastante a comunicação, mas, infelizmente, hoje é melhor ir através do computador do que ficar esperando, igual, a minha sobrinha, ela mora em Campinas, eu conheço os filhos dela mais pelo computador, pelo Facebook, porque eu vejo o crescimento deles, já que só me encontro com eles uma vez no ano.

P: Você acompanha o crescimento deles pelo Facebook?

E: Pelo Facebook. É pelo Facebook porque eu encontro com eles só em dezembro, depois nunca mais. Então lá (Facebook) eu participo dos aniversários deles, da rotina deles indo para a aula, das festinhas que eles fazem, tudo que vai para o Facebook.

P: Você acompanha distante fisicamente, mas está percebendo melhor. Você acha que se não tivesse acesso ao computador você saberia da vida deles?

E: Nossa, não saberia de nadinha. Então, para mim, a rede social é maravilhosa! Apesar dessas coisas, assim, algum probleminha que pode ter por conta dessas coisas que eu já te falei, mas eu confio cegamente na rede social.

CATEGORIA: VELHICE

P: Maria Inez, eu queria que você falasse um pouco sobre o contexto familiar, nós falamos um pouco do lado profissional, agora vamos falar sobre o convívio familiar. Como era o convívio

familiar na sua casa, com quem você vivia?

E: Na casa da minha mãe. Eu vivi com ela durante 28 anos. Com a minha mãe, com as minhas tias, então lá, quando eu era nova, eu sentia eles bem velhos. Minhas tias eram velhas, meus tios velhos, e assim a gente cresceu, nessa proporção de que eu sentia que eles eram pessoas muito velhas.

P: Por que?

E: Aí... eu sentia. Para mim 30 anos era velho, sabe? Naquela época.

P: Você consegue me contar um exemplo, uma característica do que era ser velho naquela época para você? Seus tios faziam alguma coisa para você considerá-los velhos?

E: Não, mas, assim, o rosto. A fisionomia, tudo para mim era velho. Igual, eu casei com 28 anos, para mim eu era velha. Falava assim: “Ai, todo mundo vai lá na igreja ver a velha casar”. Desse tipo. Aí, quando eu me casei, eu passei a ter outra visão da velhice. O dia que eu fiz 32 anos, falei para a minha mãe: “mãe eu fiz 32 anos. Eu estou velha”. Ela falou assim “não, minha filha, você não é velha”. Aí eu fui enxergando assim, eu falei assim, mas então e a hora que eu tiver 40, hora que eu tiver 50, aí eu fui vendo aquilo lá, fui me considerando a cada ano que eu fazia eu me considerava mais nova, mais nova, aí já fui enxergando a velhice de outro tipo. Hoje, eu estou com 64 anos, eu não me considero velha, mas para trás, 64 anos era bem velho para mim. Então, é complicado eu te explicar isso, como que era.

Na casa da minha mãe, eu fui a filha que viveu mais tempo com ela, porque eu casei beata, né? Porque a minha irmã casou mais nova do que eu.

P: Você foi a última a se casar?

E: Eu fui... das mulheres sim. Mas com 28 anos, eu esperava casar desde os meus 16 anos, então casar com 28 anos foi uma decepção para mim, porque demorou muito.

P: Quantos irmãos você tem?

E: Minha irmã teve 6 filhos. Hoje, somos 4. E lá na minha mãe a gente vivia muito feliz. Minha mãe fazia o lar ficar bom. Ela nunca deixou a peteca cair, sabe? De modo que quando eu casei, eu quase enlouqueci pela falta da minha mãe, dos meus sobrinhos. Aí falava: “mãe, vem!” Ainda não trabalhava, ela vinha e me dava o maior apoio. E assim eu fui vivendo.

P: Sua mãe trabalhava com o que?

E: A minha mãe só trabalhava em casa. Meu pai trabalhava era funcionário público.

P: Você conviveu com seu pai e com a sua mãe?

E: Com os dois. Meu pai tinha um luxo por mim, meu pai dava tudo que eu queria, claro, dentro do que ele podia. Porque, por exemplo, quando pequena eu não aceitava leite materno, eu queria beber leite de vaca, leite com farinha. E a gente morava em acampamento, porque meu pai trabalhava na CEMIG em construção de estrada, então tinha época que eu morava na cidade e tinha época que morava em acampamento. Acampamento tinha de comprar leite em pó para levar para o acampamento, mas eu não aceitava o leite em pó. Então, disse minha mãe, que eu agoei, fiquei muito doente e que meu pai fez um juramento de não deixar nunca me faltar nada. Então, primeiro eu quando cresci, primeiro eu bebi o leite, mas bebi até! Depois o que sobrava, meus irmãos bebiam. A carne, a mesma coisa. Eu comia até! (Mas até!). Depois que meus irmãos iam comer. Eu era gulosa, mas tinha de ser. A Maria Inez era privilegiada, sabe? Cresci nessa proporção. Aí depois, quando eu fui me casar, minha mãe falou para o meu marido: “não deixa faltar nada para ela, porque o pai dela fez essa promessa, de não faltar nada para ela”. Aí que eu fui entender porque que eles me tratavam diferente, por causa que quando bebezinha eu agoei por conta de leite e fiquei muito doente, então eles não deixavam eu passar falta de nada mesmo. Deve ser medo de adoecer de novo, né? Que ensinou eu ficar gulosa!

P: Então o convívio familiar sempre foi bom?

E: Bem legal, maravilhoso e é até hoje. Eles falam que eu sou a alegria da casa.

P: É? Legal. Você lembra de alguma coisa do passado que você guarda na memória, alguma notícia, algum fato que você leu, ficou sabendo pelos vizinhos ou que você presenciou e que

tenha te marcado na memória?

E: São muitos. São muitos fatos que guardo até hoje. Mas um que eu morri de medo, mas eu tinha um medo terrível. Lá pelos meus 13, 14 anos, eu morava em Patrocínio, aí o noticiário falava, “Antônio Sabino está chegando, passou por tal lugar”. E a gente falava: “mãe ele está chegando aqui”... e a gente morria de medo, fechava as portas porque as notícias diziam que ele chegava e matava mesmo. Até que eles pegaram esse Antônio Sabino, que o rádio anunciava. Nessa época não tinha televisão, então a gente ficava ouvindo as notícias pelo rádio. O rádio gritava lá que o Antônio Sabino estava matando na cidade de Capinópolis e estava vindo, estava vindo. Você pode perguntar para sua mãe, que sua mãe lembra dessa história.

P: Ele era um matador?

E: Ele era matador, matador mesmo. Então tinha as histórias boas e tinham as histórias ruins. A que eu mais gravei foi essa do Antônio Sabino, que eu conto para todo mundo. Mas ele foi preso antes de chegar em Patrocínio. Graças a Deus.

P: Inês, eu queria que você falasse para mim, o seu conceito de velhice. Hoje, você é aposentada, apesar de você trabalhar, ser ativa, economicamente falando, mas o fato de você ter se aposentado te faz sentir uma pessoa velha?

E: Olha, eu vou na frente e volto atrás porque a minha aposentadoria eu que quis. Então eu fico pensando assim: “meu Deus, daqui alguns dias eu já terei 70 anos. Eu vou dar conta de fazer o que eu faço hoje?” Porque o meu serviço requer agilidade, tem que ser rápida. E se eu ficar igual a alguns velhos, que custam tirar o pé do chão? Então é complicado. Para mim, não está sendo, não está me prejudicando a velhice, mas eu vou te contar uma história, meu marido é um ano mais novo do que eu, está com 63 anos. Para ele a velhice chegou sem fim. Então, ele já não faz as coisas que ele fazia no ano passado, não sei porque. Aí eu penso: “Será que é idade? Será que é velhice? O que será que está acontecendo? Então, para mim, não está me prejudicando não, mas para o meu marido está, então a gente vai na frente e volta atrás. (risos) Velhice prejudica.

P: Mas que seu marido se sente assim pela idade? É... para ele é a cabeça, porque não tem como, eu faço cada coisa que a maioria das pessoas não dão conta de fazer. Eu dou conta de andar muito, ele já não dá conta de andar. Então, deve ser a idade que chegou para ele. Chegou, sem ele sentir. Agora eu não deixo a idade tomar conta de mim, eu tenho que andar, eu tenho que ser forte.

E: Mas você luta contra o cansaço ou está sempre disposta?

P: Igual de manhã, eu saio atrasada, todo dia eu corro vinte minutos, aí eu canso um pouco, eu falo assim “Maria Inez”, eu converso comigo assim “Maria Inez, vamos! Você não pode deixar se abater”. Então a gente tem que ser persistente porque senão, porque aí grungunha, né?

P: E essa velhice trouxe mais coisa positiva ou mais negativa? Sem considerar as limitações físicas e o cansaço?

E: Vou te falar, tem os prós e tem os contras. Porque eu ando de ônibus de graça. E para o meu social foi maravilhoso. Porque o povo me dá lugar, eu não enfrento fila de banco, eu ando no ônibus, no coletivo de graça, então é maravilhoso. Agora, quando você está em um grupo de jovens, você está escutando a conversa e então vai participar, eles falam assim “Não, você já está velha, você não sabe”. Então isso dói, então tem os prós e tem os contras.

P: Contras seria mais o preconceito?

E: É preconceito, o preconceito das pessoas.

P: Discriminação por estar fora da faixa etária deles?

E: (risos) Aí os meninos do ônibus perguntam: “Tia, você dança funk?”, eu falei “Eu danço, eu danço”, aí eles: “kakakaka”. Eles duvidam. (risos)

P: Mas você consegue conversar, levar uma conversa normal com eles?

E: É... Dentro do que eu sei, eu tenho uma conversa normal, porque hoje tem que pesquisar, né? Eu comecei a fazer curso de games, porque um dia eu ouvi eles falarem sobre game então,

eu perguntei a um menino: “o que que é games?” Aí ela teve que me explicar. Aí eu falei: “eu quero fazer esse curso para ficar atualizada com os jovens”, né?

P: Você está fazendo ou pretende fazer?

E: Eu comecei a fazer, mas depois não tinha computador suficiente. Tinha mais gente que computador, aí eu parei. Agora ontem eu fiquei sabendo que ia começar novamente o curso no SEBRAC. Então eu falei “não, amanhã eu tenho compromisso, agora vou deixar para o próximo”. Eu vou fazer para aprender, ficar atualizada.

E: Eu tenho 64 anos. Não aceito os outros me chamar de velha. Mas eu chamo os outros de velho. Para mim eu não me aceito velha, agora, para as outras pessoas, eu falo: nossa! Mas vai ser velha! Se me chamar de velho, chamou para briga. Não aceito. Mas eu, mas eu gosto de chamar as pessoas de velha. (risos)

P: E idoso?

E: Também não aceito, não aceito.

P: Você está na terceira idade ou na melhor idade?

P: Eu estou na terceira idade. (risos)

Estou na terceira idade. Pensando, fisicamente, assim, a gente, está com rugas. Não gosto muito. Mas a gente pula essa fase.

P: Essa parte você não dá muita importância, não?

E: Não dou muita importância não, mas que dói, dói.

P: Dói por que?

E: Uai, porque as minhas limitações, um dia não vou dar conta de fazer... tenho medo. E... é muito complicado, eu não queria, assim, envelhecer. Porque, igual, eu não tenho filho, eu que arrumo minha casa, eu que faço a minha comida, e se eu ficar uma velha cansada, como que vai ser? Então é complicado isso aí. Eu tenho medo do futuro.

CATEGORIA: DILEMAS DE VIDA

P: Você é dependente de outras pessoas para fazer atividades rotineiras?

E: Eu faço tudo sozinha porque eu tenho exemplo em casa. A minha mãe tem 92 anos. Ela que lava a roupa, ela que passa a roupa. Então eu falo: “Se a minha mãe faz, porque eu não posso fazer?” Aí eu faço. Eu faço porque vi o exemplo em casa. Porque a minha mãe não deixa a velhice bater nela. Ela já é bem idosa, 92 anos, mas não se entrega. Ela quer trabalhar como se ela fosse uma mocinha. Aí então eu tenho o exemplo em casa, aí eu quero ser o espelho.

P: A gente pode dizer que o caso da sua mãe é o oposto do seu marido? Porque a cabeça dela que não a deixa envelhecer?

E: eu acredito que sim. Minha mãe está bem, ela está ótima. Ela se movimenta o dia inteirinho. Então, quando vou para a casa dela, eu me sinto cansada, porque lá você tem que trabalhar, mas você trabalha, trabalha, trabalha, que lá tem muito serviço. E ela trabalha, trabalha como se fosse uma adolescente. Então, aí eu quero ir no ritmo dela.

P: Você começou a entrevista falando que achava que pessoas com 20, 30 anos a mais do que você, eram pessoas velhas. Nesse contexto, você acha que, hoje em dia, quem é idoso, sofre algum tipo de preconceito que antigamente ele não sofria?

E: Naquela época eu achava e eu continuo achando que hoje o idoso sofre preconceito, sim. Tem muito preconceito.

P: Você acha que as pessoas respeitam os velhos ou os idosos?

E: Respeita não, porque eu não respeito muito. (risos) Começa por mim. Porque se um idoso se aproxima no ônibus e eu estou sentada, eu falo: Eu não vou levantar para dar lugar para esse *véio* de jeito nenhum!

P: Você faz isso?

E: Faço!

P: Mas mesmo se ele estiver, visualmente, mais abatido, mais cansado?

E: Ah sim, se eu ver que está doente, tudo bem. Mas se não, eu continuo dentada.

P: Você acha que alguns se aproveitam da condição de velho sem necessidade?

E: Aproveitam sim. Porque, igual ontem, eu escutei uma mulher com 72 anos se fazendo de vítima dentro do coletivo. E aí o povo naquele dó dela, pensei assim: Ô, está se aproveitando da idade! Aí então eu irritado, quando eu vejo gente querendo se fazer de coitado. Não pode!

P: E quando você se depara com pessoas mais jovens, adolescentes ou adultos no ônibus?

E: Tem muito adolescente educado.

P: Você se sente respeitada por essas pessoas, ou elas te tratam mal?

E: Mal, mal não trata não, mas tem idoso, tem jovem que, por exemplo, chega no ônibus eles não levantam para mim. Eles estão no lugar amarelo, exclusivo para preferencial. Aí, como eu sou atrevida, eu falo “esse lugar aí é meu”. Então a pessoa levanta na hora. (risos)

P: Você acha que o respeito vem mais pela sua postura ou é uma coisa de educação?

E: É... meio a meio. Tem uns que são muito educados, outros se fazem de morto. Então é complicado, sabe? Mas o mundo de hoje está igual o mundo de antigamente.

P: No seu trabalho, dentro do transporte de alunos, eles te respeitam?

E: Eles me chamam de velha e eu zango com eles. (risos)

P: É aí?

E: Aí depois eles voltam, param de falar. Porque quando eu cheguei eles me chamavam de vovó. Eu falava assim: “nem filho eu tive”. Aí eles hoje não me tratam igual a 4 anos atrás, mas há 4 anos chamavam de vovó, me olhavam torto. Hoje não, hoje eles já me conhecem, viram que eu sou uma pessoa dinâmica. Melhorou muito o convívio. Mas o velho, para o jovem, é velho, cansado, é inútil, não serve para nada. Então é complicado, viu?

P: Hoje em dia, você acha que administra melhor o seu tempo em relação a sua rotina diária comparada ao que fazia antes?

E: Olha, eu mudei a minha vida. Eu tinha tempo pra passear, eu tinha tempo pra viajar, agora, depois que eu aposentei, eu vejo a vida de outro tipo, então quero abraçar o mundo, eu quero fazer cursos, então eu preencho meus dias com cursos. E atividade física.

De manhã eu faço Pilates, eu faço acupuntura. À tarde, eu fico um pouco na minha casa, mas também faço curso na Casa da Cultura. E também faço trabalho voluntário. Hoje, o meu tempo é mais distribuído, assim eu sinto que faço mais coisas para as pessoas. E antigamente eu fazia mais para mim, sabe?

P: Você trabalha no transporte que horário?

E: Meu trabalho no transporte é assim: de manhã, na hora do almoço e a tarde são os horários de entregar menino e o horário de pegar. E eu tenho quatro horas livre. Das sete até as dez e meia, sou livre. E à tarde, das treze até as dezesseis horas, sou livre, porque eu paro de trabalhar seis e pouco. E tem, é..., seis e meia. Inda faço curso também.

Eu estou fazendo à noite o curso do SEBRAE de Cuidador. Dentro do curso tem bastante oficinas. Eu faço as oficinas. Então, hoje, estou vivendo diferente, sabe? É... eu quero conhecimento, para agregar o passado que eu não fiz. Porque eu sempre gostei de fazer curso.

P: Essa sua vontade de fazer cursos seria para suprir uma carência por alguma uma coisa que você não teve oportunidade de fazer no passado?

E: No passado eu tinha que me dedicar ao trabalho. Porque eu era muito dedicada. Eu era obrigada a trabalhar seis horas e eu trabalhava dez. Eu não tinha pressa para ir embora, sabe?

P: E essas atividades agregam conhecimento para você ou você faz por que você tem necessidade de estar convivendo com outras pessoas?

E: Não... agrega sim. Igual eu estou fazendo o curso de Cuidador serve para eu trabalhar com as minhas crianças e com o velho. Igual, cuidar do meu marido, porque cada dia ele está aparecendo alguma deficiência lá que eu não entendo, então é bom para eu poder ter um convívio melhor com ele. Então você tem que ir à luta, né, para aprender!

P: Esse curso de game que você falou no início da entrevista que teve interesse de fazer te ajudaria a se aproximar dos seus alunos do transporte?

E: sim. Eu acredito eu assim eu posso trocar mensagens com eles. Fazer parte do mundo deles. Se está no celular eu posso participar, porque eu ainda apanho, né?

P: Você acha que a sua aposentadoria chegou numa hora boa? Agora estando oficialmente aposentada, você acha que pode aproveitar melhor o seu tempo?

E: Chegou em um momento ótimo. Foi quando eu pude conhecer o outro lado do Funcionário Público, o lado do Estado. Então eu fiz, conheci várias escolas, porque eu só conhecia do município, onde me aposentei. E pude e estou podendo fazer meus cursos. Igual, se eu não tivesse aposentado, eu não conheceria o outro lado do transporte escolar. Porque, para mim, transporte escolar era coisa de outro mundo, era só menino sem educação. Mas não, lá tem meninos maravilhosos, tem gente de família mesmo, sabe, é muito legal.

P: Muitas pessoas falam que quando está perto de se aposentar, bate aquela depressão. E depois de aposentado a pessoa perde um pouco o foco, fica inativo, não tem aquele compromisso de trabalhar, de levantar cedo para trabalhar. Você teve esse período ou você se aposentou e logo já foi se envolvendo em outras atividades?

E: Olha, as minhas colegas ficaram com medo de eu ter depressão, então elas abriram a porta da escola para mim. E eu não me afastei de lá, eu estou no meio delas, então deve ser por isso que eu não senti isso, porque lá eu sou voluntária na quarta e na sexta-feira que eu vou de manhã e à tarde e é um lugar aberto pra mim. Posso ir a hora que eu quiser, só que eu vou para outros lugares também. Então, sempre eu participo do grupo delas lá. Deve ser por isso que eu não senti nada de ruim na época da aposentadoria. Então não sei te falar direito. Mas eu não senti devido elas terem aberto tudo pra mim, não houve uma porta que tenha se fechado.

P: E esse incentivo foi importante para você procurar outras coisas também?

E: É, incentivo delas também. Que elas falavam para mim que eu ia arrumar serviço e eu arrumei. Então sou muito agradecida. É um lugar que eu não consigo me desapegar, é a escola em que trabalhei por 25 anos.

P: Qual é o nome dessa escola?

E: EMEI São Francisco de Assis. Já saí de lá tem 5 anos e não desapego de lá.

P: Mas o fato de você conhecer outras coisas e conviver com outras pessoas também está no mesmo nível de importância para a sua vida?

E: Sim. Para a minha vida, só tive lucros. Porque eu faço Pilates no SEST/SENAT, faço acupuntura no SEST/SENAT, através do meu convênio do ônibus do transporte escolar. Eu não gasto dinheiro, sabe, então é muito bom. Lá tem nutrição, estou aprendendo a manter o equilíbrio porque eu sou muito gulosa, aprendi ser gulosa desde pequena, então a nutricionista está me ensinando a alimentar direito, uma alimentação rica, saudável, tudo através do SEST/SENAT.

P: Nesse local você participa de atividades voltadas para idosos ou é aberto ao público?

E: É aberto. Lá tem menina, tem juvenzinha, tem jovem, tem adulto, tem tudo quanto é tipo de idade.

P: E quando você desenvolve suas atividades lá, você sente algum tipo de rejeição, pelo fato de você ser mais velha?

E: Não, lá não. Lá eles consideram todos jovens eles. Agora, no curso de idoso, elas me chamam de senhora, acho que elas pensam que eu não sou capaz.

P: Quem, qual que é esse curso, de cuidador?

E: De cuidador.

P: As professoras, as instrutoras?

E: Não, as colegas que participam.

P: É, as pessoas que participam. Aí se eu não entendo alguma coisa, elas escrevem para mim, explicam, como se, assim, eu fosse uma analfabeta.

P: Elas são mais novas?

E: Mas é mulher de 40 anos. (risos)

P: E você aceita numa boa ou você tenta argumentar?

E: Aceito, sou humilde, faço de desentendida para não caçar conflito (risos)

P: Mas, tirando essas questões, você se sente valorizada hoje, aos sessenta e quatro anos de idade?

E: Por um lado sim, por outro não. Igual, no SEBRAE, eu não sinto valorizada, porque elas me tratam assim, como uma velhinha.

P: Depende do lugar que você está então?

E: sim. Igual na EMEI, na EMEI, para elas eu sou um ídolo, elas me consideram muito jovem, sabe, então é um passo para a frente e outro para trás. É complicado.

P: Mas, no geral, você, acha que está tendo algum tipo de dificuldade na convivência?

E: Não, estou não, está tudo bem. Os meninos do ônibus me chamam de você, porque eu detesto ser chamada de senhora. Elas falam assim: “oi, Inêz, como vai você? ”. Então, aquilo lá para mim, esse você, eu amo.

Não é igual as mulheres velhas do SEBRAE que ficam me chamando de senhora, não. Aí elas falam que é educação. (risos)

P: Inêz, me fala um sonho que você tem e que você gostaria de realizar.

E: Um sonho?

P: É, algo que, não necessariamente, você tem desde tempos atrás, ou pode ser algo do presente.

E: Olha, o meu maior sonho, é o sonho que eu vivo hoje, é o que eu sinto que eu queria... morar em apartamento. E hoje eu não quero mais morar em apartamento, eu quero a minha casinha.

P: Você realizou esse sonho?

E: Eu realizei esse sonho que era morar em apartamento que era meu sonho, sonhava, e hoje eu não quero mais morar em apartamento, eu quero morar em casa.

P: o que você sente em relação a morar em apartamento que não foi tão legal?

E: Sufocada, sufocada, não posso jogar água. É..., tem as limitações, não pode fazer barulho, não pode ouvir um som alto. Eu ouvia som no último volume. Aí, você está ouvindo um som lá aí vem falar que tá atrapalhando o vizinho, daí eu quero minha liberdade na casinha, na minha casinha.

P: Você acha que apartamento é mais solitário por ser mais isolado?

E: Isolado. Posso nem deixar a porta aberta, meu marido não deixa. (risos) Aí a casinha pode ficar com a porta aberta. Vou realizar meu sonho, se Deus quiser, um sonho maravilhoso.

P: Além desse sonho, tem algum outro?

E: Não... meu sonho é esse, de voltar para casa. Voltar a morar em casa.

P: Existe algo que você pensa sempre, que você sempre quis fazer que você e ainda não conseguiu?

E: Não, fiz todos sonho meu realizei. Te contar um sonho maravilhoso que eu vivi. Aconteceu quando eu tinha 15 anos, ouvi a música do Tony Damito cantando... Julianaaaa foi na praia do Arpoador, procurou.... ela tal, tal, a música falava tudo isso. E aí, menina, eu fui passear no Rio de Janeiro e vi a praia do Arpoador. Mas foi um sonho lindo, eu conhecer o Arpoador e reviver a música desse cantor. E eu amo essa música.

P: Inêz, estamos encerrando a entrevista por aqui. Eu agradeço a participação e a sua disponibilidade.

E: Desculpa alguma coisa que não respondeu as suas perguntas, mas a gente tentou, viu?

P: Eu tenho certeza. Muito obrigada!

E: De nada!

ENTREVISTADA VI - Venildes Fátima dos Santos

Data: 29/09/2018

Horário de início: 13h30min

Horário de encerramento: 14h20min.

Escolaridade: Ensino Fundamental

Idade: 78 anos

Viúva. Mãe de 05 filhos. Tem 05 netos.

Fez o curso de informática no SESC nos módulos que ocorreram nos anos: 2014, 2015 e 2017.

Ainda é frequentadora do SESC. Faz aulas de Ballet, Coral e Catira. Participa, regularmente de eventos esporádicos como concurso de beleza e de dança.

CATEGORIA: SOCIABILIDADE

P: Descreva sua trajetória profissional, se trabalhava, por quanto tempo. Comente um pouco sobre sua experiência profissional:

E: Eu nunca trabalhei para fora, mas eu sempre fui uma pessoa que buscava sempre conhecimento das coisas, das experiências da vida. Fui dona de casa a vida inteira, embora nunca deixei de participar de cursos e eventos. Eu me envolvia muito com esses aprendizados e atividades porque eu procurava aprender sempre um pouco mais porque eu entendo que nós não podemos ficar parados esperando as coisas acontecerem. Independentemente da idade, eu penso que nós temos que fazer com que as coisas aconteçam.

P: Você tem filhos?

E: Sim. Tenho 5 filhos, 7 netos e 3 bisnetos.

P: Qual o seu conceito de amizade? Fale um pouco se esse seu conceito se modificou ao longo do tempo ou se é o mesmo de hoje em dia?

E: A amizade é algo fundamental para as nossas vidas. Embora exista muito pouco, mas eu acredito que com os cursos, com as atividades que a gente participa o número de amigos aumenta muito. Nós temos com isso, mais oportunidades de conhecer pessoas, de usufruir de nossas amizades, de nossos relacionamentos. Então é importantíssimo. E com esses cursos, inclusive o da informática, nós ampliamos nosso círculo de amizade.

P: Neste contexto, o que o SESC significa para você?

E: O SESC ajuda muito, porque tem os cursos e aqui a gente encontra muitas amizades boas. Então é muito válido.

P: Em relação ao passado, você mantém vínculos de amizade com pessoas com quem conheceu na adolescência e fase adulta?

E: Sim. Tenho bastante. Tenho muitas amizades boas que eu mantenho até hoje. Eu já viajei muito, morei em vários lugares porque meu esposo trabalhava em banco. Então nessas cidades em que morei eu deixei muitas amizades boas. E através da computação, da informática, da internet eu consigo manter essas amizades, manter um relacionamento pelo computador.

Pela internet, eu preparo até passeios e encontros com amigos. Tudo através da Internet.

P: Você busca o auxílio do computador para se aproximar de pessoas distantes? E quanto as pessoas que estão próximas?

E: Eu uso para as pessoas que estão próximas. Mandando mensagem, recebendo mensagens. E também para amizades e parentes distantes. Pessoas que eu gosto. Uso muito o bate-papo pela internet. Então o contato é permanente.

P: Há quanto tempo você faz atividades no SESC:

E: Há 10 anos. Eu procurei o SESC para melhorar o meu convívio social, buscar e ampliar conhecimento pela participação em cursos e ampliar o número de amizades. Eu busco melhorar o relacionamento social em geral.

P: Quais atividades do SESC participa atualmente?

E: Eu já fiz o curso de informática inicial. Atualmente, faço ballet, coral, temos o grupo de catira, participo dos bailinhos de finais de semana e grupos de viagens que o SESC promove.

P: Tem alguma atividade da época do curso de informática que você guarda na lembrança por ter sido marcante?

E: A internet em si é uma descoberta diária. Sempre que estamos utilizando a internet, estamos descobrindo coisas novas, como pagar contas, fazer compras, mandar recados. Inclusive até paqueras. Quando eu me matriculei no curso eu tinha muito pouco conhecimento. Com o curso, esse conhecimento foi ampliado. O curso foi uma porta de entrada para novas descobertas.

P: O curso de informática do SESC melhorou seus vínculos de amizade?

E: O curso melhorou sim. Melhorou meus relacionamentos. Melhorou muito os conceitos que eu tenho da vida em si. E a partir desse curso, eu descobri que não preciso de um jornal ou do aparelho de televisão. Eu posso saber de uma notícia pela internet, assistir um capítulo da novela pelo computador. Então é um conhecimento muito amplo que podemos ter a partir da internet. Isso ajuda muito nos relacionamentos, na aproximação de amigos. Eu me sinto incluída porque tenho acesso a qualquer coisa que eu preciso, inclusive compartilhar esse conhecimento com meus amigos.

P: O que você pensa das redes sociais como Facebook ou WhatsApp?

E: Sim. Tenho muitos contatos de amigos em minhas redes sociais. E eu utilizo sempre para ter contato, para conversar, para mandar e receber mensagens. Utilizo muito esse meio de comunicação. Tenho pessoas, inclusive, que tenho contato somente pelo computador. Porque faço pesquisa das pessoas que aparecem em meu perfil, então, eu descubro onde elas moram, consigo visualizar os amigos que temos em comum, daí eu me sinto segura para conversar. Embora nem sempre tenha proximidade física, existem pessoas que eu sinto vontade de entrar em contato porque percebo uma certa afinidade pelas coisas que são compartilhadas. Então eu sinto que me relacionar com essa pessoa vai me acrescentar coisas positivas. É uma forma que eu encontro para participar da vida de outras pessoas.

P: Nessas relações de amizade você procura falar sobre você ou se restringe a compartilhar imagens em geral?

E: Embora eu tenha uma certa restrição de expor muitas coisas, eu costumo trocar conceitos, pensamentos.

P: O acesso ao computador pode melhorar suas relações de amizade?

E: O computador, atualmente, é algo muito necessário. Onde você vai, sempre tem a informática presente. Então eu percebo que as pessoas cada vez mais dependem do seu uso para se relacionar com o outro. E nós, na terceira idade, não tivemos muita oportunidade de aprender essas coisas atuais. Então, esses cursos, mesmo sendo básicos, nos mantêm atualizados e nos dá a oportunidade de nos sentirmos incluídos no meio social.

P: Você acha que, ao utilizar a Internet, as pessoas se aproximam ou se distanciam mais?

E: Eu acho que se a pessoa ficar focada somente no computador e na internet, as coisas tendem a ficar mais distantes e as relações mais frias. Não há aquele calor humano do contato. Então, por isso eu dou tanto valor aos cursos que participo. Eu acho a internet ajuda e agiliza bastante a vida. Mas, por outro lado, eu acho importantíssimo, o contato real com as pessoas.

CATEGORIA: VELHICE

P: Fale um pouco do seu contexto familiar do passado.

E: Sou de Uberlândia. Saí daqui quando criança e fui para Araguari. Retornei para Uberlândia aos 15 anos. Na minha fase da infância e adolescência, quando não existia celular e nem computador, eu acho que as famílias eram mais unidas. Eu me lembro que todos os finais de semana havia reuniões familiares. Meus parentes não ficavam isolados. Então, havia um contato familiar muito maior. A gente dava muito valor para a família.

Quando fui mãe eu quis manter isso. Eu sempre participei da educação dos meus filhos. Hoje em dia, os filhos não ficam mais com os pais. Eu fiz questão de ficar com meus filhos.

Acompanhava os estudos e participava da vida deles. Aos finais de semana, era sempre um momento de reunir com a família. Não tínhamos outras coisas para nos afastar da família. Hoje, em dia eu acho que tem. A tecnologia é muito importante, mas ela tira demais as pessoas do convívio com as outras pessoas. Você, por exemplo, hoje em dia, vai a um restaurante, chega lá está cada um vendo suas mensagens, preso ao celular. Eu penso que isso precisaria ter um tempo. Cada um tem seu horário para fazer isso para que seja possível o convívio que eu considero importante, que é estar com a família. Eu tento manter até hoje essa união com a família. Mesmo apesar do distanciamento de alguns parentes e dos filhos, nós fazemos um esforço para manter essa união.

Quando nos encontramos, evitamos utilizar o celular para que seja possível um bate papo real uns com os outros.

P: Venildes, conte-me um fato marcante do passado que guarda na memória até os dias atuais. Pode ser algo que tenha sido noticiado no jornal, televisão ou rádio ou, ainda, que tenha presenciado

E: Um fato marcante que eu não tive muita oportunidade ou não tive oportunidade de fazer. Eu vim fazer ballet na terceira idade. Outra coisa importante que eu participei e participo até hoje quando posso ou quando me deixam, são concursos. Essas coisas eu só consegui na terceira idade. Depois dos meus 60 anos. São fatos importantes que eu tenho na lembrança porque sempre quis fazer e que só agora eu consegui realizar.

P: Por que somente na terceira idade conseguiu fazer essas atividades?

E: Acho que foi o interesse e a oportunidade. Quando eu estava criando família eu não tinha oportunidade e nem tempo disponível para participar. Eu prezei, por muito tempo, pelas minhas obrigações com a família e os filhos. Era muito corrido e eu achava que meus filhos tinham que ser prioridade. Embora fosse coisas que eu sempre quis fazer, eu deixei para depois. Há poucos anos, eu pude viver essas lembranças do passado.

P: Hoje em dia, ainda que você tenha mais tempo para fazer as coisas que gosta, você vivencia alguma dificuldade no seu cotidiano para fazer essas atividades?

E: Nenhuma. Eu acho que isso depende muitas vezes da própria pessoa. Com a maturidade, trouxe e ainda está trazendo muita coisa importante. Então eu não sinto o peso da velhice, ou seja, eu me sinto com capacidade de fazer qualquer coisa, tanto mentalmente quanto fisicamente. Essa nova fase veio só acrescentar algo mais na minha vida.

P: O fato de você estar na condição de aposentada ou afastada das atividades, economicamente falando te faz sentir uma pessoa velha?

E: De maneira nenhuma. Isso para mim nunca foi um fator limitante. Em qualquer lugar que eu vá, essa condição de ser velho não influencia em nada. Eu nunca pensei que por estar velha eu não pudesse fazer determinada coisa. Se eu quero, eu posso, eu devo e vou fazer.

P: Você estando nessa fase da maturidade, você percebe algum tratamento diferente das pessoas?

E: Não. Nenhuma diferenciação. Muito pelo contrário. Qualquer coisa que eu vá fazer, nas minhas viagens com a terceira idade (faço muitas viagens) não há nenhum tratamento diferenciado voltado para pessoa idosa. Não tem essa coisa de preferencial. Não tem superproteção.

P: Você acha que as pessoas idosas são mais respeitadas do que antigamente?

E: Antigamente havia um conceito mais forte de velho. Hoje em dia esse conceito se modificou. As pessoas idosas estão mais envolvidas em suas próprias atividades, são dinâmicas. Então, antigamente, o conceito de idoso era algo mais nítido. Hoje em dia não vejo mais essa situação de velho tão definida quanto antes.

P: Pouco antes de iniciarmos a nossa conversa eu a tratei de senhora e percebi que não foi a forma com que, usualmente, você gosta de chamada. Antigamente era mais comum tratar os

mais velhos de senhor/senhora. Você acha que hoje em dia essa forma de tratamento se modificou?

E: Acho que hoje em dia não há mais diferença entre velhos e jovens. A pessoa idosa tem suas mordomias e seus privilégios. Muitas vezes, até exige esses privilégios. Mas eu vejo o idoso como alguém extremamente capaz de qualquer coisa, sem necessidade de ser dependente. Então, eu vejo que a pessoa idosa dependente porque gosta de ser dependente. Muitas vezes ela é dependente porque quer ser, porque gosta de ser dependente. Então eu vejo esse tratamento de senhor/senhora não está muito em uso, uma vez que as pessoas estão tratando os outros de igual para igual.

CATEGORIA: DILEMAS DE VIDA

P: Com o passar dos anos você passou a ser mais dependente das outras pessoas?

E: Não. Novamente pelo contrário. Nas reuniões e muitas atividades as quais participo, não dependo de ninguém. Sempre faço tudo sozinha. Minhas condições físicas e saúde mental me permite não ter dependência nenhuma.

P: Você sente falta da rotina como dona de casa, que cuidava da educação dos filhos?

E: Eu sempre procurei administrar bem a minha rotina. Mas com o tempo, o tempo passa muito rápido. Então eu procuro não ficar pensando ou analisando o que eu fiz ou deveria ter feito. Eu acho que a gente tem que olhar para o que podemos fazer. Se, no passado, ficou algo por fazer, vamos olhar para frente e ver o que ainda pode ser feito. A maturidade é uma coisa inevitável. Não tem como não aceitar. Mas eu vejo como uma fase muito boa. Aquela fase de preocupação com a educação e criação dos filhos que não tem mais. Então, agora, eu vivo uma fase em que não tenho mais tanta responsabilidade como tive em outras épocas. Então, eu posso usufruir do meu tempo da maneira que eu quiser.

P: Hoje em dia, qual a sua rotina diária?

E: Além do SESC, eu faço atividades no CEAI. Dança de salão. Participo de apresentações de dança, na maioria das competições, eu sempre saio como campeã. E também tenho atividades com amigas. A gente faz reuniões aos finais de semana, fazemos passeios. Nós gostamos de jogar baralho. Moro sozinha, tenho a rotina de casa. Com a idade, me tornei uma pessoa sem juízo porque saio e não tenho hora para voltar. Passei a agir como uma pessoa irresponsável. Quando eu saio, não tenho hora para voltar porque sei que não tem ninguém me esperando. Sou totalmente disponível porque qualquer coisa, evento ou atividade que tiver, eu estou sempre disposta para participar. Tenho saúde, disposição, tempo e por isso sou uma pessoa muito feliz!

P: Qual seu passatempo preferido?

E: Não há um passatempo específico. Eu escolho o que quero fazer. Por exemplo, se tem uma viagem, eu olho, analiso e, se decido que vou, eu vou mesmo! Eu hoje, tenho tempo disponível. Por isso agora eu disponho do meu tempo da melhor maneira que eu achar.

P: Com relação ao computador, você acredita que ao estar conectada, você tem a oportunidade de compartilhar o seu conhecimento e a sua experiência de vida com outras pessoas?

E: Sim. Na internet a gente tem oportunidade de conversar, de compartilhar informações. Eu tenho um filho que mora no exterior que eu sempre converso e por isso, me sinto mesmo com a distância, próxima dele. Nas viagens que programo, eu sempre faço pesquisa do lugar, o que este lugar oferece, como é o local que vou ficar. Então, eu considero uma ferramenta muito importante.

P: Nas redes sociais, como Facebook ou WhatsApp, você acredita que tem liberdade para se expressar ou existem apenas trocas de mensagens entre seus contatos?

E: Eu estou em vários grupos de WhatsApp. E nesses grupos sempre acontecem discussões. As pessoas do grupo dão palpite sobre vários assuntos, então, outro membro do grupo contesta, outro manifesta sua opinião. Então cada um fala a sua opinião. A gente conversa muito pelo

bate-papo. Eu vejo que, assim como eu ouço as pessoas, eu também falo e dou minhas opiniões. Acho que sou ouvida. Principalmente entre pessoas distantes ou não. Eu acredito que essa conexão facilita muito a comunicação nos dias de hoje. A gente conversa sobre tudo. De uma simples troca de receita a debates que envolvem política. Eu acho que isso é comunicação.

P: Qual o sonho que você gostaria de realizar?

E: Um sonho... eu acho o seguinte, a pessoa de qualquer idade, ela tem que ter objetivo (que não deixa de ser um sonho), ela tem que ter ilusão (ilusão faz parte da vida), ela tem que ter vaidade (porque a pessoa vaidosa é bonita, agradável), e ela tem que ter sonhos. A pessoa que não tem sonho, objetivo e vaidade...acabou a vida para ela. Então, a pessoa precisa ter sonhos. Não importa o sonho que ela queira realizar. Simplesmente o sonho aparece de momento. Por exemplo, hoje eu vou fazer uma comida diferente. É um sonho. Hoje eu vou passear no shopping. Também não deixa de ser um sonho. Então, você junta o objetivo, um sonho e a vaidade. A felicidade é um momento. A pessoa tem que aprender a aproveitar os momentos felizes. Porque felicidade permanente não existe. Mas existem momentos felizes que a pessoa tem que aproveitar ao máximo. Não reclamar de coisas do passado e olhar só as coisas boas.

P: Como você pensa seu futuro?

E: Eu penso o seguinte: Quero ser feliz hoje e agora. Porque ontem já passou e o amanhã, eu não sei. Então eu vou ser feliz hoje. O futuro é o presente. O amanhã a gente deixa para os sonhos. Mas vamos ser feliz hoje.

P: O que é viver para você?

E: Viver para mim, estando na terceira idade, agora que já completei 87 anos, viver é o seguinte: vamos ser feliz. Ser uma pessoa bem-humorada, porque a pessoa com bom humor é agradável, bem quista e que se encaixa em qualquer lugar que ela esteja.

P: Estamos encerrando a entrevista às 14h15, agradecendo a participação e o seu depoimento, Venildes.

E: Eu espero ter atingido seus objetivos. Fico muito feliz por saber que houve o interesse da sua parte em ouvir um pouco do que eu penso.

APÊNDICE B – Termos de Autorização de Uso de Imagem e Depoimentos dos Entrevistados



Universidade Federal de Uberlândia
Faculdade de Educação
Programa de Pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu Dejanair Cristina, depois de conhecer e entender os objetivos e procedimentos metodológicos da pesquisa “*A Identidade do Velho na Cibercultura: Análise Cultural da Experiência do grupo Os Mais Vividos de Uberlândia-MG*”, do curso de Mestrado Profissional Interdisciplinar em Comunicação, Educação e Tecnologias da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), bem como estar ciente da importância do uso da minha imagem e de meus depoimentos, AUTORIZO, através do presente termo, a discente Sílvia Beatriz dos Santos a realizar, sob a orientação do Professor Doutor Gerson de Sousa, registros fotográficos que se fizerem necessários e/ou a gravar meu depoimento em vídeo/áudio (filmagem) sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

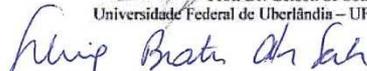
Ao mesmo tempo, libero a utilização destas entrevistas, depoimentos e fotos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides, congressos, seminários, entre outros), por tempo indeterminado em favor da discente e do professor acima especificados, desde que sem fins lucrativos.

Os depoimentos e registros fotográficos concedidos pelo/a participante integrarão a Dissertação de Mestrado Profissional em Tecnologias, Comunicação e Educação da Universidade Federal de Uberlândia da pesquisadora que será, após a defesa disponibilizada para a comunidade.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa poderá ser sanada mediante contato com: Gerson de Sousa, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, situada na avenida João Naves de Ávila, nº 2121, bloco 1G, sala 122, campus Santa Mônica – Uberlândia (MG), CEP: 38408-100 e pelo telefone (34) 3291-8311.

Uberlândia, 21 de setembro de 2018.


Prof. Dr. Gerson de Sousa
Universidade Federal de Uberlândia – UFU


Sílvia Beatriz dos Santos
Discente - Pesquisadora


Fonte entrevistada



Universidade Federal de Uberlândia

Faculdade de Educação

Programa de Pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu EUNICE DE Jesus Manduca, depois de conhecer e entender os objetivos e procedimentos metodológicos da pesquisa "*A Identidade do Velho na Cibercultura: Análise Cultural da Experiência do grupo Os Mais Vividos de Uberlândia-MG*", do curso de Mestrado Profissional Interdisciplinar em Comunicação, Educação e Tecnologias da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), bem como estar ciente da importância do uso da minha imagem e de meus depoimentos, AUTORIZO, através do presente termo, a discente Sílvia Beatriz dos Santos a realizar, sob a orientação do Professor Doutor Gerson de Sousa, registros fotográficos que se fizerem necessários e/ou a gravar meu depoimento em vídeo/áudio (filmagem) sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

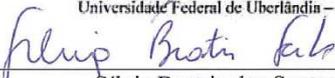
Ao mesmo tempo, libero a utilização destas entrevistas, depoimentos e fotos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides, congressos, seminários, entre outros), por tempo indeterminado em favor da discente e do professor acima especificados, desde que sem fins lucrativos.

Os depoimentos e registros fotográficos concedidos pelo/a participante integrarão a Dissertação de Mestrado Profissional em Tecnologias, Comunicação e Educação da Universidade Federal de Uberlândia da pesquisadora que será, após a defesa disponibilizada para a comunidade.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa poderá ser sanada mediante contato com: Gerson de Sousa, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, situada na avenida João Naves de Ávila, nº 2121, bloco 1G, sala 122, campus Santa Mônica – Uberlândia (MG), CEP: 38408-100 e pelo telefone (34) 3291-8311.

Uberlândia, 24 de Setembro de 2018.


Prof. Dr. Gerson de Sousa
Universidade Federal de Uberlândia – UFU


Sílvia Beatriz dos Santos
Discente - Pesquisadora


Eunice de Jesus Manduca
Fonte entrevistada



Universidade Federal de Uberlândia
 Faculdade de Educação
 Programa de Pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu Lázaro Marques Rodrigues, depois de conhecer e entender os objetivos e procedimentos metodológicos da pesquisa "*A Identidade do Velho na Cibercultura: Análise Cultural da Experiência do grupo Os Mais Vividos de Uberlândia-MG*", do curso de Mestrado Profissional Interdisciplinar em Comunicação, Educação e Tecnologias da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), bem como estar ciente da importância do uso da minha imagem e de meus depoimentos, AUTORIZO, através do presente termo, a discente Sílvia Beatriz dos Santos a realizar, sob a orientação do Professor Doutor Gerson de Sousa, registros fotográficos que se fizerem necessários e/ou a gravar meu depoimento em vídeo/áudio (filmagem) sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

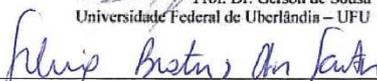
Ao mesmo tempo, libero a utilização destas entrevistas, depoimentos e fotos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides, congressos, seminários, entre outros), por tempo indeterminado em favor da discente e do professor acima especificados, desde que sem fins lucrativos.

Os depoimentos e registros fotográficos concedidos pelo/a participante integrarão a Dissertação de Mestrado Profissional em Tecnologias, Comunicação e Educação da Universidade Federal de Uberlândia da pesquisadora que será, após a defesa disponibilizada para a comunidade.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa poderá ser sanada mediante contato com: Gerson de Sousa, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, situada na avenida João Naves de Ávila, nº 2121, bloco 1G, sala 122, campus Santa Mônica – Uberlândia (MG), CEP: 38408-100 e pelo telefone (34) 3291-8311.

Uberlândia, 24 de setembro de 2018.


 Prof. Dr. Gerson de Sousa
 Universidade Federal de Uberlândia – UFU


 Sílvia Beatriz dos Santos
 Discente - Pesquisadora


 Fonte entrevistada
 Lázaro Marques Rodrigues



Universidade Federal de Uberlândia

Faculdade de Educação

Programa de Pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

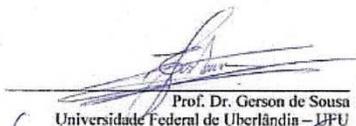
Eu Lurdinete Pantan Manzi, depois de conhecer e entender os objetivos e procedimentos metodológicos da pesquisa “*A Identidade do Velho na Cibercultura: Análise Cultural da Experiência do grupo Os Mais Vividos de Uberlândia-MG*”, do curso de Mestrado Profissional Interdisciplinar em Comunicação, Educação e Tecnologias da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), bem como estar ciente da importância do uso da minha imagem e de meus depoimentos, AUTORIZO, através do presente termo, a discente Sílvia Beatriz dos Santos a realizar, sob a orientação do Professor Doutor Gerson de Sousa, registros fotográficos que se fizerem necessários e/ou a gravar meu depoimento em vídeo/áudio (filmagem) sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

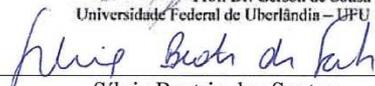
Ao mesmo tempo, libero a utilização destas entrevistas, depoimentos e fotos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides, congressos, seminários, entre outros), por tempo indeterminado em favor da discente e do professor acima especificados, desde que sem fins lucrativos.

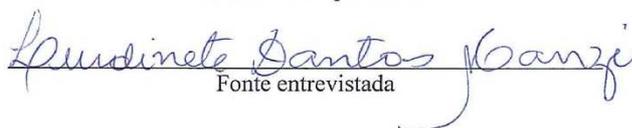
Os depoimentos e registros fotográficos concedidos pelo/a participante integrarão a Dissertação de Mestrado Profissional em Tecnologias, Comunicação e Educação da Universidade Federal de Uberlândia da pesquisadora que será, após a defesa disponibilizada para a comunidade.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa poderá ser sanada mediante contato com: Gerson de Sousa, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, situada na avenida João Naves de Ávila, nº 2121, bloco 1G, sala 122, campus Santa Mônica – Uberlândia (MG), CEP: 38408-100 e pelo telefone (34) 3291-8311.

Uberlândia, 27 de setembro de 2018.


Prof. Dr. Gerson de Sousa
Universidade Federal de Uberlândia – UFU


Sílvia Beatriz dos Santos
Discente - Pesquisadora


Lurdinete Santos Manzi
Fonte entrevistada



Universidade Federal de Uberlândia
 Faculdade de Educação
 Programa de Pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu Maria Inez Otaviano de Abreu, depois de conhecer e entender os objetivos e procedimentos metodológicos da pesquisa “*A Identidade do Velho na Cibercultura: Análise Cultural da Experiência do grupo Os Mais Vividos de Uberlândia-MG*”, do curso de Mestrado Profissional Interdisciplinar em Comunicação, Educação e Tecnologias da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), bem como estar ciente da importância do uso da minha imagem e de meus depoimentos, AUTORIZO, através do presente termo, a discente Sílvia Beatriz dos Santos, sob a orientação do Professor Doutor Gerson de Sousa, a produzir fotografias e realizar entrevistas sobre o tema desenvolvido na presente pesquisa.

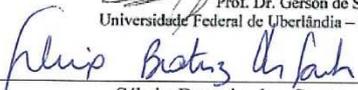
Vale ressaltar que o/a participante não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar da presente pesquisa. Toda a produção desenvolvida pela discente será abordada em sua dissertação final do Programa de Pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação da Universidade Federal de Uberlândia, que será, após a defesa, devolvida para a comunidade.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas informações, entrevistas, depoimentos e fotos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides, congressos, seminários, entre outros), por tempo indeterminado em favor da discente e do professor acima especificados, desde que sem fins lucrativos.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa poderá ser sanada mediante contato com: Gerson de Sousa, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, situada na avenida João Naves de Ávila, nº 2121, bloco 1G, sala 122, campus Santa Mônica – Uberlândia (MG), CEP: 38408-100 e pelo telefone (34) 3291-8311.

Uberlândia, 05 de Setembro de 2018.


 Prof. Dr. Gerson de Sousa
 Universidade Federal de Uberlândia – UFU


 Sílvia Beatriz dos Santos
 Discente - Pesquisadora


 Fonte entrevistada



Universidade Federal de Uberlândia

Faculdade de Educação

Programa de Pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu Sílvia Beatriz dos Santos, depois de conhecer e entender os objetivos e procedimentos metodológicos da pesquisa “*A Identidade do Velho na Cibercultura: Análise Cultural da Experiência do grupo Os Mais Vividos de Uberlândia-MG*”, do curso de Mestrado Profissional Interdisciplinar em Comunicação, Educação e Tecnologias da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), bem como estar ciente da importância do uso da minha imagem e de meus depoimentos, AUTORIZO, através do presente termo, a discente Sílvia Beatriz dos Santos a realizar, sob a orientação do Professor Doutor Gerson de Sousa, registros fotográficos que se fizerem necessários e/ou a gravar meu depoimento em vídeo/áudio (filmagem) sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

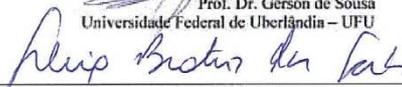
Ao mesmo tempo, libero a utilização destas entrevistas, depoimentos e fotos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides, congressos, seminários, entre outros), por tempo indeterminado em favor da discente e do professor acima especificados, desde que sem fins lucrativos.

Os depoimentos e registros fotográficos concedidos pelo/a participante integrarão a Dissertação de Mestrado Profissional em Tecnologias, Comunicação e Educação da Universidade Federal de Uberlândia da pesquisadora que será, após a defesa disponibilizada para a comunidade.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa poderá ser sanada mediante contato com: Gerson de Sousa, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, situada na avenida João Naves de Ávila, nº 2121, bloco 1G, sala 122, campus Santa Mônica – Uberlândia (MG), CEP: 38408-100 e pelo telefone (34) 3291-8311.

Uberlândia, 29 de Setembro de 2018.


Prof. Dr. Gerson de Sousa
Universidade Federal de Uberlândia – UFU



Sílvia Beatriz dos Santos
Discente - Pesquisadora



Fonte entrevistada

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu Fernanda Altina Reis, depois de conhecer e entender os objetivos e procedimentos metodológicos do trabalho "*A Identidade do Velho na Cibercultura: Análise Cultural da Experiência do grupo Os Mais Vividos de Uberlândia-MG*", do curso de Mestrado Profissional Interdisciplinar em Comunicação, Educação e Tecnologias da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), bem como estar ciente da importância do uso da minha imagem e de meus depoimentos, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, a discente Sílvia Beatriz dos Santos, sob a orientação do Professor Doutor Gerson de Sousa, a realizar pesquisa histórico-científica que englobará informações institucionais e dados dos cursistas integrantes do Grupo Os Mais Vividos do Serviço Social do Comércio (SESC UBERLÂNDIA), para mapeamento e posterior abordagem em forma de entrevista, sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas informações, entrevistas, depoimentos e fotos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides, congressos, seminários, entre outros), por tempo indeterminado em favor da discente e do professor acima especificados, desde que sem fins lucrativos.

Qualquer dúvida a respeito do projeto poderá ser sanada mediante contato com: Gerson de Sousa, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, situada na avenida João Naves de Ávila, nº 2121, bloco 1G, sala 122, campus Santa Mônica – Uberlândia (MG), CEP: 38408-100 e pelo telefone (34) 3291-8311.

Uberlândia, 03 de julho de 2018.

GERSON DE SOUSA
Orientador do Projeto

Sílvia Beatriz dos Santos
SÍLVIA BEATRIZ DOS SANTOS
Orientanda do Projeto

[Assinatura]
Fonte entrevistada

Fernanda Altina Reis
Analista de Serviços Sociais
Sesc Uberlândia / Sesc em Minas

9. ANEXO

ANEXO A – Registros fotográficos dos sujeitos da pesquisa

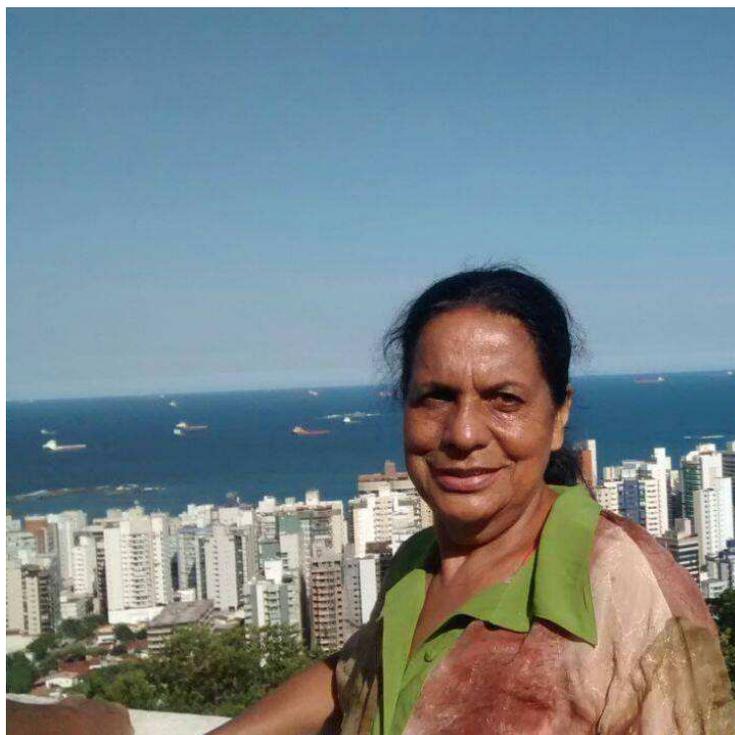
DEJAMIR CRISTINA



Fonte: Facebook, 05 set. 2018. 13 horas.



Turma de Informática Básica para Idoso do Sesc Uberlândia-MG – julho/2016
Fonte: Arquivo pessoal do instrutor Hugo Daniel Ferreira Silva.

EUNICE DE JESUS MARQUES

Fonte: Facebook, 05 set. 2018. 13 horas.



Turma de Informática Básica para Idoso do Sesc Uberlândia-MG – abril/2017.
Fonte: Arquivo pessoal do instrutor Hugo Daniel Ferreira Silva.

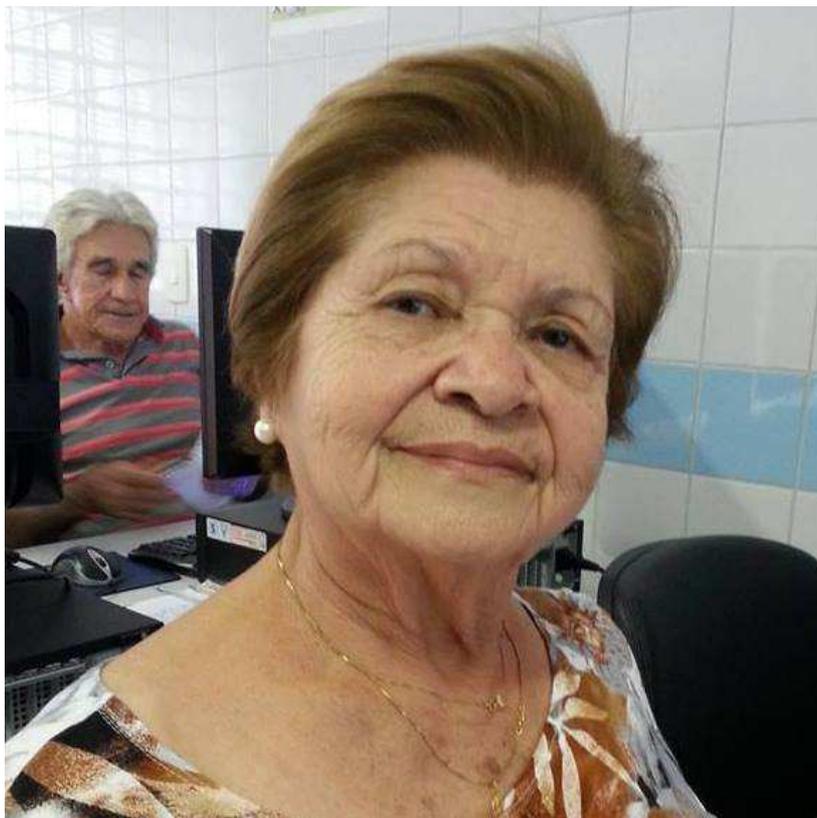
LÁZARO MARQUES RODRIGUES



Fonte: Facebook, 05 set. 2018. 13 horas.



Turma de Informática Básica para Idoso do Sesc Uberlândia-MG – fevereiro/2015.
Fonte: Arquivo pessoal do instrutor Hugo Daniel Ferreira Silva.

LURDINETE DANTAS MANZI

Fonte: Facebook, 05 set. 2018. 13 horas.



Turma de Informática Básica para Idoso do Sesc Uberlândia-MG – junho/2015.
Fonte: Arquivo pessoal do instrutor Hugo Daniel Ferreira Silva.

MARIA INEZ OTAVIANO ABREU

Fonte: Facebook, 05 set. 2018. 13 horas.



Turma de Informática Básica para Idoso do Sesc Uberlândia-MG – abril/2015.
Fonte: Arquivo pessoal do instrutor Hugo Daniel Ferreira Silva.

VENILDES DE FÁTIMA SANTOS

Fonte: Facebook, 05 set. 2018. 13 horas.



Turma de Informática Básica para Idoso do Sesc Uberlândia-MG – setembro/2014.
Fonte: Arquivo pessoal do instrutor Hugo Daniel Ferreira Silva.

ANEXO B – Planejamento das aulas da Informática básica para a terceira idade do SESC Uberlândia do ano de 2016

		Informática Básica 3ª Idade	
Curso:		Informática Básica 3ª idade (Windows, Word, PowerPoint e Internet).	
Instrutor:		Hugo Daniel Ferreira Silva Ferreira Silva	
Período:		10-10-2016 à 21-12-2016	Turma: Seg. Ter. e Qua (13:00h às 15:00hs)
Objetivos do curso: Desenvolver a capacidade do aluno na prática de atividades ligadas à área de informática de modo atualizado, visando à ampla utilização dos recursos de editoração de texto, softwares de apresentação e demais aplicativos. O curso é dividido nos módulos: Windows, Word, Power Point e Internet.		Bibliografia Básica: Apostila do curso de autoria do professor.	
Metodologia: As aulas serão práticas e presenciais; O curso visa o conhecimento da informática com a utilização de todos os recursos disponíveis num ambiente informatizado e colaborativo, via Internet.			
Avaliação: A forma de avaliação será distribuída em provas ao término de cada módulo no valor de 100 pontos cada, para a aprovação do aluno será necessária uma média mínima de 60%. O fator essencial para a proposta é a frequência igual ou superior a 85%, para a aquisição de certificado.			
Ementa: O Impacto da tecnologia da informática na sociedade. Utilização dos recursos de informática no tratamento de informações. Sistemas operacionais, componentes básicos do Sistema Operacional Windows. Processador de texto, apresentação multimídia, e principais ferramentas da web.			

Plano de Aula Windows / Digitação						
Aula	Data	Tema	Objetivos	Atividades	Orientação	Recursos Necessários
01	10/10/16	Microsoft Windows Área de trabalho / A barra de tarefas do computador e o botão iniciar / Os ícones / Abrindo e fechando programas e pastas	Conhecer o ambiente de trabalho do computador	Instruções práticas e atividades.	Pág. 3 a 7	Computadores e data show
02	11/10/16	Os Acessórios do computador Bloco de notas / O Teclado do computador	Os principais programas do Windows	Instruções práticas e atividades.	Pág. 8 a 10	Computadores e data show
03	17/10/16	Os aplicativos do Windows / Clima / Dinheiro Wordpad / Digitando um texto	Conhecer o editor de textos básico do Windows, criar um texto para aprimorar o teclado	Instruções práticas e atividades.	Pág. 10 a 11	Computadores e data show
04	18/10/16	Calculadora	Fazer contas no computador, descobrir a quantidade de dias entre uma data e outra	Instruções práticas e atividades.	Pág. 11 a 13	Computadores e data show
05	19/10/16	Paint	Fazer desenhos divertidos e interativos	Instruções práticas e atividades.	Pág. 13 a 15	Computadores e data show
06	24/10/16	Arquivos e Pastas	Como organizar os arquivos em seu computador, copiar, colar, entre outros	Instruções práticas e atividades.	Pág. 15 a 20	Computadores e data show
07	25/10/16	Pen Drive	Como organizar os arquivos em seu computador, copiar, colar, entre outros	Instruções práticas e atividades.	Pág. 15 a 20	Computadores e data show
08	26/10/16	Avaliação do Windows no valor de 10 pontos		PROVA	-	Computadores
Plano de Aula Word						
Aula	Data	Tema	Objetivos	Atividades	Orientação	Recursos Necessários
01	31/10/16	Microsoft Word 2016 Digitando um texto Formatação de texto	Conhecer esta poderosa ferramenta de edição de textos, digitar e personalizar seus documentos de texto	Instruções práticas e atividades.	Pág. 3 a 5	Computadores e data show

Plano de Aula Windows / Digitação						
Aula	Data	Tema	Objetivos	Atividades	Orientação	Recursos Necessários
02	01/11/16	Correção de ortografia e gramática Salvando um documento Abrindo um documento	Fazer a correção ortográfica e gramatical de seu documento, salvar seus trabalhos e abri-los.	Instruções práticas e atividades.	Pág. 5 a 8	Computadores e data show
03	07/11/16	Configuração do DESIGN da página Borda de página / Cor da Página Marca d'água da página Configuração do Layout da página	Configurar a página que será impressa colocando marca d'água, bordas e muitos mais	Instruções práticas e atividades.	Pág. 9 a 11	Computadores e data show
04	08/11/16	Inserindo elementos gráficos Tabela / Cabeçalhos e Rodapés Imagem Online / Formas / Wordart	Inserir objetos (imagens, tabelas, formas) para personalizar seu documento	Instruções práticas e atividades.	Pág. 11 a 15	Computadores e data show
05	09/11/16	Impressão Atividades de Revisão	Configurar a impressão de seu documento e revisar todo conteúdo obtido até aqui no módulo de Word	Instruções práticas e atividades.	Pág. 17 a 19	Computadores e data show
06	16/11/16	Avaliação do Word no valor de 10 pontos		PROVA	-	Computadores

Plano de Aula PowerPoint						
Aula	Data	Tema	Objetivos	Atividades	Orientação	Recursos Necessários
01	21/11/16	Microsoft PowerPoint 2016 Como são divididas as ferramentas do PowerPoint? Slide / Formatar slides	Conhecer a ferramenta Microsoft PowerPoint e as noções básicas para se criar apresentações de slides	Instruções práticas e atividades.	Pág. 4 a 7	Computadores e data show
02	22/11/16	Design do slide Planos de fundo dos slides	Conhecer os diversos temas de slides, aplicar diferentes planos de fundo para eles, exibir e ocultar elementos gráficos	Instruções práticas e atividades.	Pág. 7 a 9	Computadores e data show
03	23/11/16	Inserindo elementos no slide Imagens online, formas Wordart / Smartart /	Inserir objetos no palco dos slides para criar uma apresentação atrativa e	Instruções práticas e atividades.	Pág. 9 a 15	Computadores e data show

Plano de Aula PowerPoint						
Aula	Data	Tema	Objetivos	Atividades	Orientação	Recursos Necessários
		Tabelas	extravagante			
04	28/11/16	Continuação da aula anterior, inserindo elementos gráficos na apresentação	Inserir objetos no palco dos slides para criar uma apresentação atrativa e extravagante	Instruções práticas e atividades.	Pág. 9 a 15	Computadores e data show
05	29/11/16	Transições de slides	Efeito de passar de um slide para outro	Instruções práticas e atividades.	Pág. 15 a 19	Computadores e data show
06	30/11/16	Desenvolver uma apresentação de slides em dupla para apresentar no dia seguinte	-	PROVA		Computadores e data show
07	05/12/16	Apresentação do seminário desenvolvido individualmente	-	PROVA		Computadores e data show
Plano de Aula Internet						
Aula	Data	Tema	Objetivos	Atividades	Orientação	Recursos Necessários
01	06/12/16	O que é a Internet? Como surgiu a Internet? Conectando a Internet	Teorias e dados históricos sobre a Internet, a maior rede mundial de computadores do mundo	Instruções práticas e atividades.		Computadores e data show
02	07/12/16	Os navegadores da Internet Navegando com segurança na internet Navegando na Internet	Conhecer quais são os programas usados para navegar na internet, acessar páginas	Instruções práticas e atividades.		Computadores e data show
03	12/12/16	Principais sites da Internet Acessando o Google Maps Descobrir como chegar e ver a casa	Conhecer os sites mais acessados, ver notícias, assistir vídeos, descobrir a distância entre cidades	Instruções práticas e atividades.		Computadores e data show
04	13/12/16	Trabalhando com imagens na Internet Utilizando o e-mail (Hotmail)	Salvar imagens da Internet em seu computador, definir imagens como plano de fundo. Dominar um e-mail	Instruções práticas e atividades.		Computadores e data show
05	14/12/16	Trabalhando com redes sociais (Facebook) Bate papo do Facebook	Conhecer a maior rede social do mundo, se comunicar com amigos, ver fotos, postar fotos e muito mais	Instruções práticas e atividades.		Computadores e data show

Plano de Aula Internet						
Aula	Data	Tema	Objetivos	Atividades	Orientação	Recursos Necessários
06	19/12/16	Vírus e antivírus de computador	Entender o que são e o que causam os vírus de computador	Instruções práticas e atividades.		Computadores e data show
07	20/12/16	Avaliação de Internet no valor de 10 pontos	-	PROVA	-	-
08	21/12/16	Confraternização de encerramento da turma	-	-	-	-
Comentários do Professor: NUNCA DESISTA! A persistência é o caminho para a vitória. O Plano de Aula poderá sofrer alterações de acordo com a necessidade e o desempenho da turma.			Mini Currículo do instrutor: Professor de Informática no SESC para todas as idades; Atualmente cursa MBA em Gestão Financeira pela ESAMC; Graduado em Gestão Financeira pela FPU; Técnico em Edificações pelo SENAI; Graduado em Informática pela IFTM.			